

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

**LUCIANO DE CARVALHO LIRIO**

**ADOLESCER EM UM CONTEXTO FUNDAMENTALISTA  
PENTECOSTAL GAÚCHO**

São Leopoldo

2013

LUCIANO DE CARVALHO LIRIO

ADOLESCER EM UM CONTEXTO FUNDAMENTALISTA  
PENTECOSTAL GAÚCHO

Dissertação de Mestrado  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Área de concentração: Religião e Educação

Orientadora: Gisela Isolde Waechter Streck

São Leopoldo

2013

Confie no Senhor de todo o coração e não se apoie na sua própria inteligência.

Lembre de Deus em tudo o que fizer, e ele lhe mostrará o caminho certo.

Provérbios 3: 5,6

LUCIANO DE CARVALHO LIRIO

ADOLESCER EM UM CONTEXTO FUNDAMENTALISTA PENTECOSTAL  
GAÚCHO

Dissertação de mestrado  
Para obtenção do grau de Mestre  
em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Religião e Educação

Data: 05 de junho de 2013

Gisela Isolde Waechter Streck – Doutora em Teologia – EST

---

Remí Klein – Doutor em Teologia – EST

---

Luciana Facchini – Doutora em Pedagogia – PUC/RS

---

## RESUMO

O presente trabalho foi realizado com o apoio do CAPES – Brasil e propõe uma reflexão sobre a adolescência vivida num contexto fundamentalista pentecostal gaúcho, adotando como parâmetro a Igreja Batista Conservadora, tendo como objetivo específico conceituar o que é ser adolescente nessas igrejas que surgem num cenário religioso brasileiro neopentecostal, pós-moderno e pluralista, mas que evocam um pertencimento ao movimento pentecostal clássico iniciado no país há um século. As múltiplas adolescências vividas nos espaços religiosos fundamentalistas são analisadas no primeiro capítulo, sendo mais específico numa denominação nascida no Rio Grande do Sul. Observando que manifestações culturais se produzem nesse cenário, são utilizadas como referencial teórico-metodológico contribuições da Psicologia, da Sociologia, das Ciências Biológicas e sua articulação com a Teologia e a Pedagogia sob perspectiva pós-moderna. O segundo capítulo propõe uma reflexão sobre o fundamentalismo e a sua influência nos adolescentes pentecostais gaúchos, tendo como objetivo específico analisar como os adolescentes constroem e compartilham formas particulares de entender o mundo globalizado, compreendem a realidade que se desenha à sua volta e expressam a fé em um contexto fundamentalista gaúcho. No terceiro capítulo o fundamentalismo é analisado no recorte cristão – protestante – pentecostal, reconhecendo que existem outros matizes fundamentalistas e delimitando o perímetro da pesquisa. Foi realizada pesquisa social a fim de aferir a realidade vivenciada pelos adolescentes em um contexto fundamentalista pentecostal gaúcho.

Palavras – chave: Adolescência. Fundamentalismo. Pós-Modernidade. Pentecostal.

## ABSTRACT

This research was carried out with the support of CAPES – Brasil and proposes a reflection on the adolescence experienced in a Gaúcho Pentecostal fundamentalist context, adopting as parameter the Igreja Batista Conservadora [The Conservative Baptist Church], having as a specific goal to conceptualize what it means to be adolescent in these churches which arise in a neo-Pentecostal, post-modern and pluralist religious Brazilian scenario, but which evoke a belonging to the classical Pentecostal movement begun in the country a century ago. In the first chapter I propose the analysis of the adolescence experienced in fundamentalist religious spaces, and being more specific, in a denomination which was born in Rio Grande do Sul. Observing which cultural manifestations are produced in this scenario, I use as theoretical-methodological references the contributions from Psychology, Sociology, Biological Sciences and their articulation with Theology and Pedagogy in the post modern perspective. The second chapter proposes a reflection on fundamentalism and its influence on Gaúcho Pentecostal adolescents, having as a specific goal to analyze how the adolescents construct and share particular ways of understanding the globalized world, understand the reality which is drawn out around them and express the faith in a fundamentalist Gaúcho context. In the third chapter the fundamentalism is analyzed in a Christian – Protestant – Pentecostal cutout, recognizing that other fundamentalist matrices exist and thus delimiting the perimeter of the research. A social research was carried out so as to verify the reality experienced by the adolescents in a Gaúcho Pentecostal fundamentalist context.

Key words: Adolescence. Fundamentalism. Pentecostal. Post-Modernity.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, autor e razão de meu viver, agradeço por me conduzir a esta vitória e por me ensinar que cada novo dia é um presente permeado por pequenas e grandes bênçãos;

Aos meus amigos pais, Valdir e Maria Aparecida, por me darem o apoio necessário e fazerem de mim eterno devedor das mais sinceras e caras demonstrações de afeto filial;

Ao meu irmão e sempre amigo, José Ricardo, agradeço por acreditar em minha capacidade, incentivando-me e colaborando na minha vida acadêmica;

Aos meus queridos filhos José Lucas e Jônatas, companheiros constantes e destemidos em todas as nossas experiências;

À minha orientadora, Dr<sup>a</sup> Gisela I. W. Streck, minha especial gratidão pela disponibilidade, pelo apoio e por orientar a pesquisa e por ir além da tarefa docente, demonstrando amizade e compreensão;

Aos sempre presentes amigos, Rinaldo e Ligia, por terem me hospedado em seu lar e em seus corações, tendo em muito cooperado com a minha vitória;

Aos amigos Birajara, Mirian, Silvana, Ondina e Daniele por de uma ou outra forma se mostrarem sempre presentes no decorrer deste curso;

Ao Programa de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia, bem como, à equipe de professores e funcionários que, direta ou indiretamente, acompanharam os diversos momentos de elaboração deste trabalho;

Aos pastores Armindo e Fábio e à Igreja Batista Conservadora onde se realizou esta pesquisa, por me proporcionarem o espaço e o tempo necessários para a execução da mesma;

À E.M.E.F. Irmão Nilo, na pessoa da diretora Viviane Griebeler e todo corpo docente, discente e funcionários, espaço em que vivenciei toda a minha estadia no Rio Grande do Sul, obrigado pelo carinho e pela compreensão.

Aos colegas de aula do curso de mestrado pela amizade e pela troca de conhecimentos;

À Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Ensino Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos.

## DEDICATÓRIA

Ao Eterno Deus Pai  
Ao Salvador Cristo Jesus  
Ao Divino Espírito Santo  
Todo louvor e toda glória.  
Aos meus pais e patrocinadores  
Valdir e Maria Aparecida  
Ao sempre amigo e irmão  
José Ricardo  
Aos destemidos e corajosos filhos  
José Lucas e Jônatas  
Aos verdadeiros e constantes  
Amigos gaúchos  
À pesquisadora Daniela Medeiros  
Aos pastores e irmãos em Cristo  
Aos meus familiares e parentes na Terra  
Aos meus tios Djalma, Delmo e Durval  
In Memoria



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. CONCEPÇÕES SOBRE ADOLESCÊNCIA.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1. A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA ADOLESCÊNCIA.....</b>	<b>17</b>
1.1.1 Adolescência na Antiguidade.....	20
1.1.2 Adolescência na Idade Média.....	23
1.1.3 Adolescência na Modernidade.....	26
<b>1.2. TERMOS E CONCEITOS SOBRE ADOLESCÊNCIA.....</b>	<b>29</b>
1.2.1 Adolescência e puberdade.....	32
1.2.2 Adolescência <i>a priori</i> da humanidade.....	35
1.2.3 Adolescência: interpretação sócio-histórica.....	38
<b>1.3. ADOLESCÊNCIA NA PÓS – MODERNIDADE.....</b>	<b>41</b>
1.3.1 Adolescências que nos escapam.....	44
1.3.2 Ciberadolescência .....	47
1.3.3 Adolescência ninja.....	50
<b>2. O FUNDAMENTALISMO E A SUA INFLUÊNCIA EM ADOLESCENTES PENTECOSTAIS GAÚCHOS .....</b>	<b>53</b>
<b>2.1 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO FUNDAMENTALISMO.....</b>	<b>57</b>
2.1.1 Para entender o Fundamentalismo.....	60
2.1.2 Termos e conceitos sobre Fundamentalismo.....	63
2.1.3 Fundamentalismo através da história.....	66
<b>2.2 ADOLESCÊNCIAS NUM CONTEXTO FUNDAMENTALISTA.....</b>	<b>69</b>
2.2.1 As identificações no ambiente fundamentalista.....	72
2.2.2 Adolescentes tradutores e traduzidos.....	75
2.2.3 Adolescentes <i>Heróis da Resistência</i> .....	78

<b>2.3 CIBERFUNDAMENTALISMO – O Senhor é o meu provedor, minha rede não cairá.....</b>	<b>81</b>
2.3.1 Sites fundamentalistas: o <i>boom</i> de uma disputa simbólica.....	84
2.3.2 Lutando nos sites do Senhor.....	87
2.3.3 Fundamentos Inabaláveis na rede.....	90
<b>3. PENTECOSTALISMO FUNDAMENTALISTA – adolescentes em um CTG Espiritual.....</b>	<b>93</b>
<b>3.1 O MOVIMENTO PENTECOSTAL .....</b>	<b>97</b>
3.1.1 Pneumáticos na História .....	100
3.1.2 Os inícios do reavivamento pentecostal moderno.....	103
3.1.3 Pentecostalismos no Brasil.....	106
<b>3.2 ADOLESCENTES E UM CONTEXTO PENTECOSTAL – Pesquisa social.....</b>	<b>109</b>
3.2.1 Metodologia e procedimentos para coleta de dados.....	111
3.2.2 Sistematização e análise dos dados obtidos.....	114
3.2.3 Do questionário.....	115
3.2.4 Da observação.....	120
<b>3.3 CATEGORIAS INICIAIS .....</b>	<b>123</b>
3.3.1 Considerando a adolescência.....	124
3.3.2 Considerando o fundamentalismo.....	125
3.3.3 Considerando o pentecostalismo.....	126
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>129</b>
<b>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ADOLESCENTES.....</b>	<b>145</b>
<b>ANEXO B – QUESTIONÁRIO PARA ADOLESCENTES.....</b>	<b>147</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado com o apoio do CAPES – Brasil e propõe uma reflexão sobre a adolescência vivida num contexto fundamentalista pentecostal gaúcho, adotando como parâmetro a Igreja Batista Conservadora, tendo como objetivo específico conceituar o que é ser adolescente nessas igrejas que surgem num cenário religioso brasileiro pós-moderno e pluralista, mas que evocam um pertencimento ao movimento pentecostal clássico iniciado no país há um século.

É um conceito escorregadio o conceito/condição da adolescência em tempos de liquidez, segundo Bauman<sup>1</sup>. Portanto, é proposta análise da adolescência vivida nos espaços religiosos fundamentalistas, sendo mais específico em uma denominação nascida no Rio Grande do Sul. Observando que manifestações culturais se produzem nesse cenário, busca-se como referencial teórico-metodológico contribuições da Psicologia, da Antropologia, das Ciências Biológicas e sua articulação com a Teologia e a Pedagogia sob a perspectiva pós-moderna. É adotado o termo adolescente segundo a Organização Mundial de Saúde, que estabelece a adolescência entre os 10 e os 19 anos de idade.

No primeiro capítulo o conceito/condição adolescência é analisado sob a perspectiva sócio-histórica, buscando a compreensão das diversas concepções sobre adolescência e a construção histórica do sujeito adolescente, desde a Antiguidade até a era presente. Busca-se uma articulação entre os saberes das ciências humanas e as ciências biológicas, a fim de averiguar a adolescência na contemporaneidade.

O segundo capítulo propõe uma reflexão sobre o fundamentalismo e a sua influência nos adolescentes pentecostais gaúchos, tendo como objetivo específico analisar como os adolescentes constroem e compartilham formas particulares de entender o mundo globalizado, compreendem a realidade que se desenha à sua volta e expressam a fé em um contexto fundamentalista gaúcho. O fundamentalismo é analisado no recorte cristão – protestante – pentecostal, reconhecendo que existem outros matizes fundamentalistas e delimitando o perímetro da pesquisa.

---

<sup>1</sup>BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.p.5.

O interesse antropológico na compreensão dos grupos pentecostais gaúchos oriunda da forma como venho produzindo *olhares* sobre uma categorização tão ampla como o conceito evangélico e de possíveis particularizações que construo a partir da perspectiva de pesquisador.<sup>2</sup>

A vontade de produzir uma pesquisa social sobre um segmento do protestantismo brasileiro vem das experiências próprias da minha infância, adolescência e juventude dentro da maior denominação evangélica no Brasil, atualmente a Assembléia de Deus, e a minha atuação na juventude da Igreja Evangélica Congregacional, denominação que iniciou a evangelização de brasileiros através da Escola Dominical e na qual fui consagrado ao ministério. No Rio Grande do Sul meu lugar vivencial é a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, além de ter sido freqüentador durante um ano na Igreja Batista Conservadora na cidade de Ivoti. Estas experiências auxiliam-me na pesquisa comparativa entre as características, as doutrinas e os valores pertinentes tanto ao segmento tradicional histórico quanto no pentecostalismo clássico, reconhecendo as identidades culturais.

O terceiro capítulo investiga o adolescente em um contexto fundamentalista pentecostal gaúcho. O movimento pentecostal é analisado sob o aspecto histórico, teológico e social. É realizada uma pesquisa social qualitativa sobre os adolescentes da Igreja Batista Conservadora, a fim de observar que identificações do pentecostalismo clássico e do fundamentalismo perduram entre esses adolescentes.

O meu propósito é saber mais sobre a identidade cultural de um grupo praticamente endêmico na região sul. A inquietude, a sensação de incerteza e a constante busca por novas informações me trouxeram ao Rio Grande do Sul, com o propósito de saber mais sobre o que é ser adolescente na Igreja Batista Conservadora, uma denominação evangélica brasileira que conserva um pertencimento ao movimento pentecostal clássico iniciado no país há exatamente cem anos, em meio a um cenário religioso pluralista e fragmentado.

---

<sup>2</sup> Embora reconheça a amplitude a que se refere o conceito evangélico diante da variabilidade de denominações, destaco apenas algumas possibilidades de desdobramentos sem a preocupação em delimitá-las. Além disso, refiro-me, sobretudo, aos evangélicos pentecostais e neopentecostais. O movimento pentecostal possui sua origem nos movimentos norte-americanos de santificação. Os pentecostais acreditam nos poderes atribuídos ao Espírito Santo como sendo uma experiência disponível a todos. O pentecostalismo brasileiro pode ser entendido como uma história de três grandes movimentos, entre os quais surge o neopentecostalismo, marcado pela inserção da Teologia da Prosperidade, da liberação dos costumes, do exorcismo e da forte organização administrativa e empresarial das igrejas. FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

## 1. CONCEPÇÕES SOBRE ADOLESCÊNCIA

No século XVIII surgem as primeiras tentativas de definir a adolescência, mas foi apenas no século passado que se solidificou a condição/conceito de adolescente com que se trabalha atualmente. Neste sentido;

A antropóloga Margareth Mead, realizou estudos de 1925 a 1933, sobre alguns povos primitivos dos Mares do Sul, entre eles os nativos da ilha de Samoa. Para divulgar suas descobertas Mead escreveu o livro "Adolescencia y cultura en Samoa" (1939).<sup>3</sup>

O primeiro estudo significativo sobre a Psicologia da Adolescência data de 1904 e foi realizado pelo americano psicólogo e educador Granville Stanley Hall, considerado o pai da Psicologia da Adolescência. Stanley definiu a adolescência patologicamente como uma etapa conturbada da vida humana, marcada por alterações comportamentais desencadeadas universalmente pela maturação da sexualidade. Essa visão problemática da adolescência influenciou a mídia e a psicologia. E, assim;

Autores como Muuss (1976), Sprinthal e Collins (1994) e Ferreira (1995), referem que Hall postulava que na adolescência o indivíduo passava por um novo nascimento, marcado por mudanças significativas, que culminavam numa nova personalidade, diferente da personalidade da infância. Essas mudanças eram consequências da maturação sexual, sendo, portanto de origem biológica. Ele denominou esse período de tempestade e tensão, caracterizado por anomalias de comportamento que se modificavam a medida que o indivíduo alcançava a maturidade sexual.<sup>4</sup>

Em 1909 Willian Healy criou um Instituto de Psicopatia Juvenil e em 1915 ele publicou o primeiro estudo sistemático de fatores psicodinâmicos na delinquência juvenil. Freud escreveu em 1905 sobre transformações sexuais ocorridas na puberdade. Freud defende que muitos desajustes na idade adulta são consequências de transtornos vivenciados na adolescência. Ele foi o primeiro a ressaltar o desligamento psicológico do adolescente em relação aos pais como uma experiência de luto, porém fundamental para o desenvolvimento do ser humano e da sociedade, pois o vir a ser adulto seria o fruto desse desligamento:

---

<sup>3</sup> FERREIRA, Manuela. *Adolescências... Adolescentes...* Viseu: Revista Educação, ciência e tecnologia, 2003. p.143.

<sup>4</sup> FERREIRA, 2002, p. 144.

Na puberdade, quando o instinto sexual faz as suas primeiras exigências, o antigo objeto familiar incestuoso é retomado de novo e carregado de libido [...]. A partir daí, o indivíduo humano tem de dedicar-se à tarefa de se separar dos seus pais, e, até que esta tarefa não esteja cumprida, ele não pode deixar de ser criança e não pode tornar-se membro da comunidade social. Para o rapaz a tarefa consiste em separar os seus desejos libidinais da mãe empregando-os na escolha de um objeto de amor exterior<sup>5</sup>

Anna Freud salienta dois mecanismos de defesa desenvolvidos pelos adolescentes: a intelectualização, que são novas capacidades cognitivas adquiridas pelo adolescente e a rejeição por atividades que lhe proporcionem prazer, o ascetismo. Freud observou que na adolescência o desenvolvimento psicosssexual alcança sua meta final: a fase da sexualidade genital.<sup>6</sup> Em 1928, Hollingworth publica o segundo grande texto de Psicologia da Adolescência e, em 1934, Sheldon e Eleanor publicam o primeiro estudo em massa sobre a delinquência juvenil. Para Irving Weiner o comportamento do adolescente ainda não foi totalmente explicado.<sup>7</sup>

Vários autores acreditam que a adolescência se estende além do ingresso na Universidade e perpassa a juventude até o momento do indivíduo se tornar capaz de resolver as situações inerentes ao mundo adulto. Essa é uma visão de transitoriedade que alimenta a teoria da adolescência tardia ou prolongada na geração “canguru”, que reluta em sair da casa dos pais, privando-se da liberdade plena de adulto em troca da segurança emocional, econômica e patrimonial.

Para Elizabeth B. Hurlock o indivíduo só alcança a maturidade legal aos 21 anos, pois ele também interpreta a adolescência como uma fase de experimentações sem grandes cobranças.<sup>8</sup> Os autores portugueses Amaral Dias e Nunes Vicente consideram a adolescência “como um período de espera (moratória) concedido ao adolescente, enquanto não se encontra com aptidão para satisfazer os compromissos adultos”.<sup>9</sup>

A adolescência acaba quando o indivíduo encontra um objeto de amor não-incestuoso e a ternura e os impulsos sexuais são dirigidos para este mesmo objeto, visando gratificação sexual genital, isto é, quando a sexualidade está completamente integrada na personalidade.<sup>10</sup>

<sup>5</sup> FERREIRA, 2002. p. 147.

<sup>6</sup> DINAH, Martins de Souza Campos. 22 ed. *Psicologia da Adolescência*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p.11.

<sup>7</sup> WEINER, 1998 apud DINAH, 2010.p.11.

<sup>8</sup> HURLOCK, 1979 apud DINAH, 2010, p.12

<sup>9</sup> DINAH, 2010, p.12

<sup>10</sup> DIAS & VICENTE,1981 apud DINAH, 2010, p. 12.

Peter Blos, psicanalista, em 1962 assinalou que a adolescência, assim como a puberdade, é diferente para meninos e meninas. Ele ressaltou aspectos inerentes à adolescência: o distanciamento emocional em relação aos pais, aproximação aos iguais, idolatria e rebeldia. Robert Hawighurst realizou pesquisas entre 1948 e 1953 e dividiu o período da vida humana em oito estágios e viu na adolescência a realização de algumas tarefas no processo do desenvolvimento humano.<sup>11</sup> Para Fountain a adolescência se encerra quando o jovem consegue se ver e compreender a si próprio e ao mundo que está a sua volta de maneira independente daquele esquema edipiano original.<sup>12</sup> Josselyn afirma que psicologicamente a adolescência termina quando o indivíduo está plenamente capacitado para tratar com os conflitos internos e externos típicos da vida adulta.<sup>13</sup>

Jean Piaget advoga que a adolescência é a passagem da reflexão concreta para as proposições abstratas. É a fase em que o indivíduo é capaz de fazer uma reflexão sobre si próprio.<sup>14</sup> O sociólogo James Samuel Coleman entende como uma fase caracterizada pelas tensões e pelo estresse.<sup>15</sup> Erikson institucionalizou a adolescência, definindo-a como uma fase especial no desenvolvimento humano, onde o adolescente, acobertado pelo conceito de moratória, viveria como um forasteiro, alguém de passagem que assumiria e descartaria múltiplos papéis até formar a sua própria identidade. “O passaporte para ingressar no país dos adultos é a construção da própria identidade”. A construção da identidade é a tarefa mais importante da adolescência.<sup>16</sup> Knobel introduziu a noção de “síndrome normal de adolescência” caracterizada por uma sintomatologia que inclui:

1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal; 6) evolução sexual manifesta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) separação progressiva dos pais e 10) constantes flutuações de humor e do estado de ânimo.<sup>17</sup>

<sup>11</sup> DINAH, 2010, p. 13.

<sup>12</sup> DINAH, 2010, p. 14.

<sup>13</sup> JOSSELYN, J.M. *Adolescence*. New York:Harper & Row, 1971, p. 56.

<sup>14</sup> PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. p. 63.

<sup>15</sup> COLEMAN J. S. *The adolescent society*. Glecoe: FreePress, 1961. p. 23.

<sup>16</sup> ERIKSON, E.H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976, p.128.

<sup>17</sup> FREITAS, Maria Virginia de. *Juventude e Adolescência no Brasil*. São Paulo: Ação educativa, 2005, p.29.

Na interpretação da neurocientista Suzana Herculano Houzel a adolescência é o período de transição nas capacidades cognitivas, emocionais e sociais do cérebro, quando o cérebro se torna capaz de lidar com a reprodução, o que permite que o ser humano seja inserido no mundo adulto. O cérebro é quem dispara e coordena a adolescência.<sup>18</sup> O gatilho para disparar esse processo no cérebro seria o aumento dos níveis de leptina produzido pelo tecido adiposo, ou seja, o aumento nos índices de massa corporal ligado à quantidade de gordura corporal do indivíduo.

O fenômeno de a puberdade acontecer mais cedo nas meninas poderia ser explicado pelo fato delas alcançarem um teor de gordura em média dois anos mais cedo que nos meninos. A interação entre leptina, hipotálamo, hipófise e gônadas vai dos dez aos quarenta anos de idade. A adolescência associada à puberdade, segundo Houzel, se prolongaria até os 40 anos de idade de forma natural, universal e patológica.<sup>19</sup>

Para a sociologia funcional, a adolescência inicia com os fatores fisiológicos da puberdade e as transformações psicossociais que eles ocasionam no indivíduo e termina quando o sujeito é capaz de realizar cinco tarefas: concluir os estudos, ter sustento próprio, sair da tutela dos pais, casar e ter filhos. Essa teoria falha, pois nem sempre o jovem terá condições de realizar simultaneamente e nem mesmo sucessivamente todas essas tarefas numa ordem sequencial; e diferentes sociedades imprimem padrões comportamentais distintos e a adolescência é caracterizada pela “ambivalência entre dependência e autonomia dos pais”.<sup>20</sup>

A psicologia positiva permite investigar aspectos positivos nos adolescentes, ao contrário da psicologia clássica que enfatiza os aspectos psicopatológicos. Martin Seligman, presidente da American Psychological Association, desde 1998, tem publicado artigos ressaltando elementos virtuosos em indivíduos adolescentes, rompendo com o viés negativo da psicologia tradicional, mostrando que é possível pensar a adolescência como uma fase saudável de superações e conquistas. O adolescente não é uma vítima nem um leviano, ele é um sujeito.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> HOUZEL, S.H. *O cérebro em transformação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, p. 45.

<sup>19</sup> HOUZEL, 2005, p. 40-56.

<sup>20</sup> FREITAS, 2005, p.

<sup>21</sup> YUNES, Maria Ângela Mattar. *Psicologia Positiva e Resiliência*. Maringá: *Psicologia em estudo*, v.8, 2003. p. 75.



## 1.1 A construção histórica da adolescência

O conceito adolescência foi construído ao longo de alguns séculos, portanto nem sempre existiu. A ideia de geração, ou de identidade etária específica, é uma criação da modernidade, tal qual nos sugeriu Ariès. A valorização da adolescência aconteceu no século passado. Na Antiguidade e na Idade Média o adolescente não estava apartado do mundo adulto. Convivia com os mais velhos, aprendia o que deveria ser aprendido no dia-a-dia; não existia, portanto, a possibilidade de uma cultura adolescente, uma classe por idade. Isto por que: <sup>22</sup>

No Antigo Regime, não existia os termos criança ou adolescente, a criança não tinha infância, era considerada um "adulto jovem". "passava-se diretamente de criança muito pequena a adulto jovem, sem passar pelas várias etapas da juventude de que eram talvez conhecidas antes da Idade Média e que se tornavam o aspecto essencial das sociedades evoluídas dos dias de hoje".<sup>23</sup>

Até a contemporaneidade o mundo não era rigorosamente mensurável e computável, no sentido de que não existia uma preocupação muito grande com a precisão das datas de nascimento, pelo menos entre a plebe. A expectativa de vida era muito curta para os padrões atuais; a passagem da infância à maturidade era bem rápida e chegava-se muito cedo à velhice. A Antiguidade e a Idade Média no Ocidente valorizavam a juventude, antes de tudo porque valorizavam o guerreiro – belo e viril. Porém, foi a partir do século XX que surgiu uma distinção positiva da adolescência, expandindo o conceito de juventude. Portanto:<sup>24</sup>

Nos séculos XVI e XVII, na Europa ainda saindo do medievo, ainda não se traçava uma demarcação nítida entre infância e juventude e ainda não se tinha uma noção precisa daquilo que hoje chamamos de adolescência, existia ainda uma compatibilidade na epistemologia das palavras “criança” e “adolescente”, por denominarem muitas vezes a mesma coisa: “aqueles que não eram responsáveis por suas próprias ações”,<sup>25</sup>

---

<sup>22</sup>ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2006. p.56.

<sup>23</sup>ARIÈS, 2006, p. 10-11

<sup>24</sup>SANTOS, Agnaldo. *A construção histórica da juventude e a ascensão da “juvenilidade”*. Disponível em: <<http://www.mouro.com.br/Juvenilidade.html>>. Acesso em 09 set 2012.

<sup>25</sup>SILVA, Severino Vicente. *O jovem na idade moderna*. Disponível em: <<http://profbiuvicente.blogspot.com.br/2008/09/>>. Acesso em 07 de jan. 2013.

Na Idade Contemporânea, a burguesia apropriou-se da juventude. Com a Revolução Industrial crianças e adolescentes trabalharam em condições desumanas ao lado de mulheres, anciãos e jovens adultos. O século XIX viu surgir na Europa um perfil juvenil alijado do sistema educacional devido a sua inclusão precoce no mercado de trabalho; um adolescente com poucas alternativas numa sociedade industrializada.<sup>26</sup>

Cada época correspondia uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana. A idade privilegiada do século XVII era a juventude, do século XIX, a infância, e do século XX, a adolescência. A ausência da adolescência, desprezo da velhice, desaparecimento da velhice e introdução da adolescência manifesta a reação da sociedade diante da duração da vida. Foram retirados do Império Bizantino e da Idade Média, os espaços da vida que haviam sido nomeados, embora não existissem nos costumes. A linguagem moderna usou esses velhos vocábulos para classificar realidades novas: último avatar do tema que durante muito tempo foi familiar e hoje está esquecido, o das “idades da vida”.<sup>27</sup>

Durante a Idade Média e no Antigo Regime, fugas, tumultos e revoltas individuais de adolescentes aprendizes nas oficinas foram maneiras utilizadas de rebelar-se contra seus tutores e mestres. O adolescente manifestava-se pessoalmente algumas vezes contra o horário extenso de trabalho, as tarefas árduas e os castigos físicos de que era vítima, porém permanecia atrelado aos seus mestres e tutores, pois o que é definido como adolescente na contemporaneidade estava associado a aprendiz ou serviçal antes do século XX. Com o advento das fábricas, movimentos operários e revolucionários abrigavam líderes iniciados a partir dos catorze ou quinze anos de idade.

Os jovens estão presentes nesses movimentos de massa, manifestando-se com ardor. Entre 1871 e 1890, 16% dos manifestantes detidos têm entre 15 e 19 anos e 6% dos líderes identificados pertencem a essa faixa de idade. Delineam-se figuras de jovens ‘líderes’, com a voz potente, o tom da recusa e às vezes o carisma que arrebatava.<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup>PERROT, Michelle. A juventude operária. “Da oficina à fábrica”, G. Levi e J. Schmitt (orgs.), *História dos Jovens 2 - A Época Contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.84.

<sup>27</sup> PEREIRA, Mateus. *Resenha do livro de Philippe Ariès “História social da criança e da família”*. Disponível em: <<http://disciplinasdehistoria.blogspot.com.br/2010/10/resenha-do-livro-de-philippe-aries.html>>. Acesso em 07 jan. 2013.

<sup>28</sup>PERROT, 1996, p. 112.

A irreverência, a disposição inesgotável para o confronto e o explícito entusiasmo a partir da revolução como único caminho para a transformação, valorizados em tempos de greves e mobilizações, não se transformaram em emancipação civil para os adolescentes. A figura adolescente passa a ser temida. Embora eles estivessem presentes em larga escala nas greves, nos sindicatos e nas mobilizações; as organizações partidárias e sindicais tornaram-se cada vez mais formalistas, burocráticas e legalistas, restringindo o direito ao voto nas assembleias sindicais e a eleição para cargos públicos somente a partir dos 21 anos. Logo:

O trabalho é compreendido e direcionado ao jovem como emblema de integração social. O jovem é preparado para a fábrica pelo mestre, pessoa adulta capaz de repassar o conhecimento que adquiriu no trabalho... O século XIX tem medo de sua juventude, e particularmente de sua juventude operária, da qual se teme a vagabundagem, a libertinagem e o espírito contestador.<sup>29</sup>

O conceito de adolescência construído pela sociedade estava ligado ao papel de aprendiz, monitor, receptor, ou seja, os adolescentes eram vistos como sujeitos que ainda não eram capazes de direcionar sozinhos sua vida, necessitando de um adulto, pessoa mais experiente, para orientá-los. Sposito, ao analisar as formas de conceber a categoria juventude, conclui que incide sobre uma necessária subordinação dessa fase à vida adulta, referência normativa caracterizada pela estabilidade em contraste com a adolescência, período da instabilidade e das crises.<sup>30</sup>

As concepções de adolescência que surgem desse parâmetro compreendem a ordem social adulta como estática capaz de manter-se estável e segura, sem nenhum desequilíbrio. Percebe a adolescência como um momento transitório, instável, como se o adulto ou toda e qualquer etapa de desenvolvimento humano não estivesse permeada de turbulências e transitoriedades.<sup>31</sup> O século XX marca o nascimento da figura do adolescente. A partir da Segunda Guerra Mundial todas as décadas do século passado tiveram adolescentes como símbolos de uma geração. O ser adolescente passou a ditar moda, costumes e formas de consumir.

---

<sup>29</sup>PERROT, 1996, p. 85.

<sup>30</sup>SPOSITO, Marília Pontes. Percepções sobre jovens nas políticas públicas de redução da violência em meio escolar. *Pro-Posições* (Unicamp), Campinas, v. 13, n. 3, p.9, 2002.

<sup>31</sup>CAVALCANTE, Luciana M. *Um encontro com a categoria juventude*. Disponível em: <<http://dialogosereflexoes.blogspot.com.br/2008/08/um-encontro-com-categoria-juventude.html>>. Acesso em 07 jan. 2013.

### 1.1.1 A adolescência na Antiguidade

Na Antiguidade, com raras exceções, a fase anterior ao momento que o indivíduo passava a exercer plenamente todas as responsabilidades de um adulto era sempre considerada como um período crítico. O juvenil é retratado pelas culturas antigas como naturalmente arredo e avesso aos bons costumes, alguém incapaz de escolher o bem sem os conselhos dos mais velhos, Sócrates relata:

Nossa juventude é mal educada, zomba da autoridade e não tem nenhuma espécie de respeito para os mais velhos. Nossas crianças de hoje não se levantam quando um ancião entra numa sala, respondem a seus pais e tagarelam em lugar de trabalhar. São simplesmente más.<sup>32</sup>

O moço nas civilizações antigas era considerado um ser desprovido da sabedoria adquirida com os anos da idade. O jovem tinha ao ser favor apenas a robustez e a beleza típicas da juventude. O livro de Daniel descreve que:

3.O rei Nabucodonozor deu ordem ao chefe de seus eunucos, Asfenez, para trazer-lhe jovens israelitas, oriundos de raça real ou de família nobre,<sup>4</sup> isentos de qualquer tara corporal, bem proporcionados, dotados de toda espécie de boas qualidades, instruídos, inteligentes, aptos a ingressarem (nos serviços do) palácio real; ser-lhes-ia ensinado a escrever e a falar a língua dos caldeus.<sup>33</sup>

A Bíblia colabora com essa visão de que os jovens não sabem aproveitar a juventude. No livro de Gênesis o próprio Deus afirma que o coração do homem é mau desde a sua juventude.<sup>34</sup> Salomão orienta o jovem mancebo para que encontre nos conselhos dos mais velhos a verdadeira sabedoria.<sup>35</sup> Eclesiastes declara que a juventude não passa de vaidade.<sup>36</sup> Paulo adverte os moços para que fujam dos desejos maus da mocidade.

Foge também dos desejos da mocidade; e segue a justiça, a fé, o amor, e a paz com os que, com um coração puro, invocam o Senhor. E rejeitas as questões insensatas e absurdas, sabendo que produzem contendas.<sup>37</sup>

<sup>32</sup> LIBÂNIO, João Batista. *Jovens em tempo de pós-modernidade*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 33.

<sup>33</sup> A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000. p.1203.

<sup>34</sup> A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000. p.16.

<sup>35</sup> A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000. p. 937.

<sup>36</sup> A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000. p. 857.

<sup>37</sup> A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000. p.1592.

Na Antiguidade, a sabedoria não era sinônima de bagagem de conhecimento teórico, mas o conjunto de experiências práticas vividas e adquiridas ao longo da vida, refletidas no valor humano que o indivíduo pudesse administrar na sua vida e para com aqueles com quem ele tivesse contato, algo considerado ausente nos moços. Por isso Paulo escreve a Timóteo para que ninguém o despreze por ser jovem. Platão dedicou o Livro III da República à instrução da mocidade.

O conflito de gerações, que muitos consideram um constructo da modernidade, está presente nos escritos antigos de várias culturas e civilizações. Um sacerdote egípcio escreveu a cerca de quatro mil anos atrás que “Este mundo atingiu um estágio crítico. As crianças não escutam mais seus pais. O fim do mundo não pode estar longe”.<sup>38</sup>

Esta juventude está corrompida até o mais profundo do coração. Os jovens são malfeitores e preguiçosos. Não serão nunca como a juventude de antigamente. Os de hoje não serão capazes de manter nossa cultura. (escrito num jarro de argila nas ruínas de Babilônia, mais de 3.000 a. C.)<sup>39</sup>

Nossa juventude é mal educada, zomba da autoridade e não tem nenhuma espécie de respeito para os mais velhos. Nossas crianças de hoje não se levantam quando um ancião entra numa sala, respondem a seus pais e tagarelam em lugar de trabalhar. São simplesmente más. (Sócrates, 470-399 a.C.).<sup>40</sup>

Tanto na Antiguidade quanto na Idade Média não existia o conceito contemporâneo do que chamamos de adolescência. Esta era confundida com a infância ou com a adultidade jovem, denominada em Roma de *Juventus*. A troca das vestes de criança para as de um adulto era marcada por um ritual de passagem que variava tanto em costumes quanto em faixa etária, mas que era sempre pontuada pelos sinais visíveis da entrada do sujeito na puberdade, ou seja, com o surgimento dos caracteres sexuais primários como o aparecimento de pelos nas axilas, na genitália, na face dos meninos e o amadurecimento dos órgãos sexuais. A pubescência era o fator determinante para a inserção do adolescente na vida civil. A puberdade era o passaporte para a aceitação no mundo dos adultos. Enquanto o adolescente fosse contado como infante, ele não existia socialmente.

---

<sup>38</sup>LIBANIO, 2004. p.34.

<sup>39</sup>LIBANIO, 2004, p.33.

<sup>40</sup>LIBANIO, 2004, p.33.

A Roma Antiga até o século II a.C. não conheceu esse período de idade que hoje chamamos de adolescência e juventude. Fazia-se uma passagem direta da idade infantil para a adultidade por meio do rito cívico-religioso. As três idades eram infância, adultidade e velhice que chegavam bem precocemente.<sup>41</sup>

A relação familiar era permeada pelo sentimento de posse onde o filho ganhava ou perdia o direito de ser filiado e herdar os bens da família. Tanto na Grécia quanto em Roma os meninos eram colocados bem cedo aos cuidados de amas, preceptores ou do Estado, como no caso de Esparta. Em muitas sociedades da Antiguidade, os adolescentes, antes de entrarem na puberdade, usavam pouca ou nenhuma roupa.

Na Antiguidade a indumentária representava distinção entre os sexos e as classes sociais. No Antigo Egito as mulheres usavam vestidos, os homens saias, e as crianças não precisavam usar roupa até a adolescência, por causa do calor muito intenso.<sup>42</sup>

No mundo grego, onde a pedofilia e a pederastia foram socialmente aceitas e incentivadas, a figura do adolescente ou éfebo passou a ter uma conotação artística e sensual. Éfebo, termo original para jovens que se alistavam para o serviço militar entre 18 a 20 anos de idade, tornou-se genérico para esculturas de jovens varões nus. Na mitologia grega são encontrados éfebos amados pelos deuses: Ganimedes, raptado por Zeus ainda menino, tornou-se copeiro do Olímpo e seu amante; Cipreste, companheiro do deus Apolo, seu mito representa a transição da adolescência para a maturidade; Jacinto, um amante de Apolo, aficionado pela beleza masculina. As ninfas foram alvos de desejo para deuses e humanos. Na história são dignos de nota o eunuco favorito de Alexandre o Grande, Bagoas e Antínoo, provável amante do imperador Adriano, que serviu de inspiração para muitos poetas, dentre eles o português Fernando Pessoa e o inglês Oscar Wilde.<sup>43</sup>

Entre os povos do Oriente Próximo, cabia ao pai ensinar ao filho adolescente uma profissão e à mãe, orientar a filha para se tornar uma boa esposa e dona de casa, logo ao iniciar sua pubescência. Na Antiguidade, o adolescente foi o jovem adulto emancipado pela puberdade e legitimado pelos ritos de passagem.

---

<sup>41</sup>LIBANIO, 2004, p.36.

<sup>42</sup>STEARNS, Peter N. *Antigo Egito*. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/antigo-egito/index.php>>. Acesso em 23 ago. 2012.

<sup>43</sup>ÉFEBO. Disponível em: <<http://es.wikipedia.org/wiki/Efebo>>. Acesso em 05 jan. 2013.

### 1.1.2 A adolescência na Idade Média

Na Idade Média era comum enviar as crianças após o desmame, que ocorria entre os seis aos oito anos de idade, para passarem por igual período que hoje denominaríamos de adolescência na casa de algum artífice ou profissional a fim de aprenderem boas maneiras. Na lógica medieval era uma tentativa de oferecer condições de vida melhor para os filhos, deixá-los aos cuidados de outros ou entregá-los por um período de tempo para aprender um ofício. O objetivo era funcional, prepará-los para assumir a função inerente à sua respectiva classe social com recursos mais abundantes do que os disponibilizados ao seu redor. Na Idade Média, a instrução formal esteve geograficamente distante de casa. Na Inglaterra medieval era comum os pais enviarem seus filhos para servirem como aprendizes nas casas de outras pessoas “para que suas crianças aprendam as boas maneiras”.<sup>44</sup>

A falta de afeição dos ingleses manifesta-se particularmente em sua atitude com relação às crianças. Após conservá-las em casa até a idade de sete ou nove anos, eles as colocam, tanto os meninos como as meninas, nas casas de outras pessoas, para aí fazerem o serviço pesado, e as crianças aí permanecem por um período de sete a nove anos (portanto, até entre cerca de 14 e 18 anos). Elas são chamadas então de aprendizes.<sup>45</sup>

Assim como na Antiguidade, o adolescente medieval ficou classificado socialmente entre a infância e a juventude adulta. Os primeiros indícios da puberdade continuaram sendo os marcos divisórios entre as fases do desenvolvimento do ser humano. O cerimonial, por mais simples que fosse, vinha carregado de significação de valores importantes socialmente, que o validava moralmente para aquela comunidade.

Exemplo era a *barbatoria*, cerimônia que se seguia ao primeiro barbear do rapaz, sendo que o pêlo era a prova de que a criança tornara-se homem e, então, a qualidade da agressividade poderia ser cultivada, objetivando a boa formação do guerreiro.<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981. p. 153.

<sup>45</sup> ARIÈS, 1981, p. 153.

<sup>46</sup> ARIÈS, 1981, p. 52.

Na Europa Medieval a figura juvenil esteve presente em todos os momentos da vida em sociedade; nos jogos, nas brincadeiras, nos serviços, nas tavernas e inclusive nas execuções, tanto como protagonista quanto como testemunha e plateia. Isso ocorria como uma medida didática no intuito de ensinar, uma vez que toda a educação acontecia através da aprendizagem no contato diário.

A educação formal não era comum na Idade Média. Por volta do século XV em algumas cidades europeias havia algumas opções de escolaridade para preparar formalmente uma criança para o futuro. Nessas classes sem distinção de idade era possível aprender a ler e escrever, uma habilidade que se tornou um pré-requisito para aceitação como um aprendiz em muitas corporações. Esses protótipos de escola podiam ser encontrados em algumas cidades medievais como Londres.<sup>47</sup>

Cessada a dependência física básica da infância, os indivíduos se juntavam à sociedade em maior escala, nos mesmos termos como um adulto, com os mesmos direitos e responsabilidades. Não havia uma classificação separada para adolescentes nos tempos medievais. Basicamente, o povo passou de crianças para adultos. Crianças deveriam trabalhar assim que se tornavam fisicamente capazes.

Não havia realmente nenhuma coisa como um adolescente na época medieval. Havia crianças e depois os adultos mais jovens. Tão logo as pessoas deixaram a infância, foram casadas ou colocadas para trabalhar. Não havia nenhum estágio entre a infância e a fase adulta.<sup>48</sup>

Durante a Idade Média era na adolescência que geralmente as pessoas formavam famílias. A preocupação em manter a descendência era estimulada por dois fatores ceifadores de vidas, comuns na época: a baixa expectativa de vida e alta mortalidade infantil. Isso não significa que os pais medievais não amassem os seus filhos. Relatos medievais denotam relação de amor entre pais e filhos.

Essa epidemia que começou no mês de agosto atacou em primeiro lugar a todos os jovens adolescentes e provocou sua morte. Nós perdemos algumas criancinhas encantadoras e que nos eram queridas, a quem nós havíamos aquecido em nosso peito, carregado em nossos braços ou nutrido por nossa própria mão, lhes administrando os alimentos com um cuidado

---

<sup>47</sup> HANAWALT, Barbara, *Crescendo na Londres Medieval*. Londres: Oxford University Press, 1993. p. 78.

<sup>48</sup> HANAWALT, 1993, p. 78.



delicado [...] O rei Chilperico também esteve gravemente doente. Disse o rei: Nós perdemos o que tínhamos de mais belo!<sup>49</sup>

Tudo que aprendiam era para garantir a sobrevivência, ter um ofício capaz de prover a subsistência. Poucas pessoas na Idade Média sabiam ler. A experiência foi o método de ensino-aprendizagem por excelência. A religião foi mais uma parte de suas vidas, e sua cultura era, sobretudo, oral, pelo menos para as classes trabalhadoras.<sup>50</sup>

Na Idade Média, adolescentes do sexo masculino eram preparados para exercerem algum tipo de trabalho desde a infância, o que dependeria da classe social em que ele estivesse incluído. Adolescentes do sexo feminino praticamente não tinham direitos. A posição das mulheres era pouco mais do que a posição das crianças. Elas, e tudo o que possuíam, era de propriedade de seu marido, que muitas vezes não conseguia escolher e que poderia ser significativamente mais velho do que elas. As adolescentes tinham muito pouco a dizer em qualquer aspecto da vida, pois eram vistas como procriadoras, cozinheiras ou empregadas domésticas. As mulheres que conseguiram receber educação formal foram beneficiadas por circunstâncias específicas e não gerais para toda a população feminina medieval.<sup>51</sup>

Períodos de fome, guerras e doenças estiveram presentes na Idade Média. Muitas adolescentes sabiam que uma boa parte delas morreria no parto e que apenas um punhado de seus filhos iria sobreviver até a idade adulta. Se ela pertencesse aos estratos mais baixos da sociedade, então estaria trabalhando em algum lugar e provavelmente fora violada por um homem mais velho, ou já estava casada com alguém. Se ela fosse da nobreza, sua família a usaria para tentar alcançar benefícios e privilégios através de contatos e em busca de um casamento vantajoso. Havia a opção de seguirem a vida monástica ou se tornarem estudiosas leigas, reservada para as famílias mais abastadas.<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup> GRÉGOIRE DE TOURS. *História da França*. Paris: Les Belles-Lettres, 1999, p. 295-296). Ricardo da Costa. A Educação Infantil na Idade Média. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur17/ricardo.htm>> Acesso em 07 jan. 2013.

<sup>50</sup> HANAWALT, 1993, p. 85.

<sup>51</sup> HANAWALT, Barbara, *The Ties that Bound: Peasant Families in Medieval England*. Londres: Oxford University Press, 1986, p. 183.

<sup>52</sup> HANAWALT, 1986, p. 183.

### 1.1.3 A adolescência na Modernidade

É possível considerar o conceito de modernidade como algo distinto do recorte histórico denominado Idade Moderna que durou cronologicamente de 29 de maio de 1453 com a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos a 14 de julho de 1789 com a queda da Bastilha. A modernidade pode ser estudada como um estilo, um costume de vida ou organização social, surgido na Europa a partir do século XVII e que, devido a sua influência veio a se tornar mundial.<sup>53</sup>

Na Antiguidade e durante a Idade Média, embora a adolescência não tenha sido registrada como uma fase distinta do desenvolvimento do ser humano, sinais primários da puberdade, como a menarca nas meninas e o aparecimento de barba nos meninos, não passavam despercebidos e eram valorados como elemento natural para o ingresso do infante no mundo adulto. A Idade Moderna elimina os rituais de passagem no mundo ocidental.

A partir do Renascimento, a adolescência perde progressivamente, o seu prestígio social. Pelo menos, nenhuma solenidade assinala o seu aparecimento, o que nos leva a presumir que a importância psicológica e social da adolescência não seria reconhecida pelo mundo moderno.<sup>54</sup>

Com a Revolução Industrial, a formação desse jovem passa a ser mais controlada e direcionada, onde a educação prática passa a substituir a formação mais especializada e mais teórica. A liberdade de movimento do período medieval e da sociedade pré-industrial é tolhida. A educação começa a ter uma base escolar, a família passa por uma reconfiguração tornando-se gradativamente nuclear ao invés de extensiva, o que começa a proporcionar maior intimidade entre pais e filhos. Novas tendências na educação advindas com a ascensão do individualismo burguês possibilitaram a valorização da infância e o surgimento do conceito de adolescência.

Ao contrário da nobreza, que em alguns casos até tolerava o analfabetismo entre seus pares, o típico burguês prezava pela distinção formal e real das classes via processo educacional, o que acarretou um aumento nos anos de educação, que fez com que ela passasse a coincidir com os anos da infância e adolescência.<sup>55</sup>

---

<sup>53</sup> LEITÃO, Cleide Figueiredo. *O que é modernidade?* Disponível em <http://base.d-ph.info/es/fiches/premierdph/fiche-premierdph-3602.html>. Acesso em: 09 set. 2012.

<sup>54</sup> SANTOS, Theobaldo M. *Noções de psicologia do adolescente*. São Paulo: Nacional, 1996, p 35.

<sup>55</sup> ARIÉS, 1981, p. 194.

Na Idade Moderna observamos a construção das ideias/conceitos de privado, coletivo e civilidade, o que propicia a criação dos limites entre a esfera pública e a privada. O ambiente familiar, as relações interpessoais e a sexualidade lentamente são reconstruídas e direcionadas por um grande arco que se denomina Absolutismo ou Antigo Regime que, utilizando-se de elementos morais, religiosos, sociais e econômicos interconectados, vai configurando a juventude moderna. Na Idade Moderna, a aristocracia manteve-se distante dos seus infantes. A burguesia é que gradativamente soube trabalhar melhor essa relação de proximidade com as suas crianças e os seus jovens.

O processo escolar medieval não era determinado pela divisão etária, a escola acolhia da mesma forma e indiferentemente as crianças, os jovens e os adultos, precoces ou atrasados, ao pé das cátedras magisteriais. Contudo, com o surgimento da sociedade capitalista, aquela convivência entre jovens e adultos, entre plebeus e nobres nos antigos colégios foi substituída pela introdução de uma férrea disciplina e de uma divisão mais precisa por idade. A partir de agora, passava a existir dois tipos de escola, uma primária para o povo e outra mais prolongada para a nova classe social em expansão: a burguesia.<sup>56</sup>

Durante o século XVIII, por volta da Revolução Francesa, a adolescência, ainda associada à juventude, começa a ser compreendida e analisada na Europa. Durante o Antigo Regime os padrões estéticos que regiam a indumentária e as vestimentas da nobreza identificavam-se mais com a meia idade e a velhice, vide as perucas brancas empoadas. Com a vitória do modo de produção capitalista sobre o absolutismo monárquico, a ideia do novo é enaltecida. Felicidade está associada à transformação na contemporaneidade. O século XIX é o século das mudanças. Os ideais revolucionários perpassam a Era Contemporânea como uma das grandes vocações da juventude; a predestinação para mudar e transformar a sociedade.<sup>57</sup>

A consciência da juventude tornou-se um fenômeno geral e banal após a guerra de 1914, em que os combatentes da frente de batalha se opuseram em massa às velhas gerações da retaguarda. A consciência da juventude começou como um sentimento comum dos ex-combatentes. Daí em diante, a adolescência se expandirá, empurrando a infância para trás e a maturidade para frente.<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> ARIÈS, 1981, p. 187.

<sup>57</sup> ABRAMOVAY, Miriam et al. *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Edições MEC/UNESCO, 2009. p. 25.

<sup>58</sup> ARIÈS, 1981, p.47.

O adolescente no início do século XX foi figura invisível num mundo de adultos. Com o advento das duas Guerras Mundiais, adolescentes de todas as partes forjaram certidões de nascimento no desejo de, através do serviço militar, ingressam na vida adulta. O jovem aldeão medieval transformou-se no operário labutador da Revolução Industrial nos séculos XVIII e XIX e foi inaugurado no século XX nas trincheiras e nos campos de combate nas duas Grandes Guerras. O alistamento passou a ser o ritual de passagem para a maioria masculina.

Assim como na Grécia Antiga quando o termo mais apropriado para traduzir o conceito contemporâneo de adolescente referia-se ao rapaz entre 18 e 20 anos que se apresentava para o serviço militar, o *éfebo*, o mundo ocidental passou a prestar mais atenção após expressiva contribuição da juventude nos dois conflitos mundiais e a necessidade vital de atualização para a própria soberania e a articulação das nações na Nova Ordem Mundial alavancada pela história. No período entre as duas Guerras Mundiais, com a expansão do *American Way of Life*, apareceu a figura do adolescente.<sup>59</sup>

O século XX estabeleceu dois estereótipos de adolescência de maneira arbitrária, tomando como critério apenas o grau de inserção dos adolescentes na sociedade. De um lado, estão os adolescentes considerados incorporados ao consumo cultural e que possuem determinado grau de pertença no âmbito familiar, educacional, religioso e educacional. No outro extremo, estão os adolescentes problemáticos ou desajustados, tratados sob uma perspectiva patológica, que os lança na periferia cultural da sociedade de consumo por não estarem incorporados aos esquemas culturais dominantes e por apresentarem comportamentos alternativos aos construídos e consumidos pela sociedade do espetáculo.<sup>60</sup>

Ao longo da história social e cultural da qual fazemos parte muitas foram as concepções de juventude a direcionar a ação dos grupos sociais. Essas concepções parecem formar um misto de referências pautadas, seja por parâmetros etários ou desenvolvimento de autonomia, situação civil e emancipação social.<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> SANTOS, Agnaldo. *A construção histórica da juventude e a ascensão da "juvenilidade"*. Disponível em: <<http://www.mouro.com.br/Juvenilidade.html>>. Acesso em 07 de jan. 2013.

<sup>60</sup> REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. In: FÁVERO, Osmar (Org.). *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: MEC/UNESCO/ANPEd, 2007, p. 52.

<sup>61</sup> CAVALCANTE, Luciana M. *Um encontro com a categoria juventude*. Disponível em: <<http://dialogosereflexoes.blogspot.com.br/2008/08/um-encontro-com-categoria-juventude.html>>.

## 1.2 Termos e conceitos sobre adolescência

Adolescência é uma palavra de origem latina: “*ad*” (‘para’) + “*olescere*” (‘crescer’); portanto ‘adolescência’ significa etimologicamente ‘crescer para’. A palavra adolescente vem do verbo *adoleo*, primitivo das palavras latinas *adolescens* e *adolescencia*. Sua raiz remonta ao hebraico *heélah*: fazer que algo cresça, brote, aumente, se fortifique. Era uma palavra utilizada referindo-se àquilo que serviria de sacrifício aos deuses. As primícias da criação. Havia a deusa romana *Adolenda*. A origem do termo adolescente tem cunho religioso e civil.

Adolescência também deriva de *adolescere*, origem da palavra *adoecer*. Adolescente do latim *adolescere*, significa *adoecer*, *enfermar*. Temos assim, nessa dupla origem etimológica, um elemento para pensar esta etapa da vida: Aptidão para crescer (não apenas sentido físico, mas também psíquico) e para *adoecer* (em termos de sofrimento emocional, com as transformações biológicas e mentais que opera nesta faixa da vida).<sup>62</sup>

A condição/conceito “adolescência” é um termo recente na história da humanidade. Sendo uma construção histórico-social a partir das transformações psicossociais ocorridas no indivíduo a partir da puberdade, um fenômeno biológico e universal, a adolescência tem percorrido uma trajetória cronologicamente curta, porém intensa. O reconhecimento da condição/conceito adolescência não é linear, uniforme nem homogêneo. As definições para adolescência e adolescente são múltiplas e inacabadas.

Sociologicamente, adolescência é o período de transição da dependência infantil para a autossuficiência adulta. Psicologicamente falando, é uma “situação marginal” no qual novos ajustes, que diferenciam o comportamento da criança do comportamento adulto em uma determinada sociedade, têm que ser realizados; e, fisiologicamente, ocorre no momento em que as funções reprodutivas amadurecem.<sup>63</sup>

É preciso reconhecer que uma parcela considerável da população mundial segue construindo sua identidade nas primeiras décadas do século XXI numa atmosfera pós-moderna, sem se reconhecer como adolescente.

---

Acesso em 07 jan. 2013.

<sup>62</sup>MIRANDA, Daniela Rodrigues de. *Você sabia?* Disponível em: <[http://gamrede.org.br/html/pagina\\_oque\\_decomer.htm](http://gamrede.org.br/html/pagina_oque_decomer.htm)>. Acesso em 12 jan. 2013.

<sup>63</sup>BOCK, 2001, p. 35.

No mundo todo, hoje se estima que haja 1 bilhão de pessoas vivendo a adolescência, ou seja, quase 20% da população mundial. No Brasil, somos cerca de 51 milhões de adolescentes\*, 21,84% da população total do país. São 1,1 milhão de analfabetos. 76,5% desses analfabetos/as se encontram no nordeste. 2,7 milhões de 07 a 14 anos estão fora da escola (10% da faixa etária). 4,6 milhões de 10 a 17 anos estudam e trabalham. 2,7 milhões de 10 a 17 anos só trabalham. Desses dois grupos, 3,5 milhões trabalham mais de 40 horas semanais.<sup>64</sup>

A partir da década de 1950, a adolescência é compreendida como movimento de massa. O consumo passa a ser o elemento de coesão e identificação etária. Os adolescentes aprendem a consumir artigos que são direcionados a eles. Pela primeira vez na história da humanidade, os adultos encomendam pesquisas e produzem em larga escala artigos que sejam do agrado dos adolescentes e jovens. Nos Estados Unidos, a partir do pós-guerra, surge o universo *teenager* onde o adolescente se constroi como estrato social, através de linguagem própria, padrão de consumo específico e convivência contínua em grupos, disputando espaços na família e na sociedade. A confecção de termos e conceitos juvenis rotula e promove a disseminação de estereótipos adolescentes.

Essa nova construção histórica de juventude, que com as devidas alterações sobreviverá até os nossos dias, destaca os “problemas” que a mocidade desenvolve para o conjunto do corpo social, pois são em geral apresentados como rebeldes sem causa, transgressores, excessivamente lúdicos. A imprensa e as autoridades acabaram por eleger os líderes estereotipados dessa geração (James Dean, Elvis Presley, logo após os Beatles, os Rolling Stones), e os acontecimentos dos anos 1960 (Guerra do Vietnã, luta pelos direitos civis norte-americanos, Maio de 68) apenas reforçaram os contornos dessa grande “comunidade juvenil”.<sup>65</sup>

A construção histórica da adolescência é recente, múltipla e descontínua, forjada pelo tempo, pela sociedade e pelas relações. Adolescência não é um termo reconhecido em todas as culturas e sociedades atuais. Reconhecendo que na Contemporaneidade existem sociedades em distintos estágios evolucionários, a globalização de terminologias e conceitos permanece incompleta nas primeiras décadas do século XXI. Mesmo no Ocidente a duração da adolescência varia entre as nações, que estabelecem critérios para delimitar a adolescência.

<sup>64</sup> REPROLATINA. *Adolescência*. Disponível em: <[http://www.adolescencia.org.br/portal\\_2005/secoes/saiba/saiba\\_mais\\_nos.asp?secao=saiba&tema=nos.>](http://www.adolescencia.org.br/portal_2005/secoes/saiba/saiba_mais_nos.asp?secao=saiba&tema=nos.>). Acesso em 14 jan. 2013.

<sup>65</sup> SANTOS, Agnaldo. *A construção histórica da juventude e a ascensão da “juvenilidade”*. Disponível em: <<http://www.mouro.com.br/Juvenilidade.html>>. Acesso em 12 de jan. 2013.

A Organização Mundial da Saúde, órgão ligado à ONU, delimita a adolescência entre os 10 e os 19 anos de idade. No Brasil, a adolescência está classificada de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente entre os 12 e os 18 anos de idade. A tendência de coincidir o fim da adolescência com a emancipação civil deve-se ao consenso popular que identifica a adolescência como um período de moratória do indivíduo diante das suas responsabilidades.<sup>66</sup>

José Outeiral divide a adolescência em três períodos afirmando que os limites entre essas etapas não são precisos, havendo flutuações progressivas e regressivas nos marcos etários. Rejeitando o termo *pré-adolescência*, José Outeiral utiliza as seguintes nomenclaturas: Adolescência inicial, que vai entre os 10 e os 14 anos de idade; Adolescência média, entre os 14 e os 17 anos e Adolescência final, entre os 17 e os 19 anos de idade.<sup>67</sup>

A adolescência inicial é caracterizada pelas transformações advindas com a puberdade, sendo classificada como a fase da adolescência puberal. Na adolescência média a sexualidade é a tônica e o convívio em grupos é valorizado e serve de modelo de relacionamento. Na adolescência final desenvolvem-se novos vínculos com os pais, envolvendo ainda a questão profissional, a aceitação de um esquema corporal novo e a inserção no mundo adulto.<sup>68</sup>

Nesta etapa, o indivíduo realiza três lutos fundamentais: Pelo corpo infantil, que está se transformando em um corpo adulto; Pela identidade e papel infantis, que leva a uma redefinição de responsabilidades e dependências; E pelos pais da infância, em um processo de separação -individualização, que faz com que estes não sejam mais a referência única em termos de valores éticos e morais.<sup>69</sup>

Adolescência é o conceito/condição em que o adolescente adquire sua identidade ao mesclar parâmetros transmitidos pelos pais aos que são formados pelo próprio indivíduo a partir da reflexão e de suas experiências. Entretanto, até alcançar esse nível, o adolescente oscilará entre momentos de dependência extrema e outros de resoluta independência, sendo que a maturidade fará com que se consiga uma espécie de meio-termo entre esses dois pólos.<sup>70</sup>

---

<sup>66</sup>CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.p.26.

<sup>67</sup>OUTEIRAL, José. *Adolescer*: Estudos sobre Adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

<sup>68</sup>OUTEIRAL, 1993, p. 15.

<sup>69</sup>ABERASTURY, A. et al. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. 23.

<sup>70</sup>ABERASTURY, 1992, p. 23.

### 1.2.1 Adolescência e puberdade

Embora o conceito/condição adolescência, como uma fase distinta e intermediária entre a infância e a idade adulta, seja algo contemporâneo ao século XX ocidental, o advento da puberdade como fenômeno fisiológico desencadeador das mudanças físicas e comportamentais que indica a entrada da criança no mundo dos adultos era o acontecimento mais relevante nas culturas antigas. A fase compreendida na contemporaneidade como adolescência poderia durar apenas alguns meses ou dias em algumas culturas, configurada por apenas um ritual de passagem, que poderia ser a realização de uma prova de força, a capacitação para a caça ou a guerra, ou um cerimonial religioso.<sup>71</sup>

Quase todas as culturas primitivas prestam atenção à puberdade e rituais de casamento, embora haja uma tendência geral de prestar mais atenção aos rituais do sexo masculino do que do feminino. Porque puberdade e casamento simbolizam o fato de que as crianças estão adquirindo papéis adultos no sistema de parentesco, em particular. Geralmente a maioria das culturas primitivas consideram os rituais em torno desses eventos muito importantes.<sup>72</sup>

A origem da palavra puberdade vem da Roma Antiga. Em latim *pubertas* significava barba, pelo e *pubens*, coberto de pelo, *pública* foi a denominação aplicada pelos romanos à região do corpo onde começam a crescer pelos no início da puberdade, conseguinte *pubes* passou a significar pessoa jovem, juventude. Na Antiguidade foi relacionado o surgimento do pelo no rapaz à época em que isso se dá e a sua inserção na vida pública. Segundo Erikson<sup>73</sup>, o desenvolvimento humano inicia-se no biológico e evolui através do individual e do social, ou seja, existe um gatilho fisiológico que desencadeia as transformações biopsicossociais que são produzidas ao longo da vida do indivíduo, transformando-o em sujeito. É possível analisar um fenômeno biológico a partir do método histórico-crítico ao reconhecer que: “Na ausência do outro, o homem não se constrói homem”.<sup>74</sup>

<sup>71</sup> SANTOS, T. M. *Noções de psicologia do adolescente*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1996, p 30.

<sup>72</sup> LONGO, Charles H. *Religião Primitiva*. Disponível em: < <http://mb-soft.com/believe/tto/primitiv.htm>>. Acesso em 13 jan. 2013.

<sup>73</sup> ERIKSON, E. H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.p.25.

<sup>74</sup> VYGOTSKY, L. S. *A transformação socialista do homem* (N. Dória, Trad.). URSS: Varnitso 1930. p. 5. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/vygotsky/1930/mes/transformacao.htm>>. Acesso em 16 jan. 2013.



A puberdade é um elemento fundamental para compreender a construção histórica e social da adolescência por possibilitar a inserção do indivíduo no mundo do adulto como um rito de passagem orgânico e natural, mas ao mesmo tempo estar imbuída de uma construção social e histórica capaz de fixar limites e manter a ordem social e simbólica. Os ritos de iniciação da vida adulta fornecem elementos importantes para a compreensão de uma sociedade.<sup>75</sup>

A partir da leitura e da interpretação das marcas, dos signos e das impressões que as diversas culturas fazem nesses fenômenos de transformações resultantes do processo de maturação sexual do ser humano, denominada puberdade, torna-se possível identificar e analisar o indivíduo no seu momento de formação e de consolidação da identidade pessoal, da identidade psicossocial e da identidade sexual.<sup>76</sup>

Os rituais de passagem são marcados por cerimônias de separação (preliminares) e de agregação (pós-liminares), apresentando na interface desses dois momentos distintos, um período de liminaridade, no qual se estabelece o ritual. Representa desta maneira um momento essencial de transformação, transposição e auto-afirmação pelas quais o adolescente vai vivenciar, aquilo que era novo deixará de ser, dando lugar para novas experiências e vivências que contribuiram para seu amadurecimento.<sup>77</sup>

Tentar unificar adolescência com puberdade é um erro, pois não se trata de palavras sinônimas. A puberdade pode ser definida como “conjunto das transformações psicofisiológicas ligadas à maturação sexual que traduzem a passagem progressiva da infância à adolescência”.<sup>78</sup> A adolescência engloba além dos aspectos biológicos da puberdade os elementos psicossociais próprios dessa fase, influenciados por aspectos culturais, que não são deflagrados apenas pelos impulsos fisiológicos. A mídia, com o objetivo de produzir consumidores, vem exigindo condutas adolescentes em crianças, arrebanhando impúberes e produzindo uma adolescência que não necessita da puberdade.<sup>79</sup>

A puberdade é um parâmetro universal impregnado de valores morais e éticos mesmo naquelas culturas que não reconhecem a adolescência como uma

<sup>75</sup> HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2000. p. 7.

<sup>76</sup> ERIKSON, 1976. p. 157.

<sup>77</sup> BRÊTAS, José Roberto da Silva. *Os rituais de passagem segundo adolescentes*. São Paulo: UNIFESP, 2008. p. 405

<sup>78</sup> DICIONÁRIO Aurélio Escolar da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p.534.

<sup>79</sup> OUTEIRAL, J. *Conhece-te a ti mesmo*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.p.15.

fase distinta do desenvolvimento do ser humano. É mais que um puro indicador biológico. A puberdade também serve como um sinalizador de ritos de iniciação, escolhas de papéis e de construção de relações para a vida adulta do sujeito. O adolescente demonstra para o grupo que é capaz de seguir as regras. É a fase da morte ritual da criança e o nascimento do ser adulto.

A puberdade engloba o conjunto de modificações biológicas que transformam o corpo infantil em adulto, constituindo-se em um dos elementos da adolescência. A puberdade é constituída pelos seguintes componentes: crescimento físico: aceleração, desaceleração, até a parada do crescimento (2º estirão); maturação sexual; desenvolvimento dos órgãos reprodutores e aparecimento dos caracteres sexuais secundários; mudanças na composição corporal; desenvolvimento dos aparelhos respiratório, cardiovascular e outros.<sup>80</sup>

A sociedade interfere na puberdade imprimindo-lhe signos, marcas e significações. As transformações pubertárias são resignificadas no contexto histórico em que o indivíduo está inserido, embora ela ocorra como fenômeno biológico em todos os indivíduos da espécie humana independente do seu contexto histórico-social.<sup>81</sup> A adolescência e a puberdade se relacionam na ordem orgânica e psicológica. Não se pode estudar puberdade e adolescência dissociadamente, visto que a puberdade faz parte da adolescência.

A puberdade na contemporaneidade é transpassada por discursos de educadores, pais, psicólogos e profissionais da saúde que visualizam nos primeiros sinais do amadurecimento reprodutivo do ser humano a porta de entrada para a crise da adolescência evocada por Knobel e enraizada no senso comum ocidental. A puberdade é construída e resignificada através das mídias que imprimem valores para os atributos físicos. Os órgãos sexuais e as zonas erógenas não possuem apenas funções biológicas, o gênero é definido como uma opção. Os variados biótipos adolescentes são classificados segundo os padrões da moda vigente. Reações indesejadas no corpo com o advento da puberdade como cravos e espinhas são tratadas como males a serem erradicados não pelos desconfortos e pelas seqüelas, mas pelos prejuízos que causam na imagem do indivíduo. A puberdade deixa de ser um sinalizador social para se tornar uma fonte de oportunidades para resignificar o corpo humano diante do consumismo.

---

<sup>80</sup>CODEPPS. Manual de Atenção à Saúde do Adolescente. São Paulo:2006. p.17.

<sup>81</sup>MATHEUS, Tiago Corbisier. *Quando a adolescência não depende da puberdade*. São Paulo:Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental, 2008.p.617.

## 2.2 Adolescência *a priori* da humanidade

Apesar dos estudos desenvolvidos desde Margaret Mead em 1945 evidenciarem a influência de determinantes históricos e sociais na constituição da adolescência, a psicologia mantém um viés de naturalização, universalização e patologização da adolescência. Para a psicologia, a adolescência é considerada como uma fase natural do desenvolvimento da pessoa.

Acho que têm alguns aspectos que são da própria adolescência, isto faz parte da história do adolescente, e não só da história, é do adolescente enquanto indivíduo. São características que você vai encontrar no adolescente em qualquer cultura.<sup>82</sup>

Alguns estudos vêm rejeitando o conceito problemático e pré-estabelecido de adolescência oferecido pela psicologia clássica, como a psicologia positiva que busca investigar aspectos saudáveis nessa fase, como a resiliência, ou seja, a capacidade de superação e adaptação às adversidades, mas ainda sob uma visão naturalizante das capacidades humanas. Sob a perspectiva de etapa, a adolescência é compreendida como recorte temporal com características bem definidas.<sup>83</sup>

Ficam claras nas falas dos psicólogos as visões naturalizante e universal da adolescência. Um educador me disse: “É uma fase de vida é um período da vida. É a natureza da adolescência. Ele tem que fazer essa travessia, ele tem que se desprender desse mundo tranquilo (infância)”.<sup>84</sup>

A visão naturalizante da adolescência classifica a adolescência como uma etapa inerente ao processo de desenvolvimento humano. O conceito/condição adolescência é pensado a partir da idéia de natureza humana. Adolescer é visto como tarefa de qualquer indivíduo. A adolescência na visão bio-fisiológica é apenas uma fase do desenvolvimento. A sociedade é vista como algo externo e contrário às tendências naturais do ser humano. Compreender a adolescência como uma categoria inata à natureza humana alimenta a concepção universalizante.

---

<sup>82</sup> ORZELLA, Sérgio. *Adolescências Construídas*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 26.

<sup>83</sup> Resiliência é frequentemente referida por processos que explicam a “superação” de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações. YUNES & SZYMANSKI, 2001, p. 76.

<sup>84</sup> ORZELLA, 2003, p. 26.

A adolescência é um acontecimento universal e só vai diferir de cultura para cultura em alguns acontecimentos, alguns ritos de passagem que vão marcar o início e o fim da adolescência em algumas culturas, mas as transformações são universais.<sup>85</sup>

O terceiro elemento da tríade na concepção liberal da adolescência é a patologização. Há uma problematização da adolescência, ressaltando os distúrbios e desencontros típicos dessa fase de transição. Para a maioria dos profissionais de saúde e educadores, os conflitos oriundos nessa fase devem ser resolvidos de maneira preventiva e profilática. O psicólogo trabalha ouvindo o que vem do adolescente, seus conflitos e sintomas, centrado na ideia de doença e de cura.<sup>86</sup>

A adolescência é um período de transição conturbado onde ocorrem mudanças físicas e psíquicas. Esta transição é complicada, pois o adolescente não é criança nem adulto, é um problema. É um momento de indefinição, quer conquistar uma identidade, mas é difícil.<sup>87</sup>

Em 1904, Stanley Hall escreveu *Adolescence* e a partir de então a adolescência passa a ocupar um lugar enquanto objeto de estudo, principalmente da Psicologia, caracterizada como um período de "tempestade e tormenta". Hall entendia a adolescência como um período turbulento e instável emocionalmente em decorrência da puberdade e da maturidade sexual, sempre observando as leis biológicas. No início do século XX o adolescente normal não era percebido numa época em que aparentar jovialidade madura era um ideal social. O adolescente em destaque eram os desocupados, vadios e que em grupos formavam gangues temidas pela sociedade. Refletindo o clima científico de sua época, influenciado pela teoria da evolução de Darwin, Hall inaugura os estudos sobre o adolescente certo de que a adolescência é uma patologia inerente ao ser humano e que seja natural e padrão a postura problemática e confusa do adolescente inconseqüente.<sup>88</sup>

Muitos dos crimes e imoralidades do início da adolescência são decorrentes de um impulso cego sobre o qual a consciência é incapaz de qualquer ação. Na evolução psíquica do impulso sexual, frequentemente há um período de perturbação geral, antes do cérebro agir sobre os órgãos sexuais.<sup>89</sup>

---

<sup>85</sup> ORZELLA, 2003, p. 27.

<sup>86</sup> ORZELLA, 2003, P. 22.

<sup>87</sup> ORZELLA, 2003, p. 27.

<sup>88</sup> AVILA, Sueli de Fátima Ourique de. *A adolescência como ideal social*. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.>>. Acesso em 16 jan. 2013.

<sup>89</sup> GALLATIN, Judith. *Adolescência e individualidade*. São Paulo: Harbra, 1978, p. 35

Anna Freud, contrariando Stanley Hall que defendia a sexualidade se desenvolvia somente na adolescência, ensina que a sexualidade inicia no primeiro ano de vida e que é durante o período da infância que acontecem os primeiros passos do desenvolvimento sexual. Porém, Anna Freud concorda com Hall quando caracteriza a puberdade como um momento de contradições e instabilidades emocionais. Segundo a autora, seria muito difícil reconhecer o limite entre o normal e o patológico, considerando como "anormal" a presença de um equilíbrio estável na adolescência.<sup>90</sup>

Erik Erikson inaugura três contribuições ao estudo sobre a adolescência: a expressão "crise de identidade" para definir o período de incertezas e mudanças durante a adolescência. Ele divide o ciclo vital completo, da infância à velhice, em oito estágios psicossociais de desenvolvimento do ser humano. O conceito de moratória social, concebida pelo autor como o período em que o adolescente se estrutura para assumir o seu papel no mundo adulto.<sup>91</sup>

Com a hegemonia da psicanálise na Psicologia do século XX esta concepção de crise foi então reafirmada. Arminda Aberastury ensina que as mudanças psicológicas advindas das alterações corporais provocadas pela puberdade estimulam novas relações dos adolescentes com a família e aqueles com que convive. O comportamento estereotipado do "rebelde sem causa" é produzido pelo processo de amadurecimento e da negação da dor da perda da infância. Na adolescência há uma alternância entre a dependência e a independência, caracterizando um período de contradições, ambivalências e conflitos que só podem ser solucionados quando se elabora o "luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação dos pais de infância".<sup>92</sup>

Maurício Knobel desenvolveu o conceito da Síndrome da Adolescência Normal, como conjunto dos conflitos desenvolvidos durante a adolescência. Aberastury e Knobel reconhecem a importância da sociedade e da cultura para o adolescente, mas consideram os fatores psicobiológicos como base da adolescência. As teorias tradicionais sobre a adolescência produzem e reproduzem uma concepção universalizante, naturalizada e patológica da adolescência como uma fase turbulenta do desenvolvimento humano.

---

<sup>90</sup> ANNA FREUD apud GALLATIN, 1978, p. 53

<sup>91</sup> ERIKSON, 1976, p. 132.

<sup>92</sup> ABERASTURY, 1983, p. 24

### 2.3 Adolescência: interpretação sócio-histórica

A Psicologia Sócio-Histórica tem seus referenciais básicos em Vygotsky, Luria e Leontiev, pesquisadores e intelectuais russos que viveram e produziram suas obras entre o final do século XIX e o início do século XX. Marcados pelo materialismo marxista-dialético, sobretudo Vygotsky, eles propuseram a construção de uma psicologia científica, oposta ao positivismo lógico vigente no Ocidente, que contemplasse os processos psicológicos superiores como a linguagem e o pensamento, produzidos pela espécie humana.<sup>93</sup> O desenvolvimento é visto como um processo culturalmente organizado e os processos psicológicos superiores são especificamente humanos, enquanto histórica e socialmente constituídos.<sup>94</sup>

Como a mente primitiva de uma criança se transforma, passo a passo, na mente de um adulto cultural? No processo de desenvolvimento, a criança não só amadurece, mas também se torna reequipada. É exatamente esse reequipamento que causa o maior desenvolvimento e mudança que observamos na criança à medida que se transforma em adulto cultural. É isso que constitui a diferença mais pronunciada entre o desenvolvimento dos seres humanos e dos outros animais.<sup>95</sup>

Na visão positivista, a adolescência é entendida como uma etapa natural, inerente e própria ao ser humano. Os conflitos e crises explícitos na adolescência seriam um conjunto de fatores típicos dessa fase do desenvolvimento humano, vivenciados universalmente sob qualquer situação histórica ou cultural. Contrariando o *mainstream*<sup>96</sup> a respeito da adolescência, a Psicologia Sócio-histórica entende a adolescência como um período histórico, um momento construído e interpretado

<sup>93</sup> OZELLA, Sérgio. *Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003.p. 8.

<sup>94</sup> BRITO Soares Nilza. *Processos psicológicos superiores*. Disponível em: <<http://blogdanilletras.blogspot.com.br/2009/04/processos-psicologicos-superiores.html>>. Acesso em 08 dez 2012.

<sup>95</sup> VYGOTSKY, L.S. e LURIA, A.R. *Estudos sobre a história do comportamento: O macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996(texto de 1930). p. 177.

<sup>96</sup> *Mainstream* ("corrente principal") é um termo inglês que designa o pensamento ou gosto corrente da maioria da população. É muito utilizado atualmente referindo-se às artes em geral (música, literatura, etc). Geralmente usado para definir algo que é comum ou usual; algo que é familiar às massas; algo que está disponível ao público geral; algo a que tem laços comerciais. O termo *mainstream* inclui tudo que diz respeito à cultura popular, e é disseminado principalmente pelos meios de comunicação em massa. Muitas vezes é também usado como termo pejorativo, para algo que "está na moda". O contrário do *Mainstream* seria chamado de *Underground*, ou seja, o que não está ao alcance do grande público, sendo restrito a cenas locais ou públicos restritos. CALDWELL, John. *Mainstream*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mainstream>>. Acesso em 08 dez 2012.

pela humanidade. A Psicologia Sócio-histórica não rejeita o conceito/condição adolescência, mas interpreta a constituição histórica do adolescente a partir do grupo social em que ele está inserido.

O jovem não é algo por natureza. Como parceiro social, está ali, com suas características, que são interpretadas nessas relações; tem, então, um modelo para sua construção pessoal. Construídas as significações sociais, os jovens têm então a referência para a construção de sua identidade e os elementos para a conversão do social em individual.<sup>97</sup>

A teoria sócio-histórica nega a universalidade da adolescência e desconsidera-a como uma fase naturalmente intermediária entre a infância e a fase adulta. Ela interpreta a adolescência como um momento significado, interpretado e construído pelo ser humano. É um fato social e as marcas que o adolescente carrega são interpretadas segundo a sociedade em que ele está inserido e por isso só podem ser compreendidas naquele contexto. A valorização ou a desvalorização dos sinais típicos da puberdade, ainda que ocorram na ordem biológica, são significados e ressignificados de maneira distinta no tempo e no espaço.

O crescimento dos seios para uma jovem ocidental urbana não é interpretado num primeiro momento por ela como a sua capacidade natural para amamentar o futuro filho. A força física dos rapazes atualmente é mais um símbolo de beleza e estética do que aptidão para o serviço braçal ou a capacidade para empunhar uma espada ou lança. Na sociedade contemporânea ele não precisa mais manusear um arco para trazer a refeição para a família.

A ligação entre puberdade e participação na sociedade foi trocada por uma adolescência alienada politicamente. A adolescência tem sido ressignificada em múltiplos espaços sugestionando uma perspectiva plural do conceito. A concepção sócio-histórica, ao analisar a adolescência não se preocupa em perguntar “o que é adolescência”, mas em pesquisar como ela é construída.

Ao supor uma igualdade de oportunidade entre todos os adolescentes, a Psicologia que se encontra nos manuais de Psicologia do Desenvolvimento dissimula, oculta e legitima as desigualdades presentes nas relações sociais.<sup>98</sup>

---

<sup>97</sup>AGUIAR, W.M.J., BOCK, A.M. & OZELLA, S. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B., GONÇALVES, M. G. M. & FURTADO, O. (orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001. p.163-78.

<sup>98</sup>AGUIAR, BOCK & OZELLA, 2001,p.163-78.

A contribuição teórica de Leontiev no campo da psicologia propõe a superação da concepção naturalizante do ser humano. Ele entende o psiquismo humano como algo que se desenvolve por meio do processo de inserção do indivíduo na cultura e nas relações sociais e não como se fosse algo inerente e natural ao ser humano. É a perspectiva sócio-histórica se contrapondo à perspectiva naturalizante do psiquismo humano.<sup>99</sup>

Para Leontiev o ser humano surge na natureza como um animal, mas se distingue gradativamente dos demais seres vivos a cada passo que se desvencilha e controla a própria natureza. A humanidade se organiza não através das regras fisiológicas impostas pelo seu organismo, mas é capaz de criar leis sociais que são construídas através da história que organizam os corpos dos seres humanos em coletivo e individualmente.<sup>100</sup>

O adolescente é construído não pelas leis biológicas, segundo a interpretação sócio-histórica, mas pelas convenções da sociedade em que está inserido. Essas leis sociais não estão fixadas na sua herança genética, a adolescência não será universal para todos os seres humanos ao contrário da puberdade que é desencadeada por acontecimentos fisiológicos no organismo. Segundo Leontiev, os fenômenos observados durante a adolescência são produções da cultura material e intelectual de cada sociedade. A adolescência pode existir hoje e não mais amanhã. O ser adolescente se constitui em diferentes níveis sociais. Na visão social-histórica, não se faz a pergunta “o que é a adolescência”, mas como é que a adolescência se constituiu historicamente.<sup>101</sup>

A perspectiva social-histórica ajuda a compreender a cultura “adolescêntrica”, onde os adolescentes não são mais preparados para serem adultos, ao contrário, os adultos são interpelados pela mídia por discursos na busca de uma adolescência perdida e extensiva. Nessa cultura adolescêntrica, as crianças sofrem um processo de adulez precoce, não para se tornarem adultos conscientes, mas para o *status* de adolescentes consumidores. A adolescência detém a centralidade na nossa cultura<sup>102</sup>.

---

<sup>99</sup> LEONTIEV, Alexei. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizontes, 1978. p.265.

<sup>100</sup> LEONTIEV, 1978, p. 262.

<sup>101</sup> BOCK, Ana Mercês Bahia. *A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: A adolescência em questão*. Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 26-43, abril 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 05 nov.2012.

<sup>102</sup> FABRIS, Elí H. *Representações de espaço e tempo no olhar de Hollywood sobre a escola*. Porto



### 1.3 Adolescência na Pós-Modernidade

O século passado foi o “século da adolescência” onde o mesmo foi alçado à categoria de herói do século XX. Viu-se o surgimento de uma consciência etária à oposição jovem/não jovem. A moda e a cultura passam a ser ditados e elaborados para e pelos jovens. Talvez o século XXI tenha iniciado com uma busca pela compreensão e entendimento ímpar da figura do adolescente em comparação com os demais, o que não significa a sua valorização. Na segunda década do século XXI é possível encontrar pesquisadores que definem a adolescência sob uma perspectiva universalizante, natural e patológica.

Como em todas as gerações, ser adolescente tem pontos comuns que se repetirão por toda a eternidade, é uma época da vida onde mudanças hormonais contribuem para comportamentos mais agressivos, contestadores, tanto físico quanto emocionais, uma busca de si mesmo e da identidade.<sup>103</sup>

A Pós-Modernidade é contemporânea do século que desenvolveu gradativamente através das suas décadas uma visão de adolescência tanto sob um aspecto negativo, patológico de delinquência, incapacidade legal e desajuste social quanto explorada e valorizada como mercado de consumo, cultura *pop* e parâmetro de beleza e moda. O século XX criou a cultura adolescente. A cultura *pop* americana apropriou-se da adolescência. O desejo de mudança da sociedade e do mundo conferido aos jovens e adolescentes durante a modernidade foram trocados na sociedade do apogeu modernista, segundo Christopher Lasch, pela cultura do narcisismo em sua face de individualização.<sup>104</sup>

Os temas do projeto e da transformação cedem lugar a uma hipertransformação expressa por micronarrativas que tentam produzir uma pequena geografia subjetiva. Antes de saber o que transformar, torna-se urgente encontrar onde estamos.<sup>105</sup>

---

Alegre: UFRGS/FACED, 1999. p.255. (Dissertação de mestrado.).

<sup>103</sup>TIBA, Içami. *O Adolescente do Século XXI*. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=61>>. Acesso em 16 jan. 2013.

<sup>104</sup>LASCH, Christopher. *O mínimo Eu*. Sobrevivência psíquica em tempos difíceis. São Paulo: Brasiliense, 1984. NETO, FuadKyrillos, DUNKER, Christian Ingo Lenz. O Ineditismo na adolescência: originalidade, igualdade e repetição. *Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Ano VII, n. 3, set;2004.

<sup>105</sup>NETO, FuadKyrillos, DUNKER, Christian Ingo Lenz. *O Ineditismo na adolescência: originalidade, igualdade e repetição*. *Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Ano VII, n. 3, set;2004.

Nas sociedades tradicionais modernas, a durabilidade das coisas materiais e dos conceitos propiciava ao ser humano a sensação de segurança e estabilidade, as opções de mobilidade social já estavam estratificadas e incorporadas pela sociedade. Com o advento da Pós-Modernidade, a subjetividade é a ferramenta hegemônica. As ideias tomam o lugar das coisas materiais. A durabilidade das coisas é precária. A falta de confiança é extrema num contexto líquido. Há o medo de se perder abruptamente aquilo que se conseguiu ou do que se almeja alcançar. As possibilidades ganham a projeção de infinitas, aumentando nos sujeitos adolescentes a sensação de insegurança, incerteza e desamparo.<sup>106</sup>

Os mecânicos de automóveis de hoje não são treinados para consertar motores quebrados ou danificados, mas apenas para retirar e jogar fora as peças usadas ou defeituosas e substituí-las por outras novas e seladas, diretamente da prateleira. Eles não têm a menor idéia da estrutura interna das 'peças sobressalentes', do modo misterioso como funcionam; não consideram esse entendimento e habilidade que o acompanha como sua responsabilidade ou como parte de seu campo de competência. Como na oficina mecânica, assim também na vida em geral: cada 'peça' é 'sobressalente' e substituível, e assim deve ser. Por que gastar tempo com consertos que consomem trabalho, se não é preciso mais que algum momento para jogar fora a peça danificada e colocar outra em seu lugar?<sup>107</sup>

A internet e a informatização quebraram o conceito da modernidade em que o conhecimento era assimilado por etapas e adquirido gradativamente. Com o advento do *Google* volta-se à fase em que o conhecimento se dá como defendiam os místicos; instantaneamente, por revelação, só que agora *on-line*. Jorge Miklos em seu livro *Ciber-religião* apresenta uma relação, denominada de *midiofagia*, em que a religião vem sendo midiaticizada e a mídia tem sido sacralizada. Segundo o autor, a mídia está devorando os conceitos de onipresença, onipotência e onisciência, reservados à divindade.<sup>108</sup>

Google responde às suas dúvidas. Google é imortal. Não é orgânico, seu algoritmo pode sobreviver por séculos, apenas mudando de servidores. Google é infinito. Pode crescer infinitamente, apenas ligando mais computadores a ele. Google lembra-se de tudo e de todos. Suas opiniões expressas na internet podem vir parar dentro do Google e serem lembradas para sempre. Google é benevolente. Faz parte da filosofia da empresa fazer

---

<sup>106</sup>NETO;DUNKER, 2004, p. 25.

<sup>107</sup>BAUMAN, 2007, p. 186.

<sup>108</sup>MIKLOS, Jorge. *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura*. Aparecida: Ideias e Letras, 2012. 160p.

dinheiro sem praticar atos danosos. O nome “Google” é mais procurado pela humanidade que os termos “Deus”, “Jesus”, “Buda”, “Alah”, “Cristianismo”, “Islamismo”, “Judaísmo”, juntos. O Google é o poder. Classificar e ordenar são formas de exercer o poder.<sup>109</sup>

A maturidade está sendo encolhida na Pós-Modernidade porque a juventude e a infância vendem, consomem, abrem mercados. Juventude é um produto. Ser adolescente é um parâmetro atual, é uma virtude. Os adolescentes vêm sendo cooptados tanto pela política, pelo mercado quanto por grupos fundamentalistas e pela mídia. A adolescência não é mais a preparação para a vida adulta, ela tem sido ampliada. Os adultos desejam compartilhar dessa adolescência. As crianças são convocadas para adolecer cada vez mais rápido.<sup>110</sup>

Adolescência é um tempo ao qual, em geral, as crianças querem chegar, os adultos querem retornar e do qual os adolescentes querem sair. As crianças querem chegar porque imaginam que poderão se livrar da tirania dos adultos. Os adultos querem voltar porque idealizam esse como o momento da vida em que ainda nada estava decidido e, portanto, poderiam – se retornassem – refazer suas escolhas. Os adolescentes – desmentindo essa idealização – querem sair justamente para se desvencilhar dessa pesada carga, que o discurso social lhes demanda, de se prepararem para realizar tudo o que até agora ninguém conseguiu realizar.<sup>111</sup>

Na Pós-Modernidade existem múltiplas formas de adolecer. Existe a adolescência gozadora, fruitiva, hedonista que procura o prazer em curto prazo e cultiva sobremaneira a beleza. Existe uma adolescência com consciência social e ecológica capaz de respeitar e interagir com elementos da natureza e gêneros humanos em um nível de evolução cultural superior às gerações anteriores. O presentismo, o consumismo e o narcisismo são a tríade no consenso dos estudos sobre a adolescência na Pós-Modernidade, mas é preciso pensar que na modernidade líquida o sujeito adolescente caminha em variados espaços e territórios, elaborando e construindo novas culturas adolescentes.

<sup>109</sup> FORMIGA, Julianna. *Google é o novo Deus: Onipotência, Onipresença E Onisciência*. Disponível em: <<http://www.intelectocomunicacao.com.br/index.php/artigos/4033-google-e-o-novo-deus-onipotencia-onipresenca-e-onisciencia>>. Acesso em 16 jan. 2013.

<sup>110</sup> FABRIS, EliHenn. Uma cultura ‘adolescência’. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Estudos Culturais em Educação*. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 268.

<sup>111</sup> JERUSALINSKY, Alfredo. *Até quando dura a juventude?* [Cultura]. *Zero Hora*. p. 2, 2002, 10 de agosto.

### 1.3.1 Adolescências que nos escapam

A Pós-Modernidade marca o fim da infância e da adolescência ingênua, aquela adolescência protegida e controlada pelos pais e autoridades e o início da infância da multimídia e das novas tecnologias com desempenho máximo. Se no início do século XX crianças e jovens acompanhavam atônico um aparelho que emitia sons através das ondas do rádio e as gerações seguintes foram se condicionando no papel de espectadores da televisão e do cinema, atualmente os adolescentes sentem a necessidade de estar interagindo com o celular, o computador e os *games*, artigos que têm nesse segmento etário as suas funcionalidades básicas passadas à categoria de secundárias. Não basta assistir, é necessário demonstrar a sua performance. Segundo Rushkoff :

Há os videogames [...] que evoluem de pontos de vista objetificados até os cada vez mais participativos. Passam de histórias contadas ou observadas a histórias vividas. O mundo é gerado pelos comandos à medida que andamos por ele. Em alguns jogos, pode-se ver o cenário sendo rederizado (ter um acabamento com cor sombra e textura) à medida que se aproxima.<sup>112</sup>

Essa familiaridade com o mundo da alta tecnologia representa o fim do domínio total dos pais, que vivem um momento de crise. Crianças e adolescentes chegam às lojas decididos do que querem levar e não aceitam a opinião dos pais. Para a mídia de consumo, a adolescência não é natural, mas um produto fabricado, licenciado e editado. Essa adolescência fabricada pela mídia aliena, priva os adolescentes de saber pensar e construir a vida e padroniza o adolescer.

A adolescência como categoria historicamente construída é influenciada pelo mundo adulto. A propaganda estimula o adolescente a consumir bens materiais na busca da felicidade. O adolescente entra num círculo vicioso desencadeado pela ânsia de adquirir novos artigos que leva ao consumo descontrolado e à constante insatisfação. Segundo Stuart Hall “provocando um desequilíbrio das identidades culturais o que pode vir a deixar as pessoas muito frágeis”.<sup>113</sup>

---

<sup>112</sup> DORNELLES, Leni Vieira. *Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis: Vozes, 2005.p.107.

<sup>113</sup>HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.p. 35.

A consciência na família é ditada pela mídia e a estrutura familiar centralizada na figura dos pais é deslocada para os filhos ou o filho, uma vez que prover tecnologia para um número reduzido de filhos é economicamente mais viável que uma prole mais numerosa. Quem decide as coisas em casa são os adolescentes. Eles é que ditam os acessórios, a programação, as atividades e os períodos de lazer da família. O adolescente monta o seu quarto/escritório dispondo de recursos que os seus pais e avós só acompanhavam em filmes de ficção científica.

Um menino pergunta ao avô: “É verdade que quando o senhor era pequeno não havia televisão?” O avô responde que sim, e o menino devolve: “Então onde é que você jogava videogame?” A piada mostra o fosso tecnológico entre as gerações.<sup>114</sup>

Essa consciência está corrompida pelo consumismo que produz adolescentes consumidores. Grandes empresas buscam especialistas em elaborar comerciais e embalagens que despertem nas crianças, nos adolescentes e nos jovens o desejo de consumir. Consumir como uma forma de poder; um modo ou estilo de auto-subjetivação de governo de si. É um fim em si mesmo. Passa a consumir não apenas o objeto, mas o que ele pode representar: *status*, conforto, desejos, conhecimento, poder. A mídia produz sujeitos consumidores.<sup>115</sup>

Os brinquedos industrializados tornaram-se uma mercadoria tão forte quanto tantas outras na economia de mercado. Temos em nossas crianças um consumidor em formação, e a mídia tem se aproveitado disso com um forte apelo à afetividade, à aventura e ao poder.<sup>116</sup>

Muitos adultos, por não possuírem habilidades para interagirem com os adolescentes, interpretam os novos jogos e brincadeiras juvenis como um novo caos, uma desordem, uma preparação de sujeitos adolescentes agressivos, desordeiros e desconectados com o mundo. Porém, muitos adolescentes compreendem esse caos como parte evolutiva do próprio jogo e da brincadeira. Dessa maneira o adulto demonstra que continua desconectado do mundo do adolescente, vigiando, fazendo conjecturas, sem ouvir os adolescentes em suas descobertas e indagações.

---

<sup>114</sup>RYDLEWSHI, C. A Vida Sem Fio. *Veja*, v. 37, n. 40, p. 122, out. 2004.

<sup>115</sup>DORNELLES, 2005, p. 91.

<sup>116</sup>DORNELLES, 2005, p. 90.

Naquele tempo não havia tanto interesse em ficar na frente da televisão e não havia tanta violência como vemos nos dias atuais, as crianças tinham uma infância diferente da de hoje, pois todos curtiam as brincadeiras de rua e a própria televisão não tinha tanta influência.<sup>117</sup>

Os pais vivem momentos de frustração, solidão e angústia por não dominarem mais a mente e o universo dos seus filhos. Há uma multiplicidade de opções: falar e interagir com quem quiser, em qualquer local do mundo, a qualquer hora, para satisfazer a qualquer desejo. Os pais se sentem fragilizados, pois não sabem o quanto aquele membro da família sabe. Os pais deixam de ser os detentores últimos da fonte do conhecimento e do saber familiar: a memória. A sensação de desamparo e angústia torna-se hegemônica em algumas famílias.

Em geral, o adolescente é ótimo intérprete do desejo dos adultos. Mas o próprio sucesso de suas interpretações produz fatalmente o desencontro entre adultos e adolescentes. Pois se estabelece um fantástico quiproquó: o adolescente acaba eventualmente atuando, realizando um ideal que é mesmo algum desejo reprimido do adulto. Mas acontece que esse desejo não era reprimido pelo adulto por acaso. Reprimiu-se, foi porque queria esquecer-lo. Por conseqüência, o adulto só pode negar a paternidade desse desejo e aproveitar-se da situação para reprimi-lo ainda mais no adolescente.<sup>118</sup>

Os adultos desenvolveram certo sentimento de medo, porque essa adolescência líquida escapa e não se sabe governá-la. A Pós-Modernidade destruiu a sensação dos pais de manter o controle sobre os filhos. Os adolescentes utilizam recursos e meios não disponíveis ou inexistentes no século passado. A adolescência pós-moderna escapa quando é comparada à adolescência passada. O modo de ser adolescente analógico é uma língua morta na globalização informatizada. O capital cultural adquirido na modernidade tornou-se ultrapassado antes de alcançar a maturidade. A informação agora é instantânea. O conhecimento irradia de vários centros e é reconstruído através da subjetividade dos seus receptores, que também produzem e compartilham saberes. O idioma incorpora novas palavras e a sociedade novos conceitos. É necessário pensar essa adolescência pós-moderna: no que ela incita, perturba, marca, atormenta, cativa! É uma adolescência diferente da adolescência que os adultos atuais tiveram no século passado.

---

<sup>117</sup>PREVITALE, Ana Paula. *A Importância do Brincar*. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?view=20490>> Acesso em: 13 jun. 2007

<sup>118</sup>CALLIGARIS, 2000, p. 17.

### 1.3.2 Ciberadolescência

O termo *ciberadolescência* é uma apropriação adaptada do conceito de *ciberinfância*, utilizado por Leni Vieira Dornelles.<sup>119</sup> Em um intervalo de vinte anos em média, um adolescente pôde adquirir para uso doméstico o que um profissional liberal só tinha acesso no local de trabalho e de maneira limitada há menos de duas décadas. O adolescente considera obsoleto e desnecessário tudo aquilo que foi criado ou lançado antes da era da informática, logo os brinquedos fabricados pelas gerações passadas são ‘feios’ e desinteressantes. O adolescente considera velho o que já existia antes dele haver nascido.

Crianças e adolescentes muitas vezes adquirem o aparelho somente para estar acompanhando a tecnologia e competir com amigos qual tem mais recursos disponíveis. Já que hoje o celular não fica restrito apenas em ligações e mensagens. A aquisição do celular é uma questão do parece ser preciso "ter" para "parecer ser" e/ou "pertencer" a um determinado grupo ou sociedade.<sup>120</sup>

Na Pós-Modernidade informatizada existe o adolescente que passa a maior parte do seu tempo interagindo com a mídia. Esse adolescente torna-se super ativo virtualmente e *hiper*-estimulado com *gigabits* de informações que eles não conseguem digerir e transformar em conhecimento na mesma velocidade que as recebem. Esses adolescentes são vistos como anormais por muitos pais e professores. O adolescente tem acesso ao mundo em casa. Até a popularização da internet, os adolescentes faziam suas amizades conhecendo pessoas na escola, na rua, no bairro de maneira física e pessoal; hoje é possível fazer amizade pelo computador com pessoas que não se conhece sem estabelecer contato físico. “As pessoas estão deixando de sair de casa para se divertir com amigos e ficar em frente ao computador teclando com outras pessoas”.<sup>121</sup>

O adolescente se tranca no quarto e passa horas diante da tela do

---

<sup>119</sup>DORNELLES,2005,p. 107

<sup>120</sup>SILVA, Gustavo Anderson. A influência da tecnologia na vida de crianças e adolescentes dos pequenos centros urbanos.Disponível em: <[http://artigos.netsaber.com.br/resumo\\_artigo\\_1486/artigo\\_sobre\\_a\\_influencia\\_da\\_tecnologia\\_na\\_vida\\_de\\_crianças\\_e\\_adolescentes\\_dos\\_pequenos\\_cen\\_tros\\_urbanos](http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_1486/artigo_sobre_a_influencia_da_tecnologia_na_vida_de_crianças_e_adolescentes_dos_pequenos_cen_tros_urbanos)>. Acesso em 18 jan. 2013.

<sup>121</sup>HANAVER. Fernando J. *Impacto da informática nas relações humanas*. 2005. Disponível em: <[http://www-usr.inf.ufsm.br/~fhanauer/elc1020/files/Artigo\\_Revisado\\_Felipe\\_Hanauer.pdf](http://www-usr.inf.ufsm.br/~fhanauer/elc1020/files/Artigo_Revisado_Felipe_Hanauer.pdf)>. Acesso em 19 jan. 2013.

computador não porque deseja fugir do mundo que o cerca, mas para fazer parte do mundo a partir da janela/tela do computador. A tecnologia torna-se uma extensão do corpo e, na medida em que possibilita novos alcances para a mente do adolescente, também tolhe o seu físico de habilidades desenvolvidas e estimadas nas gerações passadas. "Em torno à cultura da realidade virtual, está emergindo a geração do *ponto-com*, que não valoriza a história nem o contexto, porque o mundo é uma tela onde a vida se apresenta como espetáculo".<sup>122</sup> É diante do computador que ele se inventa e reinventa no ciberespaço, de maneira infinita.<sup>123</sup>

Esse adolescente para si tem um quarto/*lanhouse* globalizado, espaço informatizado, cheio de argúcias! É o escritório/dormitório atual do adolescente na contemporaneidade. É uma adolescência "condenada a uma obsolescência acelerada".<sup>124</sup>

A nova mídia eletrônica não apenas possibilita a expansão das relações sociais pelo tempo e espaço, como também aprofunda a interconexão global, anulando a distância entre as pessoas e os lugares, lançando-as em um contato intenso e imediato entre si, em 'presente' perpétuo, onde o que ocorre em um lugar pode estar ocorrendo em qualquer parte. Isso não significa que as pessoas não tenha mais vida local.<sup>125</sup>

A *ciberadolescência* emerge também a partir dos *cyber*-modelos, presentes na mídia, revelando seus segredos pessoais, sua vida privada, hábitos e comportamentos, inclusive os produtos que utilizam. Esses *cyber*-modelos adolescentes não apenas demonstram o que é *descolado*, mas também como ser *descolado*. A mídia ensina normas de jogos, de vida. Adolescentes ícones produzem comportamentos, atitudes, moda que influenciam adolescentes na sua maneira de viver. Os adolescentes investem em seus corpos naquilo que é ditado pela mídia, buscando consumir o que deixe com aparência de descolados.<sup>126</sup> Os meios de comunicação:

---

<sup>122</sup>SILVA, José de Souza. Quo Vadis, Tecnociência? A emergência de uma ciência da sociedade no contexto da mudança de época. In: Santo, Lucy Woellneret al. (Orgs.) *Ciência Tecnologia e Sociedade: o desafio da interação*. 2 ed. Londrina: IAPAR. 2004. p. 9.

<sup>123</sup>DORNELLES, 2005, p. 91

<sup>124</sup>BAUDRILLARD, 1997 apud DORNELLES, 2005, p.95.

<sup>125</sup>FABRIS, Marisa Vorraber (Org.). *Estudos Culturais em Educação*. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 268.

<sup>126</sup>DORNELLES, 2005. p. 96.



Fabricam os desejos que se convertem em estratégias disciplinares ensináveis às crianças. Produzem, a partir daí, sujeitos com desejo de consumo, ou seja, meninas e meninos que devem desejar determinados produtos, ter vontade de ser de um jeito, ter acesso a...<sup>127</sup>

A Igreja Batista Conservadora não dispõe de nenhum programa *on-line* direcionado para os adolescentes. É possível encontrar elementos doutrinários em *blogs* e redes sociais de adolescentes batistas conservadores que consomem imagens e as materializam em si mesmos. O adolescente obtém através da fria tela do computador o calor do acolhimento e da aceitação nas redes sociais. O desejo de estarem inscritos em redes sociais e sites virtuais, significa pertencer a um espaço transpassado pelo poder. Na internet o adolescente é o editor. Há um empoderamento intrínseco na rede. O usuário classifica e ordena os assuntos e informações. O adolescente só busca na rede o que deseja encontrar. “Classificar e ordenar são formas de exercer o poder.”<sup>128</sup>

O ciber-adolescente domina o espaço virtual, pois a mídia é adolescente. Tudo é novo, tudo é permitido, não existe limite, o fascínio é grande. O ciberespaço é um território para se distinguir e, ao mesmo tempo, se integrar. Elementos doutrinários e valores morais representam ideais comuns e transmitem para o usuário a sensação de identificação e pertencimento. O ciberespaço estabelece quem fala, qual o status de quem fala e de onde provém o discurso de quem fala.<sup>129</sup> Esses adolescentes ocupam posição de sujeito de maior status no espaço virtual do que nas igrejas locais, onde assumem postura passiva com participação limitada na liturgia dos cultos regulares.<sup>130</sup>

Mas não podemos confundir conexão com comunicação. Há um longo caminho entre conexão e comunicação. Esta hiper-conectividade não quer dizer que estamos nos comunicando. É claro que a conexão é importante e facilita enormemente nossas vidas. Mas o homem acaba sendo uma presa na rede da mídia.<sup>131</sup>

<sup>127</sup>DORNELLES,2005,p. 94.

<sup>128</sup> FORMIGA, Julianna. *Google é o novo Deus: Onipotência, Onipresença E Onisciência*. Disponível em: <<http://www.intelectocomunicacao.com.br/index.php/artigos/4033-google-e-o-novo-deus-onipotencia-onipresenca-e-onisciencia>>. Acesso em 18 jan. 2013.

<sup>129</sup> O autor realizou pesquisa social em templos da Igreja Batista Conservadora, observando cultos realizados nas cidades gaúchas de Ivoti, Lindolfo Collor e São Leopoldo.

<sup>130</sup>DORNELLES,2005,p. 97.

<sup>131</sup> FORMIGA, Julianna. *Google é o novo Deus: Onipotência, Onipresença E Onisciência*. Disponível em: <<http://www.intelectocomunicacao.com.br/index.php/artigos/4033-google-e-o-novo-deus-onipotencia-onipresenca-e-onisciencia>>. Acesso em 18 jan. 2013.

### 1.3.3 Adolescências ninja

Mas existe outra adolescência periférica que sobrevive sem o adulto não porque está madura, mas porque os sujeitos foram privados do afeto familiar. É a adolescência *ninja*, segundo Dornelles, que aplica esse termo originalmente à infância, porque está ali, mas ninguém quer ver. É uma adolescência abortada, fragmentada, deturpada. Esses também são afetados pelo consumismo na tentativa de se igualar aos demais adolescentes. As ausências são a tônica dessa adolescência. Esses adolescentes são encontrados nas ruas, praças e sinaleiras, principalmente na fase inicial da adolescência quando ainda são identificados como crianças. É uma adolescência alijada das balizas tecnológicas e midiáticas que configuram a adolescência na Pós- Modernidade.<sup>132</sup>

Meninos e meninas que estão a peregrinar pela vida, em busca de um lugar que parece não existir para eles no mundo. Eles já eram vistos no final do século 19 como perturbadores da ordem e da paz social nas primeiras metrópoles do mundo. Essas crianças que ainda hoje vemos pelas ruas não se encaixam nesse Brasil ideal. Elas permanecem às margens da sociedade em sua luta cotidiana pela sobrevivência. Os meninos e meninas que vemos nessas fotos nascem como quaisquer outras crianças. Cheias de vitalidade e alegria. Cheias de expectativas. Querem ser parte de uma sociedade que lhes confronta nas ruas, na televisão e nos outdoors...Sonham fazer parte de um modelo econômico e social do qual são excluídos. Não existem meninos de rua. Mas crianças e adolescentes que são levados às ruas. Seus destinos entregues à própria sorte.<sup>133</sup>

São adolescentes brasileiros que fazem parte do país mais desigual do mundo, de acordo com os relatórios do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD. Essa desigualdade naturalizada pelo cotidiano produz e reproduz a própria exclusão. O adolescente tem sido historicamente excluído da sua própria definição de adolescência. As narrativas sobre adolescência sempre partem do olhar do adulto. A ausência tem sido a tônica da adolescência através da história da humanidade. A naturalização e a universalização da adolescência dificultam a contemplação dessas diferenças e a problematização das suas causas. Há apenas a tolerância e a preocupação em controlá-los.

---

<sup>132</sup> DORNELLES, 2005, p.72.

<sup>133</sup> RIZZINI, Irene. *Existem meninos de rua?* Disponível em: <[http://www.redeamigadacrianca.org.br/artigo\\_meninosrua.htm](http://www.redeamigadacrianca.org.br/artigo_meninosrua.htm)>. Acesso em: 20 de jan. 2013.

Com exceções, o Estado, a família e a escola seguem pensando a adolescência como uma categoria de trânsito entre um estado e outro, como uma etapa de preparação para o que será a juventude no futuro. Entretanto, para os jovens, sua condição de jovem e sua participação no mundo estão centradas no presente, o que foi sutilmente captado pelo mercado.<sup>134</sup>

A percepção de adolescências alternativas, discriminadas e caracterizadas pela ausência de elementos identitários presentes no modelo de adolescência padrão de um sistema político–econômico, se dá através do abandono da concepção universalizante e natural da adolescência. Onde é identificado o termo adolescência *ninja* as desigualdades sociais não permanecem encobertas.

Adolescência, portanto, deve ser pensada para além da idade cronológica, da puberdade e transformações físicas que ela acarreta, dos ritos de passagem, ou de elementos determinados aprioristicamente ou de modo natural. A adolescência deve ser pensada como uma categoria que se constrói se exercita e se re-constrói dentro de uma história e tempo específicos.<sup>135</sup>

É possível problematizar a produção do conceito de adolescência *ninja*. Através do reconhecimento de culturas adolescentes periféricas é possível analisar o conceito/condição adolescência como uma construção histórico-social. Os caminhos através da história que estabeleceram um modelo de adolescência ideal para o consumo e para a mídia, foram estabelecidos pelo sistema capitalista que cria um mundo para poucos, dotado de recursos e outro mundo pobre para aqueles que não conseguem se manter dentro desse padrão de felicidade consumista.<sup>136</sup>

A adolescência periférica é construída a partir de instituições e valores que impõem limites de consumo e acesso aos meios produzidos pela sociedade capitalista. A mídia e a indústria produzem bens de consumo disponíveis para todas as classes sociais, alternativas podem ser adquiridas pelos menos afortunados.

<sup>134</sup>Com excepciones, el Estado, la familia y la escuela siguen pensando a la juventud como una categoria de tránsito entre um estado y outro, como una etapa de preparación para lo que si vale la juventud como futuro. Mientras que, para los jóvenes, su ser y su hacerem el mundo está anclado en el presente, lo que há sido finamente captado por el mercado. REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: um campo de estudio; breve agenda para la discusión. In: FÁVERO, Osmar (Org.). *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: MEC/UNESCO/ANPEd, 2007, p. 52.

<sup>135</sup>BOCK, Ana Mercês Bahia. Adolescência como uma construção social. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*: vol 11, nº1, Janeiro/Junho, 2007, p. 11.

<sup>136</sup>FIGUEIREDO, Milene dos Santos; TOMAZETTI, Elisete Medianeira. *infância, escola e mídia(s): a(s) cultura(s) infantil(is)em Discussão*. Teias: Rio de Janeiro, ano 8, nº 15-16, p. 5. jan/dez 2007.

Todos precisam estar inseridos nessa teia desigual. Segundo Born, o objetivo é que todos tenham a sensação de governo de si ao consumir. A aquisição de determinado produto é com o objetivo de aparentar para um determinado grupo, ter poder de adquirir coisas para a fim de ser aceito ou aparentar estar inserido nesse grupo.<sup>137</sup>

O fato do poder aquisitivo da população ser considerado baixo, não significa deixar de adquirir a tecnologia, pois existem diversas formas de pagamentos permitindo ao consumidor adquirir um equipamento mesmo que tenha um preço elevado. Já os indivíduos que não adquirem a tecnologia, podem fazer uso destes meios, em casas de amigos, lanhouses, casas de jogos (videogames), etc.<sup>138</sup>

A adolescência *ninja* pode ser fabricada dentro de sistemas e instituições que visam resguardar o adolescente dos males da sociedade contemporânea. Há uma preocupação nos espaços fundamentalistas em disciplinar os corpos. Nesses espaços a adolescência não apenas é interpretada como tempo de crise, rebeldia, imaturidade, indisciplina e irresponsabilidade, mas como uma época de aprendizado e resgate de outros adolescentes que se encontram perdidos. Há uma insegurança em buscar apoio fora do grupo. Alguns desses adolescentes temem as novidades do momento, por se sentirem inseguros em caminhar onde não podem manifestar sua firmeza doutrinária.<sup>139</sup>

A Pós-Modernidade tem mostrado que existem muitas outras adolescências além dos modelos preconizados pela Modernidade. As adolescências são múltiplas e inventadas como produtos sociais e históricos. A exclusão é a marca das adolescências alijadas das novas tecnologias que sobrevivem na periferia da globalização informatizada. Esses adolescentes são vistos em territórios e espaços em condições de risco psicossocial, mas também podem ser encontrados em ambientes familiares, em sistemas educacionais e religiosos que os transformam em adolescentes com acesso limitado à mídia.

---

<sup>137</sup> BORN, Lilian Ivana. Telefone celular e infância: alguns tensionamentos. *UNIrevista*, v. 1, n. 2, p. 4, abr. 2006. Disponível em: <[http://www.unirevista.unisinos.br/\\_pdf/UNIrev\\_Born.pdf](http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Born.pdf)> . Acesso em: 19 de jan. 2013.

<sup>138</sup> SILVA, Gustavo Anderson. *A Influência Da Tecnologia Na Vida De Crianças E Adolescentes Dos Pequenos Centros Urbanos*. Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos/sociais/sociedade/a-influencia-da-tecnologia-na-vida-de-criancas-e-adolescentes-dos-pequenos-centros-urbanos-1869/artigo/>> Acesso em 19 jan. 2013.

<sup>139</sup> LIBANIO, 2004, p. 92.

## 2. O FUNDAMENTALISMO E A SUA INFLUÊNCIA EM ADOLESCENTES PENTECOSTAIS GAÚCHOS

O fundamentalismo voltou a ser tema da atualidade quando extremistas islâmicos foram responsabilizados pelos ataques aéreos em 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Esse conceito sofreu um processo de dilatação tão intenso durante a primeira década do século XXI que hoje se encontra pulverizado em vários segmentos da sociedade além da religião, sendo utilizado como classificação pejorativa para rotular movimentos e organizações que mantenham alguma postura ou ação conservadora.<sup>140</sup>

Tanto se fala em fundamentalismo que esse termo já está inflacionado. Em geral, carrega uma carga negativa e uma conotação pejorativa. Fundamentalista seria o fanático, o sectário, o intolerante, o conservador, o autoritário, o totalitário... e sempre são os "outros". Por causa disso, até os clássicos representantes desse movimento no protestantismo de hoje preferem o título de evangélico-conservador ao de fundamentalista.<sup>141</sup>

O fundamentalismo no século XXI representa uma resposta arbitrária de grupos ideológicos em busca de um espaço perdido pela pós-modernidade para as utopias e ideologias triunfalistas e redentoristas. Um muro de virtudes é construído pelos fundamentalistas a fim de proteger seus adeptos tanto das religiões e ideologias diversas quanto das influências da sociedade contemporânea. A modernidade é a grande adversária a ser combatida pelos fiéis.

O fundamentalismo é uma criação moderna e localizável no tempo e no espaço; deve ser enxergado num contexto de criações e recriações, ações e reações modernas. Modernidade contemporânea em que até o terrorismo e a guerra são transformados em espetáculo.<sup>142</sup>

Reconhecendo que o termo fundamentalismo se ampliou entre diversas religiões e para outras ciências, como a economia e a política, neste capítulo ele é analisado em um contexto cristão – protestante – pentecostal, a Igreja Batista Conservadora, a fim de manter a viabilidade da pesquisa.

---

<sup>140</sup> BOFF, Leonardo. Fundamentalismo, Terrorismo, Religião e Paz. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 7.

<sup>141</sup> ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.p. 23.

<sup>142</sup> CAMPOS, Breno Martins Campos. Fundamentalismo Protestante: A invenção de uma tradição exclusivista na modernidade. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st3/Campos,%20Breno%20Martin.pdf>>. Acesso em 27 jan. 2013.

A necessidade de um conceito claro de fundamentalismo é urgente. Como se constata, nos últimos anos o termo fundamentalismo vem sendo prodigamente empregado em situações variadíssimas, tanto no campo religioso como no político. Fundamentalismo aparece, às vezes, como sinônimo de conservadorismo, sectarismo e fanatismo; como movimento ou corrente amarrados a modelos culturais religiosos do passado, fechados aos valores do mundo moderno e até mesmo às ciências.<sup>143</sup>

O termo fundamentalismo utilizado de maneira jornalística engloba todos os movimentos, ações radicais e grupos extremistas capazes de promover algum espetáculo para a mídia. Isso é um erro, pois a maioria dos fundamentalistas não se envolve em ações suicidas e ações terroristas são registradas pela história antes do termo fundamentalismo ter sido construído e ser associado a atentados. A generalização do termo dificulta a identificação das especificidades de cada movimento, promove estereótipos que camuflam a complexidade do tema e inviabiliza a compreensão dos atores sociais desses movimentos. Uma proposta de diálogo entre os sem-diálogo nasce a partir do reconhecimento da invenção de múltiplos fundamentalismos.<sup>144</sup>

O fundamentalismo legitima tradições antigas como sendo verdades inabaláveis desde tempos imemoriáveis na história da humanidade. Tradição é um conjunto de crenças, conhecimentos e hábitos que são transmitidos de uma geração para outra. As tradições são consideradas imutáveis, dádivas divinas, diretrizes de um projeto cósmico, sendo vigiadas pelos responsáveis pela simbologia oficial do grupo que monitoram e orientam o comportamento dos atores sociais. Esses guardiões da tradição servem como balizas sociais para o grupo.<sup>145</sup>

O fundamentalismo cristão estabelece algumas tradições inventadas a partir do texto sagrado, evocando um pertencimento a um passado idealizado como que perfeito, superior à contemporaneidade que remete ao período do início do protestantismo ou à Igreja Primitiva. As tradições reformadas foram elaboradas a partir da hermenêutica dos reformadores, divergindo do catolicismo romano quanto a princípios fundamentais dos quais imputou à Teologia Católica ter-se desviado ou corrompido pela adoção gradativa de princípios alternativos hostis e contraditórios ao Cristianismo original.<sup>146</sup>

---

<sup>143</sup>ORO, 1996, p. 23.

<sup>144</sup>ORO, 1996, p. 119.

<sup>145</sup> SERRA, Carlos. *O que é tradição*? Disponível em: <[http://oficinadesociologia.blogspot.com.br/2006/06/o-que-tradio\\_05.html](http://oficinadesociologia.blogspot.com.br/2006/06/o-que-tradio_05.html)>. Acesso em 26 jan. 2013.

<sup>146</sup>ORO, 1996, p. 67.

A tentativa de buscar conduta de vida mais próxima ao cristianismo inicial cria novas tradições cristãs. Cada denominação protestante tem sua interpretação do que seja o cristianismo puro, o livre exame do texto base possibilita a diversidade confessional. O surgimento de uma denominação protestante representa a formação de um grupo identitário separado que percebeu algum fundamento negligenciado pela comunidade religiosa. Segundo Umberto Eco, o fundamentalismo cristão só poderia ter surgido no protestantismo, pois no catolicismo romano e na ortodoxia oriental o texto sagrado caminha ao lado da tradição.

Essa forma de "literalismo" fundamentalista é antiga. Os Pais da Igreja já conheciam os debates entre os partidários da letra e os partidários de uma hermenêutica mais leve, como Santo Agostinho. Mas, na modernidade, o fundamentalismo estreito só podia virar um fenômeno protestante, porque para ser fundamentalista, é preciso acreditar que o fundamento da verdade reside na interpretação da Bíblia.<sup>147</sup>

O fundamentalismo transforma usos e costumes de um grupo em padrão comportamental e sinalizador da crença do indivíduo, possibilitando que a tradição caminhe lado a lado à interpretação literal do texto sagrado. O movimento pentecostal surgiu no início do século XX nos Estados Unidos, oriundo do movimento de santificação e dos reavivamentos do século XIX. Esses movimentos pregavam restrições comportamentais como condição para a salvação e para viver a plenitude do Espírito Santo. Quando surgiu uma nova onda pentecostal na América do Norte na década de 1930, a influência do século XIX fora amenizada, os usos e costumes não se tornaram tradição, apenas revelavam os hábitos de uma época. Uma clara demonstração de que os costumes são locais, mutáveis e relativos.<sup>148</sup>

Muitas vezes, "tradições" que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas. O termo "tradição inventada" é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as "tradições" realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez.<sup>149</sup>

<sup>147</sup>ECO, Umberto. Definições léxicas. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (dir.). *A intolerância*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 15.

<sup>148</sup>GONÇALVES, José. Voto de Nazireado, prática judaizante que despreza a doutrina da graça. *Resposta Fiel*, Rio de Janeiro, Ano 4, n. 12, p. 26, Jun-Jul-Ago/2004.

<sup>149</sup>HOBBSAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.p. 9.

Os pioneiros da Igreja Batista Conservadora, assim como os fundadores da Assembléia de Deus no Brasil, foram missionários suecos com influência no movimento pentecostal da Rua Azuza em 1906.<sup>150</sup> Eles não se deixaram influenciar pelas duas ondas subseqüentes de pentecostalismo. Os usos e costumes do início do século XX tornaram-se doutrina. Quando a Igreja Batista Independente atualizou sua visão a respeito das restrições comportamentais, surgiu a Igreja Batista Conservadora como reação daqueles que pretendiam continuar a observância do *modus vivendi* original. A Igreja Batista Conservadora propõe-se a manter os princípios fundamentais da doutrina pentecostal clássica: Salvação por fé, Santificação (ou santidade) do crente, Línguas como evidência do Batismo com o Espírito Santo, Cura como parte da redenção e o "iminente" retorno de Cristo.<sup>151</sup>

A ascensão do neopentecostalismo e o decréscimo populacional das igrejas históricas alimenta o fundamentalismo. O sentimento de desencanto com o mundo provocado pelo racionalismo moderno torna desejável a opção por uma verdade própria e exclusiva. A Igreja Batista Conservadora coloca-se como defensora de uma fé cristã conservadora, que pode ser compreendida como o conjunto de princípios bíblicos doutrinários conservadores e a observação de usos e costumes. Há uma afirmação literal da doutrina pentecostal clássica.<sup>152</sup>

O fundamentalismo é a invenção de uma tradição tradicional contra a modernidade. Como invenção, ele é fruto da modernidade e, nessa condição, afirma convictamente que "aqueles que não compartilham de seus pontos de vista não são realmente 'verdadeiros cristãos' de maneira nenhuma".<sup>153</sup>

Se o século XXI começa, segundo a mídia, com 11 de setembro de 2001<sup>154</sup>, o estudo sobre o fundamentalismo e a sua influência nos adolescentes pentecostais gaúchos justifica-se como contribuição no desafio de abrir espaço para o diálogo intercultural e inter-religioso na promoção da convivência das diversidades para a criação de uma cultura da paz no Brasil do século XXI.<sup>155</sup>

<sup>150</sup> Movimento avivalista ocorrido entre 1906 e 1916 em Los Angeles nos Estados Unidos.

<sup>151</sup> LUTHER PRODUCTIONS. *Reavivamento da Rua Azuza (1906 – 1909)*. Disponível em: <<http://demo.lutherproductions.com/historytutor/basic/modern/stories/azuza.htm>>. Acesso em 27 jan. 2013.

<sup>152</sup> MUNIZ, Gideão. *Palavra do Presidente*. Disponível em: <<http://www.portalcbc.org/>>. Acesso em 27 jan. 2013.

<sup>153</sup> BARR, James. *Fundamentalism*. 2 ed. Londres: SCM Press, 1981. p. 1.

<sup>154</sup> SAFATLE, Vladimir. *O fundamentalismo eo Terrorismo*. Folha de São Paulo, editorial, 15/02/11.

<sup>155</sup> BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo, Terrorismo, Religião e Paz*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p.84.



## 2.1 A construção histórica do Fundamentalismo

Está cada vez mais comum, hoje em dia, falar e ouvir falar de fundamentalismo. Após o atentado de 11 de setembro às torres gêmeas em Nova Iorque, ser fundamentalista tornou-se sinônimo de reacionário, fanático, irracional, autoritário, retrógrado extremista e até terrorista. O termo sempre aparece na mídia carregado de conotações pejorativas para definir um indivíduo, grupo ou instituição que não se enquadram na sociedade pós-moderna. Fundamentalista é sempre o outro.

O fundamentalismo é, portanto, o nome que nós damos a este complexo jogo que decorre entre a decadência moral da política e a tentativa dos grupos religiosos radicais de encontrar uma solução para a crise da política: a do retorno aos fundamentos últimos (sagrados, se necessário, e por isso, absoluto) da ação humana na sociedade política<sup>156</sup>.

A reflexão sobre a construção histórica do termo fundamentalismo promove a delimitação de um conceito transformado em palavra de acusação direcionada sempre ao outro, pois aqueles que defendem alguma opinião religiosa, política ou econômica se autodenominam de conservadores.

Paulo Freire nos ensinou a distinguir radicalismo (processo de ir à raiz das questões) de sectarismo, que se define como a inflação de um setor da realidade, ou de um aspecto da compreensão, em detrimento do todo<sup>157</sup>.

O fundamentalismo não é exclusividade do Cristianismo e do Islamismo, estando presente no Hinduísmo, no Judaísmo e no Sikhismo, alimentado por um fio condutor que consegue transpor as complexidades históricas e sociais da sociedade moderna: o esforço de recuperar tradições religiosas que possibilitem a mobilização política e a legitimação de ideologias totalitárias. O fundamentalismo religioso pretende interpretar as razões da política, da economia e da sociedade à luz da razão do “espírito religioso”<sup>158</sup>.

Numa palavra, são movimentos portadores de uma utopia religiosa moderna. Estes movimentos, de fato, esforçam-se por recuperar seletivamente certa tradição religiosa (hebraica, islâmica, cristã, hindu,

---

<sup>156</sup> STEFANI, Piero. *Fundamentalismo Religioso Contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2002.p.10

<sup>157</sup> BOFF, 2009, p.8.

<sup>158</sup> STEFANI, 2002, p.17.

etc.) que permita uma mobilização política “aqui e agora”: o pensamento teológico transforma-se numa práxis imediata, numa hermenêutica viva do núcleo da fé religiosa, reduzindo as categorias teológicas a instrumentos flexíveis de análise dos conflitos sociais e aderindo à dinâmica da luta pelo poder.<sup>159</sup>

A partir dos anos de 1970 o termo fundamentalismo passa a ser aplicado para movimentos de renovação religiosa que surgem em várias partes do mundo e que investem na política em nome da religião. A verdade religiosa torna-se pressuposto para a ação política. A sociedade perfeita é o alvo idealizado pelo fundamentalista. A perfeição social só pode ser alcançada quando todas as estruturas daquela sociedade se submetem à verdade religiosa, ditada por Deus a determinadas pessoas e escrita literalmente nos textos sagrados.

O fundamentalismo não pretende a modernização da religião, mas fundamentação religiosa, explícita, da Modernidade. Não busca uma modernização do Islã, mas a reislamização do mundo muçulmano. Não busca uma concepção secular do Estado de Israel, mas sua fundamentação teocrático-religiosa. Não busca a secularização do cristianismo, mas recristianização do mundo ocidental.<sup>160</sup>

A migração do conceito fundamentalismo da tradição cristã para as outras religiões ocorreu quando o aiatolá Khomeini promoveu uma revolução religiosa no Irã e destronou o xá Reza Pahlevi em 1979. A revolução religiosa no Irã derrubou um governo laico e legítimo e instituiu um regime teocrático e totalitário. Em nome de Alá foram cometidas arbitrariedades e atrocidades legitimadas por uma interpretação literal e doutrinal do Alcorão. A oposição foi suprimida por ser interpretada como um obstáculo a um projeto superior de sociedade baseada nas leis divinas. Os inimigos do governo passaram a ser inimigos da fé.<sup>161</sup>

O Ocidente não tinha um adjetivo apropriado para nomear o movimento que não se limitou ao Irã, mas se espalhou em outros países islâmicos. Khomeinismo tornou-se pouco viável e limitado. Na falta de compreensão de conceitos do universo islâmico, a mídia ocidental importou do cristianismo um termo com que o Hemisfério Norte estava habituado para denominar os muçulmanos sectários e fanáticos.<sup>162</sup>

<sup>159</sup> STEFANI, Piero; PACE, Enzo. *Fundamentalismo Religioso Contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2002.p.20.

<sup>160</sup> DREHER, Martin N. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo:Aste, 2008. p.454.

<sup>161</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 177.

<sup>162</sup> PIERUCCI, 1999, p. 178.

Para Gilles Keppel, nas três últimas décadas do século XX o judaísmo, o cristianismo e o islamismo procuraram reagir diante da modernidade e apresentar respostas para o processo de modernização da sociedade. Foi uma busca por parte das religiões do espaço perdido para a modernidade. Esse fenômeno histórico ficou conhecido como a *revanche de Deus*.<sup>163</sup>

Em 1977 os sionistas assumem o poder em Israel e se posicionam contra o humanismo e reafirmam a eleição divina do povo judeu. Em 1978, Karol Wojtyła é eleito papa e intensifica o posicionamento da Sé Romana contra o Comunismo e prega o retorno de práticas conservadoras anteriores ao Concílio Vaticano II. Em 1979 acontece a revolução islâmica no Irã, abrindo precedentes no mundo muçulmano. Dentro do protestantismo norte-americano surgem movimentos com alcance global através da mídia que promovem a restituição de valores morais e combatem as influências da modernidade na sociedade.<sup>164</sup>

Diferente do fundamentalismo histórico do início do século XX que defendia os fundamentos da ortodoxia cristã contra a secularização trazida pela modernidade, o fundamentalismo atual procura respostas fundamentalistas para questões advindas com o relativismo e a fragmentação da certeza. O fundamentalismo se reinventa na sociedade líquida. O fundamentalismo se alimenta da situação de anomia, conceito utilizado para denominar certas épocas da história onde acontecem mudanças profundas e rápidas, criando um clima de insegurança e ausência de sentido para as coisas.

"Fundamentalista" é um termo cristão. Parece ter entrado em uso nos primeiros anos deste século, e denota certas igrejas protestantes e organizações, mais particularmente aqueles que mantêm a origem literal divina e inerrância da Bíblia. Nisso eles se opõem aos teólogos liberais e modernistas, que tendem a uma visão mais crítica, histórica das Escrituras. Entre os teólogos muçulmanos, não existe tal abordagem liberal ou modernista com o Alcorão, e todos os muçulmanos, na sua atitude em relação ao texto do Alcorão, são, em princípio, pelo menos fundamentalistas. Quando os chamados fundamentalistas muçulmanos diferem de outros muçulmanos e mesmo de fundamentalistas cristãos a diferença está em sua escolástica e seu legalismo. Eles baseiam-se não só sobre o Alcorão, mas também sobre as tradições do Profeta, e no corpus de aprendizagem transmitida teológica e jurídica.<sup>165</sup>

<sup>163</sup>KEPPEL, Gilles. *A revanche de Deus: cristãos, judeus e muçulmanos na reconquistado mundo*. São Paulo: Siciliano, 1991.p. 16.

<sup>164</sup>CAMPOS, Breno Martins. *Fundamentalismo Protestante: A invenção de uma tradição exclusivista na modernidade*. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st3/Campos,%20Breno%20Martin.pdf>>. Acesso em 27 jan. 2013.

<sup>165</sup>LEWIS, Bernard. *A linguagem política do Islã*. Chicago: University of Chicago Press, 1988. p. 117.

### 2.1.1 Para entender o Fundamentalismo

Para que se possa entender o fundamentalismo, o primeiro cuidado é utilizar o conceito no plural. O presente trabalho se ocupa de pesquisar adolescentes que vivem num contexto fundamentalista cristão protestante e pentecostal no Rio Grande do Sul. Isso delimita o objeto de pesquisa, limita um conceito que tem sido aplicado de maneira ampla e reconhece a existência do fundamentalismo em outros espaços que não aquele que está sendo pesquisado.

<sup>166</sup>

Em seguida, para que se possa falar de fundamentalismo é importante identificar elementos que incidem com frequência sobre grupos e ações fundamentalistas. Diante da pluralidade de correntes e expressões diferentes é necessário elencar algumas características que se encontram, em geral, ligadas ao fundamentalismo.

O Fundamentalismo Moderno nasceu do conflito entre cultura antiga e cultura moderna como opção pela cultura antiga e rejeição dos principais valores da cultura moderna: o antropocentrismo nas suas várias dimensões de humanismo ideológico, humanismo científico, humanismo econômico e o pluralismo.<sup>167</sup>

A intolerância é marca do fundamentalismo. O fundamentalismo vai além do apego à fé, à fidelidade. Ele despreza outra verdade que não seja o seu fundamento absoluto e promove a erradicação da liberdade individual. O portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade e o seu caminho é a intolerância. O diálogo não pode existir onde não haja liberdade de expressão nem de posicionamento. No fundamentalismo, há sempre alguém para dizer o que é certo e o que é errado de maneira arbitrária, sem aceitar críticas.

O problema é que por onde vai, a ideologia fundamentalista procura impor uma imagem religiosa e social do estilo de vida americano. Para os fundamentalistas, tal sistema de vida é regido por leis e direitos pré-estabelecidos, fundamentados na Palavra de Deus. Ir contra este sistema é rebelar-se contra Deus. As desigualdades sociais existem pela recusa do ser humano em submeter-se à “reta doutrina” revelada na Bíblia.<sup>168</sup>

<sup>166</sup> FERNANDES, Carlos Roberto. *Projeto de Pesquisa. Como fazer?*. Disponível em: <<http://www.carlosfernandes.prosaeverso.net/visualizar.php?id=661439>>. Acesso em 28 jan. 2013.

<sup>167</sup> ROXO, Roberto Mascarenhas. Fundamentalismo. *Revista Cultura Teológica*. Ipiranga. Ano II, nº 6, Jan/Mar. 1994. Pág. 7-18. p.9.

<sup>168</sup> CAMARGO, César da Silva. *A força político-sacralizadora do fundamentalismo: E.U.A (1880-1930)*.

O fundamentalismo surge como forte reação defensiva daqueles que se sentem ameaçados pelo relativismo ético. As afirmativas são literais e a doutrina é apresentada a partir do que está escrito e como está escrito. As coisas são tomadas em seu sentido literal. O fundamentalismo só aceita a interpretação oferecida por ele. Figuras de linguagem na teoria literária dos fundamentalistas são praticamente inexistentes. São poucos os poetas fundamentalistas. O totalitarismo está presente em igrejas fundamentalistas brasileiras através de um espírito reacionário negativo.<sup>169</sup>

O fundamentalismo evoca um fundamento absoluto. Diante das sociedades modernas que têm a proposta de serem neutras em questões religiosas e éticas e perante modelos de Estado que excluem referências explícitas à religião, o fundamentalismo se propõe a restaurar a sociedade através da verdade absoluta, revelada por Deus e contida nos textos sagrados. O fundamentalismo possui uma proposta política para a sociedade pautada na religião levada ao extremo.

O fundamentalismo alicerça o princípio de verdade absoluta no primado do livro sagrado. A Bíblia interpreta a própria Bíblia na opinião do fundamentalista. As Escrituras Sagradas são contempladas sob o prisma da inerrância na forma, no conteúdo e no significado, impossibilitando a sua livre-interpretação, pois esta pode deturpar a verdade contida no livro. A razão não tem poder para criar uma perspectiva histórica da mensagem do livro porque, conforme a superioridade da lei divina sobre a lei terrena, o livro transmite um modelo integral de sociedade perfeita que só pode ser vivido nesta esfera terrena quando os governantes se submetem à interpretação literal dos textos e não às novas condições que se vão produzindo no decurso dos tempos<sup>170</sup>.

É preciso lembrar que a América foi engendrada por ancestrais morais, construída com base num fundamento moral eterno. Esse fundamento é a Bíblia, a Palavra infalível de Deus. Houve, porém, um enfraquecimento dessa norma moral no pensamento e na vida da América, fruto de um período em que reinava a luxúria no interior e a liberdade devida à ausência de conflito com o exterior. Só há um remédio: a nação deve retornar ao modelo inicial da Palavra de Deus; deve crer, amar e viver a Bíblia.<sup>171</sup>

---

1989.150 f. Dissertação ( Mestrado ) - Programa Ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião, Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1989.

<sup>169</sup>BOFF, 2009, p. 17.

<sup>170</sup>STEFANI; PACE, 2002, p.10.

<sup>171</sup>SCHWEITZER, Louis. *O fundamentalismo protestante*. Fundamentalismos, integristas: uma ameaça aos direitos humanos. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 36.

A referência a uma verdade absoluta alicerçada num livro sagrado promove a visão apocalíptica da batalha final entre o bem e o mal que alimenta a síndrome do inimigo. Deve-se combater todo aquele que representa risco para o caráter absoluto de crenças e o sentido profundo de coesão que une todos os fieis. O relativismo, o sincretismo e o indiferentismo devem ser combatidos com afinco.<sup>172</sup>

O fanatismo talvez seja o traço mais complexo do fundamentalismo, e o que traz mais dificuldades para uma possibilidade de aproximação e de diálogo. O fanatismo é irmão gêmeo do totalitarismo e cria nas pessoas atitudes e comportamentos extremistas, simplistas, absolutistas.<sup>173</sup>

O tradicionalismo é outra marca do fundamentalismo. O correto é o que existia no passado. Há uma aversão ao que é novo, pois este exige renovação, adaptação e riscos. O tradicionalista não consegue acompanhar as mudanças do mundo globalizado. O fundamentalista não se atualiza nem no seu discurso nem na sua construção interna, por isso precisa evocar uma tradição para lhe transmitir sensação de segurança nos momentos de crise de identidade. O fundamentalista precisa usar publicamente costumes que demonstrem sua identidade religiosa e cultural.

Não podemos ser religiosos como nossos ancestrais no mundo conservador pré-moderno, quando os mitos e os rituais da fé ajudavam os devotos a aceitar limitações inerentes à civilização agrária. Estamos voltados para o futuro, e o racionalismo do mundo moderno dificulta-nos o entendimento das velhas formas da espiritualidade.<sup>174</sup>

O fundamentalismo desconfia do que é temporal e terreno, mas numa atitude contraditória emprega instrumentos da modernidade para interagir com ela. O fundamentalismo apropria-se de antigas tradições, impõe uma interpretação própria e distorcida do passado, mas é moderno e atual.

Os grupos protestantes fundamentalistas, em franca proliferação na América Latina, estão impregnados de uma lógica cultural de participação, voluntarismo, autogoverno, iniciativa pessoal e capitalismo, lógica essa bastante característica da modernidade.<sup>175</sup>

<sup>172</sup>BENEDETTI, Luiz Roberto. Fundamentalismo: Novidade? *Cadernos de Teologia*. Campinas: ITCR. Ano III. Maio de 1997. Nº 3. p. 52.

<sup>173</sup> GUARESCHI, Pedrinho A. Fundamentalismo: enfoque psicossocial. *Vida Pastoral*, Vol./No. 176, 1994.p.4.

<sup>174</sup> ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 403.

<sup>175</sup> GUARESCHI, 1994. p.2.

## 2.1.2 Termos e Conceitos sobre Fundamentalismo

A palavra fundamentalismo tem origem no termo latino *fundamentum*<sup>176</sup>, que significa fundamento, fundação, base, suporte. É a base, o suporte, o princípio que sustenta uma ordem, um conjunto de elementos, fenômenos e afirmações. Não se pode construir uma casa sem fundamento. No capítulo sete do Evangelho de Mateus, Jesus afirma que é insensatez investir numa moradia e se esquecer do seu fundamento. Todo argumento é formulado sob algum fundamento. Não existe tese, ideologia ou método que não possua fundamento. A existência humana se baseia em fundamentos. O ser humano precisa de fundamentos, alicerces, elementos fundamentais para construir o seu diálogo com o meio ambiente.

Por fundamento pode-se entender o que justifica uma afirmação, o que determina o assentimento legítimo do espírito a uma proposição. Mas, por outro lado, entendem-se também por fundamentos as proposições primeiras, os princípios de um sistema dedutivo.<sup>177</sup>

Historicamente o conceito fundamentalismo foi adotado inicialmente para denominar um movimento originário nos Estados Unidos na última metade do século XIX que tinha como objetivo reafirmar a ortodoxia do protestantismo norte-americano diante daquilo que se consideravam os *inimigos da fé*: a teologia liberal, a alta-crítica, o evolucionismo, o comunismo, o catolicismo e as seitas pseudo-evangélicas como os mórmons, os testemunhas de Jeová e a Ciência Cristã<sup>178</sup>.

Os fundamentalistas acreditam que existem doutrinas essenciais do cristianismo que não devem ser relativizadas ou atualizadas, pois esses conceitos são fundamentais para o verdadeiro cristianismo. Os fundamentalistas defendem a separação das igrejas e grupos que não sustentam os princípios da fé cristã conservadora. Charles Hodge contra Schleiermacher declarou:

O cristianismo sempre foi considerado um sistema de doutrina. Os que crêem nessas doutrinas são cristãos, os que rejeitam são, segundo o juízo da igreja, pagãos ou hereges. Mas nenhum erro pode ser maior do que separar a religião da verdade e dar ao cristianismo um espírito ou uma vida independente das doutrinas que as Escrituras apresentam como os objetos da fé.<sup>179</sup>

<sup>176</sup> RUSS, Jacqueline. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Scipione, 1994.p.120.

<sup>177</sup> RUSS, 1994, p.120.

<sup>178</sup> HOFF, Pablo B. *Teologia Evangélica*. Flórida: Vida, 1999. p. 26.

<sup>179</sup> OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã*. São Paulo: Vida, 1999.p. 574.

O termo fundamentalismo é originário da série de doze volumes *The Fundamentals – a testimonium to the Truth*, publicada entre 1909 e 1915, com edição superior a três milhões de exemplares, que forneceu uma lista ampla de inimigos da fé cristã conservadora e de argumentos apologéticos, sobretudo a respeito da pessoa de Cristo e à autoridade espiritual da Bíblia. Os artigos foram escritos por 64 autores americanos, canadenses e ingleses de várias denominações que se aliaram para apresentar suas críticas em defesa dos ensinamentos cristãos tradicionais.

O nicho do fundamentalismo se encontra no protestantismo norte-americano, surgido nos meados do século XIX. O termo foi cunhado em 1915, quando professores de teologia da Universidade de Princeton publicaram uma pequena coleção de doze livros que vinha sob o título *Fundamentals. A Testimony of the Truth* (1909-1915). Neles propunha um cristianismo extremamente rigoroso, ortodoxo, dogmático, como orientação contra a avalanche de modernização de que era tomada a sociedade norte-americana.<sup>180</sup>

A palavra fundamentalista foi utilizada pela primeira vez em 1 de julho de 1920 no jornal batista *Watchman-Examiner* pelo editor Curtis Lee Laws, fundador da Associação dos Fundamentalistas no mesmo ano. O termo foi utilizado inicialmente para classificar os membros da Associação e tornou-se designação adotada amplamente por cristãos protestantes que se identificaram com os fundamentos da fé histórica e decidiram combater a onda de modernização que ameaçava o *american way life*, modelo de ordem social pautado em princípios anglo-saxônicos, protestantes e capitalistas.<sup>181</sup>

O movimento fundamentalista remonta à Conferência Bíblica de Niagara, logo sendo elaborados os "cinco pontos" considerados fundamentais (o nascimento virginal de Jesus, sua ressurreição corpórea, a inerrância das Escrituras, a teoria substitucionária da expiação, e a iminente volta de Cristo). A exposição clássica do Fundamentalismo se encontra em dez (*sic*) livros editados por Amzi C. Dixon e Reuben A. Torrey, respectivamente pastor da Igreja Moody e superintendente do instituto bíblico Moody, de Chicago. Os livros, intitulados coletivamente *The Fundamentals* saíram do prelo de 1909 a 1912. O rótulo "fundamentalista" foi cunhado por Curtis Lee Laws, batista, redator do *Watchman-Examiner*, em 1920.<sup>182</sup>

<sup>180</sup> BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.p.12.

<sup>181</sup>CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos Séculos*. São Paulo: Vida Nova, 1995.p. 425

<sup>182</sup>REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. 2. imp. São Paulo: ASTE, 1993. p. 305.



O termo-conceito fundamentalista é utilizado neste trabalho reconhecendo que historicamente fundamentalismo é o movimento protestante que surge como reação à teologia protestante liberal no século passado. Teologicamente é incorreto denominar de fundamentalismo qualquer manifestação antes da ascensão da teologia liberal. A utilização ampliada do termo deve-se tanto à ausência de terminologias mais apropriadas para essas manifestações quanto à interpretação pós-moderna que compreende o conceito como toda tradição que se opõe de maneira consciente à modernidade, mas que se utiliza das modernas tecnologias para se propagar.<sup>183</sup>

O conceito foi importado para outras religiões a partir do final da década de 1970. Os movimentos de re-islamização no mundo muçulmano, o sionismo e os ultra-ortodoxos em Israel, o integrismo na Igreja Católica e igrejas evangélicas conservadoras têm sido genericamente denominadas de fundamentalistas. O termo fundamentalismo também é aplicado em partidos políticos, grupos ecológicos e complexos econômicos. A popularização do termo possibilita a recriação do conceito não apenas sob a perspectiva histórico-teológica, mas a partir de características comuns percebe-se o fundamentalismo além da esfera cristã-protestante estadunidense.

Fundamentalista não é somente o outro. O fundamentalismo é um tema da modernidade e não toca apenas um grupo específico de protestantes; nem são fundamentalistas somente os islâmicos, como parte da mídia quer fazer o público acreditar. Se o movimento tem origem precisa, no tempo e no espaço, hoje seu sentido extrapolou as fronteiras do protestantismo estadunidense e o mesmo termo serve para designar outros movimentos religiosos e até não religiosos.<sup>184</sup>

Não se deve etiquetar como fundamentalista qualquer religioso fervoroso. Ademais é preconceituoso retratar todos os fundamentalistas com o estereótipo pejorativo de seres de mentalidade estreita, belicosos e separatistas. Fundamentalmente todo ser humano possui fundamentos, mas nem todos são fundamentalistas. O fundamentalismo “não é uma doutrina, mas uma forma de interpretar e viver a doutrina”<sup>185</sup>. É se apegar à letra e se esquecer do seu espírito e ignorar o exercício da contextualização dos textos sagrados para a história.

---

<sup>183</sup>GIDDENS, Anthony; PIERSON, Christopher. *Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 97.

<sup>184</sup>CAMPOS, 2006, p. 8.

<sup>185</sup>BOFF, 2002. p.25.

### 2.1.3 Fundamentalismo através da história

Da Revolução Americana até a Primeira Guerra Mundial o que predominou nos Estados Unidos foi um protestantismo rural, conhecido como evangelicalismo, que moldou a nação, equilibrou as principais denominações históricas em torno de doutrinas básicas de fé e um alcance missionário de compaixão e urgência e forneceu a visão dos Estados Unidos como o povo escolhido por Deus.<sup>186</sup> O fundamentalismo surge na segunda metade do século XIX como uma reação de protestantes conservadores contra a ascensão da teologia liberal impulsionada pela modernidade. Na sua fase inicial, anterior a 1925, o fundamentalismo “foi marcado pela crença de que os males da teologia moderna provêm da falta de fé na inspiração verbal sobrenatural da Bíblia e em sua inerrância.”<sup>187</sup>

Em 1910 a Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos afirmou cinco doutrinas essenciais que foram atacadas pelos liberais: a inerrância das Escrituras, o nascimento virginal de Cristo, sua expiação substitutiva, sua ressurreição corporal e a historicidade dos milagres. Passados alguns anos, os fundamentalistas reafirmaram também a inspiração verbal da Bíblia, a interpretação literal tanto do relato da criação como das profecias bíblicas e a vinda pré-milenal de Cristo. O dispensacionalismo, dividir o tempo em sete dispensações, chegou a ser a característica distintiva da maioria dos fundamentalistas que por pouco não canonizaram as notas da Bíblia Anotada pelo pastor congregacional Cyrus Ingerson Scofield (1843- 1921).<sup>188</sup>

Fim da década de 1920 até o início dos anos 40, o fundamentalismo passou por um período de decadência e reorganização. Houve um eclipse parcial dos fundamentalistas devido ao famoso processo Scopes (1925) na cidade de Dayton, estado do Tennessee.<sup>189</sup> Fundamentalistas e evangelicais continuaram fazendo oposição ao liberalismo. Questões teológicas, sobretudo referentes à escatologia, causaram cisões dentro dos dois grupos. Divisões denominacionais causadas pela controvérsia modernista–fundamentalista criaram novas denominações com o objetivo de manter a pureza da fé cristã conservadora à parte das instituições maiores consideradas pelos fundamentalistas como denominações apóstatas.

---

<sup>186</sup> OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã*. São Paulo: Vida, 2001. p.115.

<sup>187</sup> OLSON, 2001, p. 581.

<sup>188</sup> HOFF, Pablo B. *Teologia Evangélica*. Flórida: Vida, 1999.p. 26.

<sup>189</sup> Famoso processo judicial onde foram confrontadas as teorias criacionistas e evolucionistas.

É nesse período que surgem a Convenção Cristã Norte-Americana dos Discípulos de Cristo (1927), a Associação Geral dos Batistas Regulares (1932), a Igreja Presbiteriana Ortodoxa (1936), a Igreja Presbiteriana Bíblica (1938), as Igrejas Fundamentalistas Independentes dos Estados Unidos (1930), a Associação Batista Conservadora dos Estados Unidos (1947) e outros grupos.<sup>190</sup>

Com o início da década de 1940 os fundamentalistas estão divididos em dois grupos: aqueles que voluntariamente empregam o termo para si próprios como significado para o segmento que preserva o cristianismo verdadeiro e aqueles que rejeitam o termo por considerá-lo pejorativo, sinônimo de intolerante, divisor, inculto. Estes preferem ser chamados evangelicais e a partir de 1948 de neo-evangelicais. O neoevangelicalismo surge como um movimento protestante conservador que preserva as doutrinas tradicionais de Cristo e da Bíblia, prega a moralidade pessoal, identifica os princípios cristãos com os valores estadunidenses, porém pretende manter uma ortodoxia cristã livre de elementos nocivos e autodestrutivos que se infiltraram gradativamente no fundamentalismo.<sup>191</sup>

Nas décadas de 1950 e 1960 fundamentalistas e evangelicais compartilhavam de muitos pontos em comum, mas os fundamentalistas tendiam a se oporem aos ministérios dos principais líderes desse ramo, como Carl F. Henry teólogo e fundador do jornal *Christianity Today*; Harold Okenga, presidente do Seminário Fuller e Billy Graham, notável conferencista. O neoevangelicalismo se tornou uma opção tolerante e progressista de conservadorismo que aceita o diálogo entre as teorias científicas e a Bíblia e o interdenominacionalismo com igrejas não conservadoras e pentecostais.

Fins dos anos de 1970 e a década de 1980 os fundamentalistas identificaram um novo inimigo à fé e aos valores cristãos: o humanismo secular. Com a ascensão de Ronald Reagan ao poder os fundamentalistas inauguraram uma nova fase de oposição aos desvios morais e intelectuais experimentados pela nação americana durante os movimentos de contracultura dos anos 60 e convidavam o povo norte-americano a retornar aos princípios da fé e aos valores da cultura americana. Pastores conservadores, tanto dentre os históricos quanto os pentecostais, se lançam na televisão, declarando guerra à cultura vigente e acusando a sociedade moderna de desobediência bíblica.

---

<sup>190</sup> OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã*. São Paulo: Vida, 2001. p.188.

<sup>191</sup> HOFF, Pablo B. *Teologia Evangélica*. Florida: Vida, 1999.p. 27.

No período que estamos focalizando, dá-se uma entrada em cena espetacular do televangelismo cada vez mais explicitamente político: Jerry Falwell passa a comandar, na *Majoria Moral*, a campanha para devolver um orgulho nacional de cariz religioso a uma nação combatida e sujeita a 'síndromes' debilitantes de seu auto-apreço.<sup>192</sup>

Embora todos sejam pregadores evangélicos conservadores, Pat Robertson e Jimmy Swaggart destacaram-se mundialmente pelo seu fundamentalismo nas pregações. Pat Robertson é um pioneiro no televangelismo, estando no ar desde 1955 com o seu programa Club 700. São notórios seus discursos contra os governos socialistas, os muçulmanos radicais e os democratas. Jimmy Swaggart, primo do cantor Jerry Lee Lewis e amigo de infância de Elvis Presley, foi o mais popular dos televangelistas. Propunha através de suas prédicas radicais e fundamentalistas endireitar as veredas do povo cristão. Seu alvo era a degradação moral e espiritual. Em comum os televangelistas não aceitavam o diálogo com o "outro" e consideravam que aqueles que não estivessem dentro dos seus padrões morais deveriam ser alcançados através do proselitismo.<sup>193</sup>

Movimento para afirmar o destino manifesto estadunidense, concepção baseada na teologia do pacto pela qual se entende que Deus escolheu um povo especial na terra para abençoar os outros. Esse conceito nasceu com os ingleses puritanos que saíram da Europa para "fazer a América". Desde então, os habitantes dos EUA acreditam-se portadores de uma mensagem e de uma ética indispensáveis a todas as nações do globo.<sup>194</sup>

No século XXI, fundamentalistas têm provocado cismas em igrejas evangélicas históricas (tradicionalistas e pentecostais) por considerar que elas não se mantêm puras o suficiente diante da influência do humanismo cristão, do pluralismo religioso e do neopentecostalismo.<sup>195</sup> Denominações fundamentalistas foram criadas, mas algumas adotaram o termo conservador, devido à conotação pejorativa do conceito fundamentalismo no senso comum da sociedade e para não serem associados com o islamismo radical e o terrorismo que a mídia tem aplicado aos movimentos extremistas. Na contemporaneidade é possível localizar posicionamentos conservadores que não assumem uma posição fundamentalista.

<sup>192</sup> ASSMANN, Hugo. *A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina: convite a um estudo*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 25.

<sup>193</sup> CAMPOS, Luís de Castro. *Pentecostalismo*. São Paulo: Ática, 1995. p. 34.

<sup>194</sup> CAMPOS, 2006, p. 6.

<sup>195</sup> RHEMA, Igreja Evangélica Congregacional. Pedido de Desligamento da UIECB. Disponível em: <<http://insurgenciacrsta.no.comunidades.net/index.php?pagina1011789184>>. Acesso em 10 jan. 2013.

## 2.2 Adolescências num contexto fundamentalista

Os adolescentes que compõem a Igreja Batista Conservadora estão incluídos num contexto fundamentalista pentecostal gaúcho criado em 15 de dezembro de 1981 na cidade de Cachoeirinha – RS por um grupo de pouco mais de cinquenta pastores dissidentes da Convenção das Igrejas Batistas Independentes (CIBI) por considerarem que a mesma havia negligenciado a fé pentecostal. A Igreja Batista Conservadora não faz parte da Convenção Batista Brasileira, nem possui ligação com a do mesmo nome nos Estados Unidos, tendo se constituído como uma denominação distinta, elaborando sua própria convenção, à qual os seus pastores e líderes estão filiados. A formalização estatutária da denominação ocorreu em 16 de janeiro de 1996.<sup>196</sup>

Em 15 de dezembro de 1981, na cidade de Bagé, com a presença de alguns pastores inconformados com o mundanismo no seio da então querida CIBI, resolveram criar a União Conservadora Batista Independente, mesmo sem a pretensão de deixar a denominação. Surpreendentemente é conhecida pelo jornal "Luz nas Trevas" a exclusão de todos os pastores que tomaram a decisão de permanecerem fiéis à Palavra de Deus.<sup>197</sup>

Continuismo é palavra que acompanha a Igreja Batista Conservadora. A denominação surge com uma proposta pentecostal conservadora num cenário pluralista, marcado pelo neopentecostalismo. É o desejo de permanecer nos valores esposados pelos pioneiros no país e conservados durante um século. A Convenção Batista Conservadora é fruto da Junta Missionária de Orebona, Suécia, que tentou sem sucesso implantar seu ministério no Brasil em 1894 na cidade do Rio de Janeiro.

A nossa história mais específica no Brasil acontece em sua primeira tentativa no ano de 1894 através do Missionário Adolf Larsson que, chegando ao Rio de Janeiro, contraiu febre amarela e foi vencido pela enfermidade sem deixar trabalho organizado, visto ter contraído a doença nos primeiros quatro dias, trabalhando no porto entre os operários com distribuição de literaturas, dias em que aconteceu o contágio da febre que o abateu estando já em São Paulo.<sup>198</sup>

<sup>196</sup> MUNIZ, Jônatas Bezerra. *História da Convenção*. Disponível em: <<http://portalcbc.org>>. Acesso em: 01 set. 2012.

<sup>197</sup> MUNIZ, Jônatas Bezerra. *Documento PHP*. Disponível em: <[http://www.portalcbc.org/historia\\_conteudo.php](http://www.portalcbc.org/historia_conteudo.php)>. Acesso em: 01 set. 2012.

<sup>198</sup> PAZ, Delmir José Ramão. Igreja em Ijuí fazendo história. *Palavra Fiel*. Editorial CBC. Ano 28, n 122. Outubro 2012.

Devido à morte trágica e prematura do seu primeiro missionário, a Missão arquivou seus projetos para o Brasil e só recomeçou em 1912 dentre os imigrantes suecos no Rio Grande do Sul. Sua história até o início dos anos de 1980 está vinculada à das Igrejas Batistas Independentes.<sup>199</sup>

No ano de 1911 chegou à Suécia uma carta do Brasil, desta vez do Rio Grande do Sul, pelo irmão Anders Gustaf Anderson solicitando encarecidamente missionário à sua região. Mais tarde o jovem missionário Erik Jansson, deixa sua pátria com destino a Porto Alegre, onde chegou no dia 15 de junho de 1912, permanecendo na casa do Rev. Dustan por dois meses e meio até receber recursos para ir adiante. No dia 03 de setembro de 1912 chegou a Ijuí onde anunciou o evangelho para duas famílias suecas (Hammarstrom e Persson) que se converteram ao Senhor, indo depois disto a seu destino final, local da origem da carta, a casa do irmão Anderson, onde organizou o trabalho em 06 de setembro de 1914.<sup>200</sup>

A contextualização dos usos e costumes e uma atualização litúrgico-doutrinária soaram como mundanismo e liberalismo teológico na opinião dos mais conservadores, que advogam a continuidade dos mesmos padrões comportamentais adotados na primeira década do século XX, como testemunho de santificação e condição para o recebimento do Batismo com Espírito Santo. A Igreja Batista Conservadora surgiu dentre a Igreja Batista Independente como uma reação de defesa e permanência nas tradições do pentecostalismo clássico.

A Igreja Batista Conservadora não dispõe de material específico para adolescentes. As Revistas de Escola Bíblica Dominical são divididas por faixa etária em dois grupos: crianças e adultos, a partir dos 12 anos. Entre os onze a doze anos a literatura juvenil se dá através de narrativas que buscam construir um mundo linear e real, sem abstrações e estimulando de forma mais intensa nos adolescentes o sentimento/desejo de pertencer ao grupo, sempre evocando as histórias bíblicas, relatos de pregadores, os símbolos e as doutrinas denominacionais. Após esse período inicial, os adolescentes/jovens são desafiados a estabelecerem relações mais confiáveis com a liderança institucional e com Deus de maneira cada vez mais individualizada e personificada, mantendo um padrão de cultura homogênea. O sentimento de pertencimento a uma comunidade é evocado através da literatura denominacional e cultivado através da vida comunitária no templo.

---

<sup>199</sup>MUNIZ, Jônatas Bezerra. *História da Convenção*. Disponível em:<<http://portalcbc.org>>. Acesso em: 01 set. 2012.

<sup>200</sup>MUNIZ, 2012.

A crise acontece nos dois últimos anos da adolescência, quando já são classificados como jovens e passam a ser vistos como símbolos de vigor, de força e, de fato, da existência perpetuada da denominação. O tempo da relativa moratória acabou. A família, a liderança e os amigos da igreja esperam que ele assuma um papel social no mundo adulto da igreja. A Igreja Batista Conservadora segue o modelo das igrejas históricas e pentecostais clássicas de membresia onde o fiel estabelece comunhão com todos os membros da igreja.<sup>201</sup> A igreja possui departamentos que são ocupados segundo a faixa etária e o gênero por pessoas que se sentem vocacionadas para desenvolverem alguma tarefa na igreja. As opções são muitas: música, ensino, palavra, ministério, administração, intercessão, missões, evangelismo, construção e manutenção do templo.

É o momento em que esse adolescente adultizado vislumbra três alternativas: tem que optar em assumir uma identidade cultural e demonstrar que está em “casa”, permanecendo nos parâmetros que lhe foram estabelecidos; ou *cruzar a fronteira* e se retirar da denominação, optando pelo “outro”, ou optar em permanecer na instituição não respeitando esses sinais que delimitam artificialmente a territorialidade, produzindo novas identidades.<sup>202</sup>

Nesse período o adolescente pode questionar de maneira reflexiva os sistemas de representação que lhe foram apresentados, as estruturas discursivas e narrativas que aprendeu nas classes bíblicas e as relações de poder a que esteve atrelado até então. Podendo o indivíduo adotar posições contraditórias durante a sua existência, o adolescente vive o momento de estruturação final da sua identidade em um ambiente que acredita que a adolescência é uma fase natural do desenvolvimento e que a identidade do cristão batista conservador é uma essência dada, um fato acabado, transcendental e permanente.

Nas igrejas mais austeras a temporada de “caça às bruxas” está sempre aberta. Com estímulos fornecidos pelo clima repressor e pela própria autoridade – repressão do fiel, que por isso mesmo anseia ressentidamente por justiça, os desviantes, muitas vezes delatados por seus irmãos, são vítimas de admoestações, punições e até de exclusões.<sup>203</sup>

---

<sup>201</sup> A Igreja Universal do Reino de Deus e a Internacional da Graça de Deus inauguraram no Brasil o modelo de igreja supermercado onde o fiel estabelece uma relação de clientelismo com Deus e com a igreja, ele é um mero frequentador não tendo nenhuma obrigação formal com a igreja além de entregar os dízimos e as ofertas.

<sup>202</sup> FOWLER, James. *Estágios da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p.202-3.

<sup>203</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 199.

### 2.2.1 As Identidades adolescentes no ambiente fundamentalista

O conceito de identidade é complexo, muito pouco desenvolvido e pouco compreendido na ciência social contemporânea, segundo Stuart Hall, que indaga “se é possível, de algum modo, em tempos globais, ter-se um sentimento de identidade coerente e integral?”<sup>204</sup>

Os adolescentes são encarados pelas lideranças da Igreja Batista Conservadora como um bloco monolítico em fase de transitoriedade, um eterno *vir a ser*. O adolescente é visto como quase adulto, quase moço(a), quase um obreiro, quase alguém capaz de se sustentar. Ele se torna um adolescente quando o seu corpo e a sua consciência abandonam o estágio infantil, mas ainda não é reconhecido como um adulto.<sup>205</sup>

Há uma valorização por parte dos adultos do presente vivido em comunidade como espaço válido para a sua formação. A convivência no templo da denominação é considerada um espaço e um tempo de construção da identidade cristã adulta desses juvenis. A Igreja se aproxima do adolescente com propostas fundamentalistas claras e definidas, a fim de protegê-lo da insegurança e da incerteza, oferecendo afetividade e auto-segurança, através dos ensinamentos, da estrutura e das lideranças. A instituição religiosa reserva ao adolescente o papel de aprendiz, o que lhe transmite certa segurança numa etapa da vida em que busca saber o que as pessoas esperam dele.<sup>206</sup>

Diante da rigidez comportamental nos costumes, é em casa ou na rua que os adolescentes vivenciam a sua noção de moratória<sup>207</sup>, definida por Erikson como uma permissão da sociedade para os erros e acertos; um tempo permitido aos adolescentes para se organizarem<sup>208</sup>. Esse é o conceito de moratória das gerações pós-guerra que viam a adolescência como uma fase de experimentação, sem grandes cobranças. Esse conceito de moratória é reconfigurado pela pós-modernidade que apresenta a adolescência como um período mais curto e com responsabilidades.<sup>209</sup>

<sup>204</sup> HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p.84.

<sup>205</sup> CALLIGARIS, Contardo. *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2009. p. 15.

<sup>206</sup> LIBANIO, J.B. *Jovens em Tempo de Pós-Modernidade*. São Paulo: Loyola. 2004. p.90.

<sup>207</sup> Período dilatado de espera vivido pelos que já não são crianças, mas ainda não se incorporaram à vida adulta.

<sup>208</sup> ERIKSON, E.H. *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 130.

<sup>209</sup> ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Para entender pós-modernidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.



A moratória social para os adolescentes não está ausente no fundamentalismo. A adolescência no contexto fundamentalista é interpretada como período de espera, aguardo do vir a ser. Os grupos fundamentalistas protegem os adolescentes, confinando-os em verdadeiro gueto. Há uma tendência puritana. Essa permissão para novas tentativas se dá em um ambiente construído intencionalmente, a fim de protegê-lo do mundo pós-moderno sem normas e comportamentos definidos.<sup>210</sup>

Nos espaços construídos pelos adolescentes, eles convivem com ensaios e erros, sempre marcados pelo hedonismo e irresponsabilidades que na esfera religiosa e familiar produzem sanções disciplinares. Esses adolescentes constroem um determinado estilo de ser juvenil alicerçado no cotidiano deles. É uma realidade dualista, pois eles transitam simultaneamente entre um ambiente fundamentalista e diversos ambientes pós-modernos. Os adolescentes passam a desenvolver uma vida dicotômica em que adotam egos posições de acordo com o ambiente em que estejam inseridos. Eles resignificam suas perdas e ganhos.

Superação, cautela e resiliência são palavras de ordem em todos os ambientes fundamentalistas, ao contrário do senso comum que vê apenas espaços esterilizados desprovidos de manifestações culturais. O surgimento de uma moda para “crentes” demonstra que, se a indumentária é sinal de roupa, nem sempre a roupa é sinônima de moda. A roupa é uma expressão da moda. A identidade de um adolescente fundamentalista é influenciada pela identificação com regras comportamentais restritivas.

“Usos e costumes” é a expressão utilizada pelos pentecostais para se referir ao rigorismo legalista, às restrições ao vestuário, uso de bijuterias, produtos de beleza, corte de cabelo e a diversos tabus comportamentais existentes em seu meio religioso.<sup>211</sup>

A complexidade da vida moderna exige que os adolescentes da Igreja Batista Conservadora adotem diferentes identificações que se interferem mutuamente. A denominação já fez restrições aos membros no passado quanto ao uso da televisão, mas hoje utiliza a internet como ferramenta de divulgação.

---

p.71.

<sup>210</sup> LIBANIO, 2004, p. 91.

<sup>211</sup> MARIANO, 1999, p. 187.

A identidade é construída em níveis locais, sociais e pessoais, deslocando-se entre espaços e lugares infiltrados pela pós-modernidade. Adolescer numa comunidade imaginada influencia e organiza tanto as ações quanto a concepção que o adolescente tem de si próprio. A utilização de entretenimentos corriqueiros, os vínculos familiares, a vida social, a sexualidade e a emancipação para a vida adulta são determinados pelo ambiente em que o adolescente está inserido e a resposta que ele desenvolverá a partir desses estímulos. Logo a adolescência não é algo natural e a identificação do adolescente com o universo evangélico não é transcendente.

Em termos de Brasil, o fundamentalismo não chega ao caso de violências físicas. Permanece, antes, no nível verbal de ataque e defesa de verdades, doutrinas, posições religiosas com exclusão e condenação dos que dissentem.<sup>212</sup>

Apesar de as igrejas evangélicas promoverem a conciliação nas relações familiares, é comum adolescentes sofrerem restrições, privações e castigos por conta de não se ajustarem aos parâmetros familiares e religiosos. O controle permanente de alguns pais pode promover um ambiente de tortura e escravidão para os filhos adolescentes. Explicações com versículos bíblicos são utilizadas para justificar tais atitudes. Alguns adolescentes rebelam-se, abandonam a igreja e até a família. Para muitos pais e líderes religiosos o momento de crise do adolescente é interpretado como uma possessão maligna.<sup>213</sup>

Depois de frustradas tentativas de persuasão, quando finalmente se vêem impotentes frente à rebelião filial arremetida contra sua autoridade, que por ser bíblica não pode ser contestada, muitos pais, no limite, lançam mão da violência. O mais grave ao nosso entender é que a religião tem reforçado o poder dos pais sobre os filhos, construindo uma relação desigual, de dominação do mais forte sobre o mais fraco.<sup>214</sup>

Interdições no contexto em que o adolescente está inserido podem limitar o poder de expansão de uma instituição para a próxima geração. O legalismo que oculta a beleza da vida espiritual das igrejas protestantes, esclerosa comunidades que tendem a fazer dos evangélicos um povo separado.<sup>215</sup>

---

<sup>212</sup> LIBANIO, J.B. *Jovens em Tempo de Pós-Modernidade*. São Paulo: Loyola, 2004. p.90.

<sup>213</sup> MARIANO, 1999, p. 200.

<sup>214</sup> MARIANO, 1999, p. 201.

<sup>215</sup> LEONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: Aste, 1988. p. 104, 105.

## 2.2.2 Adolescentes tradutores e traduzidos

Os adolescentes que compõem a Igreja Batista Conservadora são tradutores de vários mundos. A tradução representa outra possibilidade, outro caminho, uma nova via. Eles transitam entre espaços, saberes e conceitos, sendo impregnados por estes, mas também imprimindo a sua marca nesses lugares. É importante lembrar que toda tradução apresenta entropia, ou seja, alguma perda do sentido original, daí a pluralização de novas manifestações culturais e da relativização dos valores, o que promove uma sensação de insegurança e incerteza diante de valores outrora inegociáveis.<sup>216</sup>

São adolescentes traduzidos. Eles mantêm a sua noção de pertencimento a um lugar comum, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Os conflitos no início da adolescência são normativos e normais. É na passagem para a vida adulta que a crise é mais séria e nem um pouco romântica. É o adulto buscando o período da moratória, pois este lhe foi roubado na sua adolescência.<sup>217</sup>

O encurtamento da adolescência, interrompida entre os seus 12 a 15 anos, ou seja, na fase inicial, obriga-os a optarem entre a tradição e a tradução, sempre oscilando entre ambas. A Igreja Batista Conservadora mantém a tradição das igrejas protestantes de estimular os adolescentes a se prepararem para o casamento ainda na juventude ou na fase final da adolescência, após um noivado curto com um pretendente do sexo oposto dentro do universo evangélico. A medida visa a diminuição da exposição do adolescente aos padrões comportamentais da sociedade contemporânea.<sup>218</sup>

O adolescente criado num ambiente fundamentalista é obrigado a negociar com as novas culturas sem se comprometer totalmente pelos seus modismos a fim de não perder completamente a sua identidade e sua filiação com a instituição, pois ele não deseja ser banido desta. Ele deseja continuar pertencendo ao “seu” grupo na igreja, pois ali é o espaço que contém traços de todas as identidades com que convive. É um lugar de troca, de identificação e de reprodução de uma cultura criada a partir das subjetividades do grupo. Essas manifestações culturais não podem ser

---

<sup>216</sup> HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p.88.

<sup>217</sup> CALLIGARIS, Contardo. *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2009. p. 26.

<sup>218</sup> MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Autores Associados, 1996. p. 174.

unificadas, pois são produto de várias identidades interconectadas, pertencentes a todas essas culturas ao mesmo tempo.<sup>219</sup>

Esses adolescentes como sujeitos sociais constroem um determinado modo de ser, partindo do cotidiano deles. É um cotidiano dualista, dicotômico, traduzido, que transpõe, transfere, transporta entre fronteiras. São indivíduos pertencentes a dois mundos ao mesmo tempo, sendo transportados através das infovias, da mídia, dos artefatos e das sensações nos seus múltiplos espaços e territórios juvenis.<sup>220</sup>

Num cenário em que é proclamada uma aproximação com uma perfeição comportamental e doutrinária, o próprio texto sagrado advoga que ninguém consegue ser perfeito, logo todo mundo está sujeito e passível de punição. Esses adolescentes buscam o fiel da balança entre punição e recompensa, inclusão e exclusão, aprovação e desaprovação. Eles mantêm o vínculo com as suas origens, mas deslocam-se entre vários campos sociais.<sup>221</sup>

Tradutores e traduzidos constroem culturas híbridas que não contém mais nenhuma das identidades originais integralmente, embora sobrem traços destas. Isso causa confusão e afeta o poder, pois cria um “terceiro espaço”.<sup>222</sup> Esses adolescentes denotam e apontam por si só a diferença assimétrica em relação com as suas lideranças, construindo brechas, fendas, inter-espacos que possibilitam os seus questionamentos, por meio das suas subjetividades, mas também porque permitem o contato entre diferentes identidades.<sup>223</sup>

Eles demonstram um jeito próprio de viver, através da sua maturação biopsicológica e social. A roupa escolhida é um exemplo da dualidade das influências. O “look” é o momento em que o adolescente cria uma relação interior com o seu corpo, que se encontra em contínua mudança, mas que também é influenciado pelo seu meio social. Há um momento de significação cultural e social que dialoga com a internalização psicológica do indivíduo adolescente.<sup>224</sup>

Ele constata nas limitações impostas pela igreja ao montar o seu próprio visual de que é um sujeito inserido num contexto social que possui um projeto acabado para ele que o deforma. Há uma reação contra a castração identitária, uma resistência ao choque, a busca por uma reconfiguração após o primeiro impacto. É o

---

<sup>219</sup> HALL, 2000, p. 84.

<sup>220</sup> HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2000. p. 84.

<sup>221</sup> HALL, 2000, p. 87.

<sup>222</sup> BHABHA, 1996 *apud* HALL, 2000, p. 96.

<sup>223</sup> HALL, 2000, p. 92.

<sup>224</sup> CALLIGARIS, Contardo. *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2009. p. 58.

princípio da alteridade: “Um ser que se constrói a partir das relações sociais nas quais se insere.”<sup>225</sup>

Se as proibições legalistas em relação ao vestuário reforçam no adolescente a rejeição pelos padrões comportamentais da moda, ao mesmo tempo, levam-nos a afirmarem e abraçarem estes padrões. Em nome da decência, da modéstia e do bom testemunho cristão os adolescentes adotam um padrão estereotipado de profissionais liberais bem sucedidos nas sociedades capitalistas. Nas reuniões informais o estilo preferido é o esporte fino até para os componentes do ministério. Os adolescentes sentem-se orgulhosos de ostentarem no templo um vestuário que denota ascensão social. Há um regozijo em construir uma imagem de dignidade e respeitabilidade diante dos seus pares e dos vizinhos descrentes, tendo em vista que a maioria dos adolescentes evangélicos provêm das camadas populares.<sup>226</sup>

Não se pode perder isso de vista. Tanto mais quando se pensa no significado contido no ato de trajar terno e gravata no caso de indivíduos pobres, moradores de bairros periféricos com altos índices de criminalidade, empregados em trabalhos manuais ou de baixa qualificação. O mesmo vale para as mulheres pentecostais, muitas delas donas de casa e domésticas, que nos cultos trajam suas melhores roupas: vestidos longos e sapatos de salto alto.<sup>227</sup>

O adolescente traduz os inúmeros e conflitantes padrões éticos que regulam sua vida como marcas de uma genuína conversão. Essa conversão só é reconhecida através da aceitação dos pais e pela comunidade eclesial. A vida em comunidade em um contexto fundamentalista legitima a permanência em hábitos e doutrinas sectárias diante do cenário pluralista religioso brasileiro.<sup>228</sup> Porém, num ambiente conservador, as subjetividades não estão ausentes. O adolescente pós-moderno pode desejar agradar a Deus, à família e à igreja, sem abrir mão da felicidade, encontrada pela assimilação parcial da cultura ambiente em que está inserido. O adolescente tradutor é um ator social capaz de minimizar a agressividade contracultural do fundamentalismo pentecostal, promovendo a assimilação, a flexibilização e a aculturação da sua geração na sociedade contemporânea.

---

<sup>225</sup> YUNES, Maria Angela Mattar. *Psicologia Positiva e Resiliência*. Paraná: Psicologia em Estudo, 2003. p. 76.

<sup>226</sup> MARIANO, 1999, p. 196.

<sup>227</sup> MARIANO, 1999, p. 196.

<sup>228</sup> BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 209.

### 2.2.3 Adolescentes *Heróis da Resistência*

Mas além da alteridade e da tradução, a adolescência no cenário fundamentalista pentecostal gaúcho é marcada como uma fase de altíssima resiliência, ou seja, a capacidade de se adaptar e sobreviver às dificuldades.<sup>229</sup> Esses adolescentes convivem com o ensinamento de que devem praticar e assumir um *modus vivendi* atípico aos modismos mundanos.<sup>230</sup> É um adolescente que desde criança é ensinado a ser diferente dos outros; os meninos não podem jogar bola, soltar pipa, andar de bermuda, andar sem camisa, e no caso das meninas não usar maquiagem, cortar o cabelo, usar calça comprida e nem brinco.<sup>231</sup>

Quanto aos adornos – jóias, como ouro, pérolas, etc. (I Tm 2:9), além de reprovadas pela “doutrina dos apóstolos” constituem um afrontoso acinte e assim erguem uma barreira contra os irmãos pobres que, por vezes, carecem do mais simples alimento. As imitações então, são uma vaidosa ostentação de uma condição irreal. Portanto imprópria para o cristão e, por isso, é princípio das igrejas conservadoras (UCBI) que seus membros, baseados nas Sagradas Escrituras, não usarão tais adereços.<sup>232</sup>

Se nas gerações de outrora os adultos exerciam maior poder de policiamento sobre os jovens, na atualidade essa adolescência escapa pelos espaços virtuais, pelas infovias e através da telefonia celular. Eles são convidados a fazerem escolhas num cenário religioso *plural, competitivo e “cibernético”*.<sup>233</sup> Esse adolescente precisa viver o seu momento social, ele precisa aparecer para ser visto e existir, pois na *sociedade do espetáculo* quem não é notado não existe; verdadeiro é o que é revelado, mostrado, exposto.<sup>234</sup>

A Igreja não é mais a extensão da casa e vice-versa; a vida, as paixões, os discursos são fragmentados. O fundamentalismo pentecostal gaúcho na sua tentativa tardia de reviver uma pureza pentecostal perdida cria verdadeiros heróis da resistência no cenário evangélico brasileiro. Nas demais regiões brasileiras onde a porcentagem de evangélicos ultrapassa um quarto da população geral, os

<sup>229</sup>YUNES, 2003, p. 75.

<sup>230</sup>COSTA, Alvacyr. *Manual Doutrinário*. São Leopoldo: Editorial UCBI, 1990. p. 23..

<sup>231</sup>ALENCAR, Gedeon Freire de. *Por que as igrejas tradicionais se distanciaram das periferias?* Disponível em: <<http://pentecostalismo.wordpress.com>>. Acesso em 01 out 2012.

<sup>232</sup>COSTA, 1990, p. 23.

<sup>233</sup>NOVAES, Regina. Juventude em Formação. *Diálogo – Revista de Ensino Religioso*. nº59, 2010. p. 13.

<sup>234</sup>DEBORD, Guy. *Sociedade do Espetáculo*. São Paulo: Contraponto, 2000. p. 6.

adolescentes integrantes das denominações pentecostais mais rígidas em matéria de usos e costumes contam com o consenso da população influenciada pela cultura *gospel* brasileira. No Rio Grande do Sul esses adolescentes não chegam à marca dos 10% no cenário juvenil gaúcho.<sup>235</sup>

Este código seria o meio para se alcançar a salvação, através da observância de certos tabus puritanos, tais como os referentes a bebida alcoólica, televisão, cinema e cigarro. Estes tabus tem como efeito destacar publicamente os pentecostais do resto da população.<sup>236</sup>

O adolescente molda uma vestimenta típica que lhe permite transitar em vários campos sociais sem sofrer sanções dos pais e dos líderes religiosos, mas também não pode se expor diante dos seus pares nos espaços de convivência juvenil. Ele precisa ser suficientemente aceitável pelos outros adolescentes e bastante tolerável para os padrões da igreja e da família, pois, ao transitar em locais públicos, ele emite *códigos de linguagem*<sup>237</sup> em ambas as direções que sobre ele exercem algum tipo de influência.

É muito comum encontrar, nas cidades brasileiras, lojas especializadas em moda evangélica. São verdadeiros mercados persas onde é possível vestir-se no que se convencionou no universo pentecostal com o que é agradável a Deus. No mundo do lazer e do entretenimento os adolescentes inicialmente foram cooptados para atividades intramuros que tinham um duplo sentido: preservar a juventude da igreja dos prazeres mundanos e realizar o proselitismo de jovens de outras religiões. Nas últimas décadas o mercado se interessou pelo filão *gospel*. Hoje os adolescentes e jovens são as categorias que mais determinam e criam as tendências no mercado *gospel*:

Há de tudo, de relógios a utensílios domésticos, todos os itens do vestuário e material escolar. A maior empresa desse ramo, Jerusalém Casa da Paz, em São Paulo, vende cerca de 250 mil peças de 300 produtos diferentes por mês. Para levar a Palavra de Deus a jovens fiéis, há também locadoras de vídeos evangélicos. A Apocalipse, do Rio, inclui agora em suas ofertas videogames em que Davi tem de matar o gigante Golias e Josué luta para derrubar a muralha de Jericó.<sup>238</sup>

<sup>235</sup> Censo Demográfico, 2010, IBGE.

<sup>236</sup> FRY, Peter Henry e HOWE, Gary Nigel. Duas respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo. *Revista Debate e Crítica*. 6, jul., 1975, p. 81.

<sup>237</sup> POSSENTI, Sírio. *Mal comportadas línguas*. São Paulo: Criar, 2000.p. 34.

<sup>238</sup> VEJA, 8.6.94.

Nos ambientes fundamentalistas, a arte de observar é uma qualidade valorizada. Observar é importante para continuar sobrevivendo socialmente, onde tudo é interpretado. Eles não apenas notam, mas são notados e dessa cultura de repressão dos sentimentos e ações da alma humana os adolescentes moldam e se deixam moldar pela cultura *teen gospel*.<sup>239</sup>

Apresentar-se socialmente aceitável para os padrões comportamentais prescritos no regimento interno da denominação serve como bônus para alcançar um relativo descaso por parte dos pais e autoridades eclesiásticas para realizar atos privados sem que se tornem públicos e contar com um castigo menos severo quando cometer algum delito comportamental do que aqueles adolescentes considerados como *ovelhas negras, desviados ou problemáticos*<sup>240</sup>.

Os adolescentes se comunicam entre si por signos, impressões, marcas e linguagens. Indivíduos de uma mesma faixa etária “chamam-se”, procuram-se, encontram-se e podem evitar-se, manter-se à distância. A comunicação visual é uma marca da pós-modernidade. O mundo todo é um imenso emaranhado de sinais, de advertências, de chamamentos. O adolescente utiliza a imagem para criar e recriar formas e meios para representar sua realidade, sua condição, suas crenças e suas identificações. É necessário “trocar de pele” a cada geração para que as marcas mais profundas permaneçam sob o viço da juventude. Eles não estão descartando a sua fé, estão reciclando e criando novos usos para a sua religiosidade. Segundo Jorge Carlos Ribeiro, citado por Libânio: “A tradição religiosa é ressignificada pela juventude à luz de suas experiências fundantes.”<sup>241</sup>

Quando o adolescente em um contexto fundamentalista deixa de ser visto como vítima, sua capacidade de superação e adaptação a uma cultura ambiente se sobressai. Ele é um ator social que flexiona o universo *gospel*, provoca uma liberação na austeridade pentecostal e aponta a disfuncionalidade de alguns costumes. Esse adolescente não deve ser interpretado como um traidor, um apóstata, um problema. Ao contrário, ele serve de parâmetro para que a instituição aponte para a direção da flexibilidade, do ajustamento e da acomodação social, a fim de se contextualizar e manter-se relevante para as próximas gerações.

---

<sup>239</sup> HOFFMANN, Maria Gorete. *Moda Gospel: Diversidade Religiosa é oportunidade para Vestuário*. Santa Catarina: SEBRAE, 2012. p. 7.

<sup>240</sup> FÁBIO, Caio. *Os 30 a 40 Milhões de "desviados" da "Igreja"*. Disponível em: <<http://www.caiofabio.net/conteudo.asp?codigo=00135>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

<sup>241</sup> LIBANIO, J.B. *Jovens em Tempo de Pós-Modernidade*. São Paulo: Loyola. 2004, p.89.



### 2.3 Ciberfundamentalismo – O Senhor é o meu provedor, minha rede não cairá

O *ciberespaço* está legitimado para os membros da Igreja Batista Conservadora através do *site* oficial da Convenção Batista Conservadora<sup>242</sup> e pela iniciativa de igrejas convencionadas e membros individuais. A Igreja Batista Conservadora está presente nas redes sociais como *Orkut* e *Facebook*, seja através de comunidades ou de perfis pessoais. O caráter congregacional da denominação fica explícito na sua distribuição descentralizada no *ciberespaço*. A atualização de informações denominacionais e os cuidados pastorais são compartilhados em velocidade mais eficiente através de comunidades como: Mocidade Betel, Igreja Batista Conservadora e EBD – Igreja Batista Conservadora, tornando o *site* oficial da denominação desatualizado.<sup>243</sup>

A Igreja Batista Conservadora ainda não se opôs oficialmente ao uso da internet e não possui nenhum documento ou projeto elaborado de orientação aos jovens quanto ao uso da rede. O policiamento do material exposto na rede fica a cargo das lideranças e membros que acessam a rede e compõem uma confederação virtual e informal de batistas conservadores. Isso possibilita aos internautas compartilharem suas experiências em espaços e territórios interdenominacionais, cuidando apenas de conservarem os princípios doutrinários e bíblicos, atuando como divulgadores de uma denominação pouco conhecida fora do Estado do Rio Grande do Sul.<sup>244</sup>

É possível encontrar adolescentes da Igreja Batista Conservadora em *sites* de relacionamentos e namoros como Par Perfeito, Amor em Cristo e Romance Cristão sem esconderem sua origem denominacional. Ao contrário de outras denominações no estado que impõem restrições explícitas aos seus membros e congregados quanto ao uso da internet, o fundamentalismo da Igreja Batista Conservadora se promove através das páginas individuais dos seus membros.<sup>245</sup>

<sup>242</sup><http://www.portalcbc.org/>

<sup>243</sup>MUNIZ, Jônatas Bezerra. *Agenda da Convenção*. Disponível em: <<http://www.portalcbc.org>>. Acesso em: 02 set 2012.

<sup>244</sup>MUNIZ, Jônatas Bezerra. *História da Convenção*. Disponível em: <<http://portalcbc.org>>. Acesso em: 01 set. 2012.

<sup>245</sup>PÁGINA Inicial. *Portal da Igreja Assembléia de Deus Ministério Restauração*. Disponível em: <<http://www.adrestauracao.com/>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

O fundamentalismo propõe-se a oferecer todas as respostas para a humanidade. Acessando o site oficial da denominação ou um *blogger* de um membro da igreja, o adolescente experimenta em tempos de insegurança o ponto de referência e apoio capaz de tranquilizá-lo. A Igreja e as redes sociais são balizas sociais para esses adolescentes. É o retorno à segurança primeira, perdida com o fim da infância, mas readquirida através dos ensinamentos, da afetividade do grupo e do carisma do líder. A sensação de desamparo oriunda da falta de parâmetros na pós-modernidade leva o adolescente ao isolamento proveniente do individualismo exacerbado. O *ciberfundamentalismo* não pretende a modernização da religião, mas a fundamentação religiosa e explícita da modernidade.<sup>246</sup>

No *ciberfundamentalismo* ele encontra outros adolescentes que se identificam através de símbolos e imagens e se percebem como parte integrante de uma missão maior, que transcende à sua própria existência. No *site* oficial da Igreja Batista Conservadora é possível encontrar uma mensagem bíblica de encorajamento do líder da denominação, testemunhos de membros e uma seção para postar pedidos de oração.<sup>247</sup>

Se no passado da humanidade a adolescência poderia representar apenas o período preparatório para o ritual de passagem, na pós-modernidade a entrada em grupo nas redes sociais na internet tem o mesmo valor para um adolescente. O *ciberfundamentalismo* acolhe o adolescente, através de um grupo de adolescentes e jovens, por perceber que os rituais de passagem na contemporaneidade se dão entre os jovens e não mais na sociedade no coletivo. A valorização do adolescente pelos seus pares passa a ser encontrada através da sua inserção em um grupo identitário.<sup>248</sup>

O adolescente identifica-se com os padrões comportamentais e doutrinários do grupo, pois estes lhe oferecem respostas que lhe proporcionam uma razão social para existir. O processo de adultez precoce também lhe cai bem, pois ele passa a ser reconhecido pelo grupo como um jovem adulto e não mais como uma criança. O adolescente é um ser em busca do sentido da vida e nesta caminhada procura a integração das várias dimensões que constituem o seu existir humano.

---

<sup>246</sup> MARTINS, Edson. Donos da verdade: o fundamentalismo protestante e os perigos que ele representa. *Via Teológica*, Curitiba, n.10, p. 18, dez. 2004.

<sup>247</sup> <http://www.portalcbc.org/>

<sup>248</sup> MARTINS, Ana Rita. *A importância do grupo para os jovens*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/qual-papel-importancia-grupo-jovens-adolescencia-jovem-puberdade-identidade-546793.shtml>>. Acesso em 12 jan. 2013.

Segundo Fowler, durante o estágio de fé sintético-convencional, Deus ainda é visto de maneira antropomórfica, sendo a sua imagem a síntese daquilo que foi ensinado a respeito da divindade com aquilo que a pessoa mesma imagina a respeito de Deus. Os símbolos estão ligados nessa fase aos seus sentidos.<sup>249</sup>

Em sua essência, a religiosidade é relacional. A religiosidade comporta sempre um encontro com o outro (o Outro), seja qual for o entendimento que dele tenha a pessoa ou o grupo religioso no qual ela é socializada. A maneira como este encontro é vivenciado inscreve-se no itinerário de vida e autopercepção de cada um. Ademais, ela deve ser vista como uma resposta aprendida na convivência socializada, por meio de múltiplas mediações (costumes, valores, normas, crenças, papéis, organizações, rituais, mitos, símbolos e – como mediação de fundo – pessoas) interiorizadas em forma individual, mas sempre no contexto de relações sociais concretas.<sup>250</sup>

Na Igreja Batista Conservadora, assim como nas demais denominações religiosas que se fazem presentes na internet, o *ciberespaço* ainda é visto como um instrumento de evangelização, meio de divulgação da instituição e de cuidado pastoral. A internet é um lugar. O grande desafio é pensar de maneira digital quando não se é um nativo digital. Não se trata apenas de levar o culto para a *web*, a rede de alcance mundial. Cerimônias e reuniões religiosas transbordam no *You Tube*; sermões, boletins e louvores podem ser encontrados facilmente de *sites* evangélicos. A questão é que é preciso compreender que o virtual não é uma realidade paralela ao mundo concreto, o *ciberespaço* faz parte da realidade das pessoas. A linguagem da mídia está no cotidiano, mesmo quando as pessoas não estão conectadas. É um ambiente a ser habitado.<sup>251</sup>

O *ciberfundamentalismo* evolui com a *web*. Até o surgimento das redes sociais como *Orkut* e *Facebook*, as pessoas se comunicavam através de *e-mails*, numa relação invisível para os demais usuários. O *ciberfundamentalismo* se expande através da conexão entre pessoas. Ele está nas páginas de conteúdo, nos *feeds*, nas relações *online*, em ações como curtir, compartilhar e promover, atualizando-se na mesma velocidade em que são postados comentários. Estar na rede não basta, é importante estar conectado a algo ou a alguém.<sup>252</sup>

<sup>249</sup> FOWLER, James. *Estágios da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p.202-3.

<sup>250</sup> VALLE, E. Psicologia da Religião. In: USARSKI, F.(org). *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

<sup>251</sup> SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 10.

<sup>252</sup> SPADARO, 2012, p. 60.

### 2.3.1 Sites fundamentalistas: o *boom* de uma disputa simbólica

Existe uma demanda religiosa nas redes sociais. Nos primeiros doze anos do Século XXI percebe-se tanto o previsível crescimento dos evangélicos quanto o inusitado aumento do número dos *sem religião* nas pesquisas do Censo/IBGE que incluem ateus e agnósticos. O Brasil está deixando de ser um país majoritariamente católico e se tornando predominantemente pluralista.<sup>253</sup> O embate religioso se faz nas mídias e no ciberespaço. A religiosidade virtualiza-se no “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias informáticas, isto é, o chamado ciberespaço”.<sup>254</sup> O termo *ciberespaço* foi criado pelo escritor Willian Gibson, no livro de ficção científica *Neuromancer*, de 1984, e segundo Lévy :

O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.<sup>255</sup>

A religiosidade não está ausente no *ciberespaço*. Na realidade virtual a tecnologia e a espiritualidade se tocam. O teológico se reveste do tecnológico. A ênfase na religião ou a ausência dela são indicadores de que, apesar dos avanços da ciência e do secularismo, a religião não morreu, mas continua sendo elemento de explicação e consolo para a humanidade e utilizada como justificativa para atitudes extremadas. No *ciberespaço* Leonardo Boff cita Samuel P. Huntington, assessor do Pentágono na coordenação da Guerra do Vietnã e autor da expressão “Guerra das Civilizações”:

No mundo moderno, a religião é uma força central, talvez a força central que motiva e mobiliza as pessoas... O que em última análise conta para as pessoas não é a ideologia política nem o interesse econômico; mas aquilo com que as pessoas se identificam são as convicções religiosas, a família e os credos. É por estas coisas que elas combatem e até estão dispostas a dar a sua vida.<sup>256</sup>

<sup>253</sup>FABRIS, André Marques. *Católicos, sem religião e evangélicos pentecostais têm maioria de pessoas de 15 anos ou mais sem instrução*. Disponível em: <<http://www.canalrioclaro.com.br>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

<sup>254</sup>LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2000.p.17.

<sup>255</sup>LÉVY, 2000, p.91.

<sup>256</sup>BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. p.64.

Pierre Lèvy fala que, embora pareça que haja uma oposição entre o virtual e a realidade, o virtual não se opõe ao real. O mundo digital não é uma saída, uma opção de fuga da realidade, mas um plano de existência palpável ao contato físico através dos dispositivos que podem ser tocados, transportados e manipulados pelo ser humano. As mídias digitais enriquecem as vidas, possibilitam novas formas de comunicação e constroem uma nova compreensão do mundo ordinário.<sup>257</sup>

No *ciberespaço* a realidade é virtual, mas não é uma realidade paralela, ela faz parte da vida de muitas pessoas; a internet está integrada ao cotidiano contemporâneo. É um espaço desterritorizado, sem presença física, habitado tanto pelo sagrado quanto pelo profano. É um espaço de informações alimentadas pelas tendências da sociedade. Ele não é um campo estéril, é preciso saber que semente plantar no espaço virtual e ser criterioso ao escolher os seus frutos. Um ambiente culturalmente construído e antropologicamente concebido.<sup>258</sup>

É impossível separar o ser humano do seu ambiente material, dos sinais e das imagens através dos quais confere sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não se pode separar o mundo material – e menos ainda sua parte artificial – das idéias através das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados pelos homens que os inventam, produzem e usam.<sup>259</sup>

No Site *E a Bíblia com isso?* Criado por um grupo de amigos, pastores presbiterianos, preocupados em fazer uma leitura do mundo pelo prisma da Bíblia confiando na sua inerrância, se propõe a oferecer respostas fundamentadas nos Catecismos e Confissões Calvinistas e Reformadas para questões atuais, como se um cristão pudesse ser um lutador de *Ultimate Fighting Championship* – UFC.

Para os cristãos presbiterianos, que é o meu caso, há ainda outra questão a ponderar. Somos uma igreja confessional, isto é, temos a Escritura como regra de fé e prática e adotamos como sistema expositivo de doutrina e prática a *Confissão de Fé*, o *Catecismo Maior* e o *Breve Catecismode Westminster*. Isso quer dizer que acatamos essa interpretação das Escrituras como fiel. Creio que não é preciso explicar que toda a violência desses “esportes” vai contra o que professamos como fé.<sup>260</sup>

<sup>257</sup> SPADARO, 2012, p. 16.

<sup>258</sup> SPADARO, 2012, p. 19.

<sup>259</sup> LÉVY, 2000, p. 26.

<sup>260</sup> JUNIOR, Milton. *Pensando Alto sobre o UFC e afins...* Disponível em: < <http://bibliacomisso.blogspot.com.br>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

O espaço sagrado tem um valor existencial para o ser religioso.<sup>261</sup> O espaço virtual não está livre de religiosidade. Isso gera uma luta pela predominância simbólica na rede que cria *banners*, gravuras, comentários e vídeos no *You Tube* com o objetivo de explicitar o projeto fundamentalista para a humanidade. Os *ciberfundamentalistas* se autodenominam como remanescentes dentre uma multidão, “aqueles que foram chamados para fora”. Eles não têm a pretensão de dominar o *ciberespaço* como os evangélicos ou os neo-ateus, a fim de não se macularem com o sistema religioso dominante.

O fundamentalismo, entretanto, nunca esteve e nunca poderia estar limitado às afirmações de qualquer denominação em particular. Os Fundamentos da Comunhão transcendem as distinções denominacionais e fazem isso sem enfraquecer ou contemporizar essas distinções. Por exemplo, os fundamentalistas sempre foram bons presbiterianos ou bons batistas e ainda capazes de ter comunhão com fundamentalistas de outros grupos. Embora os fundamentalistas certamente difiram entre si mesmos em certas interpretações das Escrituras, eles se unem na comunhão e "propósito comum para a defesa da fé e a pregação do evangelho", aceitando somente a Bíblia, sem questionar, como divina e verbalmente inspirada, inerrante e autorizada Palavra de Deus. (ênfase no original).<sup>262</sup>

O triunfalismo *gospel* pode afirmar que “a internet é dominada por religiosos” e os ateus blogueiros da Tropa dos Lanternas Verdes declaram explicitamente que a internet é dominada pelos ateus<sup>263</sup>. Ambos têm razão a respeito do *ciberespaço* ocupado por cada um. A rede proporciona, conforme os interesses, uma leitura parcial da realidade que leva o usuário a pensar dessa maneira. A sociedade moderna é fragmentada em diversos grupos sociais e esses grupos lutam pela supremacia simbólica para imporem a definição que se acredita.<sup>264</sup> O *ciberespaço* virou também um campo de lutas simbólicas pela hegemonia cultural nas sociedades. As novas tecnologias de informação, neste caso o surgimento das redes sociais, criaram várias comunidades virtuais, com identidades próprias.<sup>265</sup>

<sup>261</sup> ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 26.

<sup>262</sup> BEALE, David O. *Quem São os Cristãos Fundamentalistas e Por Que Estão Sendo Insultados por Outros Grupos 'Cristãos'?* Disponível em: <<http://www.espada.eti.br/n1861.asp>>. Acesso em 20 fev. 2013.

<sup>263</sup> GRECCO, Yuri. *Deixar os religiosos quietos ?#EuSouUmAteuRevoltado*. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=fMP\\_rVTw-44](http://www.youtube.com/watch?v=fMP_rVTw-44)>. Acesso em: 14 jul. 2012.

<sup>264</sup> BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p.11.

<sup>265</sup> Foram encontradas no facebook algumas páginas fundamentalistas como: <https://www.facebook.com/cuttingedgeministry> e <http://www.facebook.com/groups/albert.parlindungan>.

### 2.3. 2 Lutando nos *sites* do Senhor

*Sites* evangélicos conservadores e *sites* fundamentalistas têm muita coisa em comum. Eles adotam doutrinas tradicionais da Escritura e da pessoa de Cristo, evocam princípios protestantes da Reforma, promovem a evangelização e as missões e valorizam um padrão ético diferenciado da sociedade atual. Entretanto, *sites* fundamentalistas acreditam ser diferentes dos demais *sites* evangélicos por serem fiéis ao que compreendem como cristianismo bíblico e por combaterem erros doutrinários que promovem a apostasia nas igrejas.

Cremos, de acordo com o ensino das Escrituras, que o crente deve ser separado da apostasia, exemplificado em organizações eclesiais que incluem radicais, liberais, e aqueles que apóiam o comprometimento teológico.<sup>266</sup>

Apesar de o Brasil não ter tradição em grupos fundamentalistas religiosos que advogam o uso da força e da violência para empreender algo como uma guerra santa, *sites* fundamentalistas assumem militância de patrulhamento em especial sob igrejas neopentecostais, líderes midiáticos e correntes teológicas.

Já falei uma vez em uma discussão teológica pelo facebook e volto a dizer: Perda de tempo, dinheiro e dedicação. Um irmão em Cristo me falou que eu estava equivocado, que a IURD faz muitas coisas boas. Eu rebati dizendo que isso não quer dizer nada, pois muitas associações filantrópicas e algumas religiões que designamos seitas também fazem, e muito mais, o que não os tornam cristãos piedosos; disse também que o dinheiro arrecadado para isso, foi adquirido de maneira extremamente errada<sup>267</sup>

Os que são identificados como inimigos da fé sofrem vigilância intensificada e constantes tentativas de desqualificação pública. É a *globalização do inimigo*<sup>268</sup>, onde os fundamentalistas delimitam e localizam os que consideram ameaça à ortodoxia cristã protestante. *Sites* fundamentalistas elaboram e atualizam listas com endereço de outros *sites* fundamentalistas que cumprem exigências doutrinárias e de conduta que os classificam como fundamentalistas.

<sup>266</sup>BURITI Davi. *O Movimento Fundamentalista Bíblico*. Disponível em:<<http://selecoesbiblicasfundamentalistas.blogspot.com.br>>. Acesso em 10 jul. 2012.

<sup>267</sup>BERNARD, Arthur. *Templo de Salomão – Ultraje ao Evangelho*. Disponível em:<<http://umremanescente.blogspot.com.br>>. Acesso em 10 de jul. 2012.

<sup>268</sup>BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro, Sextante, 2002.p.63.

No Brasil, as escolas abaixo citadas, devem ser evitadas pelos verdadeiros fundamentalistas, pois as mesmas abandonaram a posição correta acerca das Escrituras e partiram para a aventura da crítica textual. Alguns, infelizmente, adotaram a posição "eclética" (ou self-service – ou “escolha a Bíblia que você gostar mais”) de usar ou tolerar a Bíblia Almeida Corrigida e Fiel (ou até mesmo o Texto Recebido) nas classes, mas usam / toleram / não condenam as Bíblias corruptas como a Atualizada, NVI ou Linguagem de Hoje. Além disso, há o uso do Texto Crítico, ou do outro falso Majoritário (de Hodges-Farstad - 1982). Isso é o fermento que tem levedado a massa do fundamentalismo e deve ser tenazmente combatido pelo remanescente fiel.<sup>269</sup>

O perfil dos *sites* cristãos fundamentalistas no Brasil é majoritariamente composto por páginas oficiais de desistências fundamentalistas de igrejas históricas: batistas, metodistas, presbiterianos e congregacionais; ou *blogs* de pastores e líderes dessas denominações.<sup>270</sup> Embora o fundamentalismo histórico combata o pentecostalismo, membros de igrejas pentecostais que realizam estudos teológicos em igrejas históricas, se alinham aos fundamentalistas, sobretudo para manifestar virtualmente seu repúdio a Igrejas neopentecostais.

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) está se preparando para a construção da réplica do templo de Salomão. Essa obra só custará R\$ 360 milhões e terá pedras importadas. A estrutura do templo vai ser tão grande, que a prefeitura de São Paulo só permitiu a construção, se a empresa responsável pela obra reestruturasse o trânsito ao redor.<sup>271</sup>

*Sites* fundamentalistas brasileiros assumem o termo fundamentalista ou conservador com orgulho para se diferenciarem dos demais evangélicos e cristãos que consideram apóstatas. A doutrina da separação dos demais evangélicos é evocada no *ciberespaço*. É preciso manter as fronteiras éticas e teológicas. O combate é estabelecido contra todos os grupos cristãos que não se alinham às posturas adotadas pelos *ciberfundamentalistas*:

Nenhum crente fiel à Bíblia, portanto, deve se envergonhar ou ter constrangimento de ser chamado Fundamentalista Bíblico porque, na verdade, esse é um termo que, como o nome de "cristão", designa todo o fiel seguidor e discípulo do nosso único Senhor e Salvador, Jesus Cristo<sup>272</sup>.

<sup>269</sup> ALMEIDA, José Pedro M. *Seminários Fundamentalistas no Brasil que apostataram para o texto crítico*. Disponível em <<http://www.baptistlink.com>>. Acesso em 12 jul. 2012.

<sup>270</sup> SILVA, Hélio de Menezes. *Sites Batistas Fundamentalistas*. Disponível em:<<http://solascriptura-tt.org>>. Acesso em 12 jul. 2012.

<sup>271</sup> BERNARD, Arthur. *Templo de Salomão – Ultraje ao Evangelho*. Disponível em:<<http://umremanescente.blogspot.com.br>>. Acesso em 12 de jul. 2012.

<sup>272</sup> BURITI Davi. *O Movimento Fundamentalista Bíblico*. Disponível em <<http://selecoesbiblicasfundamentalistas.blogspot.com.br>>. Acesso em 12 jul. 2012.



Os *ciberfundamentalistas* brasileiros encontram munição para os seus ataques em *sites* fundamentalistas estrangeiros, sobretudo norte-americanos. São perfis individuais, páginas de conteúdo ou *sites* oficiais de igrejas que se preocupam, sobretudo, em demonstrar porque são fundamentalistas e não apenas evangélicos. Nos sites em que o referencial estadunidense é ressaltado é possível se conectar com as matrizes e conhecer a indústria do mercado fundamentalista cristão. É possível perceber que praticamente todo o material utilizado no *ciberespaço* fundamentalista brasileiro provem da língua inglesa. Os *sites* brasileiros são vitrines em língua portuguesa do material produzido nos Estados Unidos.<sup>273</sup>

Devido à sua matriz norte-americana, o *ciberfundamentalismo* difunde algo que é típico dos Estados Unidos: as teorias da conspiração. São teses com base em fatos ou sinais que aparentam ações de uma entidade, governo, pessoas, empresas, sociedades que em benefício próprio seriam capazes de provocar uma hecatombe mundial. Os fundamentalistas não são os inventores das teorias da conspiração, mas alimentam esse ciclo porque continuam fazendo sempre as mesmas perguntas e não concordam com as respostas plausíveis para as suas indagações. Através da mídia promovem campanhas contrárias e boicotes a empresas supostamente financiadoras de organizações e sociedades secretas.

Para os que acreditam somente nas teorias da conspiração estas são o verdadeiro motor da história. Pessoas, instituições e governos têm sido vítimas dessas teorias. Essas teorias trazem benefícios para os *ciberfundamentalistas*. Eles se sentem privilegiados por conseguirem decifrar um plano secreto contra a humanidade. O compartilhamento desse saber transmite a sensação de pertencer a um grupo seletivo da humanidade. Eles se veem como seres únicos.<sup>274</sup>

Quando o Anti – Cristo encarna sua aparência, ele vai alegar ser um mestre ascensionado de outra dimensão, ou seja, um ser alienígena. Ele é apenas tão amigável quanto os estrangeiros que você tem visto na TV e filmes. Ele tem apenas os melhores interesses no coração... Líderes da nova era acreditam que as pessoas ficarão muito mais inclinadas a aceitar as reivindicações do Anti-Cristo, se eles já acreditam em Aliens.<sup>275</sup>

<sup>273</sup> Após pesquisas realizadas em vários sites foi observado que a maioria do material produzido em língua portuguesa tem origem em material de mídia publicado nos Estados Unidos.

<sup>274</sup> BYFORD, Jovan. *Teorias da Conspiração*. Disponível em: <<http://discordianismo.wordpress.com/2011/09/08/teorias-da-conspiracao/>>. Acesso em 21 jan. 2013.

<sup>275</sup> SKIBA, Rob. *Archon Invasion: The Return of the Nephilim*. Disponível em: <<http://www.cuttingedge.org/index.html>>. Acesso em 21 jan. 2013.

### 2.3.3 Fundamentos Inabaláveis na rede

*Sites*, redes e *blogs* fundamentalistas possuem distintivos dentre outras páginas religiosas: defendem uma tradição protestante histórica, se autodenominam fundamentalistas, adotam conduta dispensacionalista<sup>276</sup> e pré-tribulacionista<sup>277</sup>, são criacionistas<sup>278</sup>, separatistas. Assumem em tempos do politicamente correto seu aspecto não denominacional, anti-carismático, anti-G12, anti-"igreja com propósito", anti-CMI<sup>279</sup>, antidivorcista, anti-arminianismo<sup>280</sup>.

Este site é politicamente incorreto. Ele possui declarações fortes e impopulares. O nosso direito e dever de expor a verdade não foi dado por governo algum, nem por nenhuma lei humana, mas pelo próprio Deus revelado nas Escrituras Sagradas. Caso continue, será por conta e risco próprio. Considere-se avisado.<sup>281</sup>

O *ciberfundamentalismo* se autoproclama como a porta aberta para a salvação na internet. O *ciberfundamentalista* tem a convicção militante de que é um escolhido por Deus para realizar a proclamação das doutrinas básicas do Cristianismo que conduz a uma Separação Bíblica daqueles que as rejeitam. A seguinte mensagem pode ser lida num site fundamentalista:

<sup>276</sup>O dispensacionismo é uma doutrina teológica e escatológica cristã que afirma que a segunda vinda de Jesus Cristo será um acontecimento no mundo físico, envolvendo o arrebatamento e um período de sete anos de tribulação, após o qual ocorrerá a batalha do Armagedon e o estabelecimento do reino de Deus na Terra. HANKO, Ronaldo. *Os Erros do Dispensacionismo*. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/dispensacionismo/dispensa-erros\\_hanko.pdf](http://www.monergismo.com/textos/dispensacionismo/dispensa-erros_hanko.pdf)>. Acesso em 01 nov. 2012.

<sup>277</sup>O pré-tribulacionismo ensina que Jesus Cristo voltará antes do período milenar, e que a Igreja será arrebatada antes da Grande Tribulação, que será um período de sete anos em que o planeta ficará sob o domínio do Anti-Cristo. L'ASTORINA, Luis Henrique. *Doutrina do Arrebatamento Pré-tribulacional*. Disponível em: <<http://www.solascriptura-tt.org/EsatologiaEDispensacoes/ArrebatamentoPretribulacional-LHenrique.htm>>. Acesso em 01 nov. 2012.

<sup>278</sup>O Criacionismo sustenta que todos os seres vivos existentes foram criados por um ou mais entes inteligentes. Esta é a hipótese de maior recepção em todo o planeta, elaborada em oposição à teoria evolucionista. SANTANA, Ana Lúcia. *Criacionismo*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/filosofia/criacionismo/>>. Acesso em 01 nov. 2012.

<sup>279</sup>O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) foi constituído formalmente em 23 de Agosto de 1948 em Amsterdam, Holanda. É composto de diversas organizações filiadas ao CMI. SESSLER, Robert. *O Conselho Mundial de Igrejas e a Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Disponível em: <[http://www.adventistas.com/biz/robert\\_sessler/apendice6.htm](http://www.adventistas.com/biz/robert_sessler/apendice6.htm)>. Acesso em 01 nov. 2012.

<sup>280</sup>O Arminianismo é um sistema teológico baseado nas idéias do pastor e teólogo reformado holandês Jacob Harmensz, mais conhecido pela forma latinizada de seu nome Jacobus Arminius. No inglês, é usualmente referenciado como James Arminius ou Jacob Arminius. Em português, seu nome seria Jacó Armínio. Armínio defendeu a crença que a salvação do homem depende da cooperação entre Deus e o homem, que é contrário ao Calvinismo (crença de que a salvação é inteiramente determinada por Deus, sem nenhuma participação livre do homem). OLIVEIRA, Marcell. *Arminianismo*. Disponível em <<http://protestantismo.ieadcg.com.br/estudos/arminianismo.htm>>. Acesso em 01 nov. 2012.

<sup>281</sup>ALMEIDA, José Pedro M. *Biblioteca Batista Independente Online*. Disponível em <<http://www.baptistlink.com>>. Acesso em 12 jul. 2012.

O Movimento Fundamentalista Bíblico defende a união de todos os verdadeiros crentes e luta contra todas as formas de apostasia religiosa e moral existentes atualmente no meio evangélico. O Movimento Fundamentalista Bíblico é interdenominacional porque defende a união interativa de todos os crentes em torno da obediência à Palavra de Deus.<sup>282</sup>

A hermenêutica literal das Escrituras é marca do fundamentalismo histórico. O fundamentalismo é um modo literal de ler a Bíblia. Através da ética revelacional é a Bíblia que determina a conduta pessoal. Para os fundamentalistas as Sagradas Escrituras, por serem inspiradas por Deus, não contêm erros ou evoluções de modo algum. Tudo nela deve ser interpretado de modo estritamente literal.<sup>283</sup>

O *ciberfundamentalismo* tem disponibilizado publicamente variantes intencionais e não intencionais presentes em versões atuais da Bíblia que são apresentadas como fruto do trabalho de tradução pelo método de equivalência dinâmica<sup>284</sup> adotado pela Sociedade Bíblica Brasileira em consonância às demais Sociedades Bíblicas Unidas. Essas variantes são interpretadas como agentes responsáveis pela disseminação de erros doutrinários entre as igrejas cristãs e invalidando a mensagem da Bíblia:

Lembrando que a versão ACF<sup>285</sup> é traduzida a partir dos manuscritos originais gregos do TR (TEXTUS RECEPTUS), enquanto a versão ARA<sup>286</sup> foi compilada a partir da mistura dos manuscritos do TR e do TC (TEXTO CRÍTICO), de Westcot, e a versão BLH<sup>287</sup>, a mais substituída de todas, é baseada apenas nos manuscritos do TC, que não existiam quando Almeida traduziu a Bíblia p/ o nosso idioma. Qualquer versão que modifique, altere ou acrescente qualquer coisa à Santa Palavra de Deus, é obra do maligno, é substituição da Verdade, e como tal, deve ser desprezada por quem ama a Palavra de Deus.<sup>288</sup>

<sup>282</sup> <http://selecoesbiblicasfundamentalistas.blogspot.com.br/2007/11/movimento-fundamentalista-bblico.html>

<sup>283</sup> CONCÍLIO INTERNACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS. *Declaração Doutrinária*. Disponível em: <<http://selecoesbiblicasfundamentalistas.blogspot.com.br>>. Acesso em 12 jul. 2012.

<sup>284</sup> O princípio da equivalência dinâmica, também chamada, ultimamente, de equivalência funcional, é o que busca transmitir o significado que seguramente deveria ter o texto que se traduz, deixando em segundo lugar o significado concreto das palavras. Os tradutores e editores que apóiam a equivalência dinâmica têm uma definição da inspiração divina que tem colocado em dúvida a inerrância da Bíblia. MIRALLES, Antoni Mendoza. *Uma BÍBLIA, [versus] Muitas versões*. Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org/Bibliologia-Traducoes/UmaBibliaMuitasVersoes-AMIMiralles.htm>>. Acesso em 01 nov. 2012.

<sup>285</sup> Edição Almeida Corrigida Fiel.

<sup>286</sup> Edição Almeida Revista e Atualizada.

<sup>287</sup> Edição A Bíblia na Linguagem de Hoje.

<sup>288</sup> ASSUERO, Moderador. *Qual é a versão correta da Bíblia?* Disponível em: <<http://gospel-semeadores-da.forumeiros.com>> Acesso em 10 jul. 2012.

De acordo com os fundamentalistas, todas as versões da Bíblia para a língua portuguesa são resultados dos esforços de organizações ecumênicas e apóstatas em subtrair e trair a verdadeira versão da Bíblia em português. A Reversão Corrigida e Fiel, traduzida pelo método de equivalência formal,<sup>289</sup> é considerada pelos fundamentalistas brasileiros como a única fiel ao Texto Hebraico Massorético e ao Texto Grego Receptus em Português, publicada atualmente pela Sociedade Bíblica Trinitariana, uma concorrente menor da Sociedade Bíblica Brasileira – SBB.

As ACF e ARC<sup>290</sup> (ARC idealmente até 1894, no máximo até a edição IBB<sup>291</sup>-1948, não a SBB-1995) são as únicas Bíblias impressas que o crente deve usar, pois são boas herdeiras da Bíblia da Reforma (Almeida 1681/1753), fielmente traduzida somente da Palavra de Deus infalivelmente preservada (e finalmente impressa, na Reforma, como o Textus Receptus).<sup>292</sup>

O *ciberfundamentalismo* disponibiliza em rede a agenda fundamentalista do século XX, atualizada com respostas conservadoras para questionamentos contemporâneos para a fé cristã como macroevolução, bioética e clonagem. O *ciberfundamentalismo* não propõe nada de novo. A missão de alertar para os desvios doutrinários que levam a degeneração da cristandade agora é *online*.

O *ciberfundamentalismo* não pretende a modernização da religião, mas a fundamentação religiosa e explícita da modernidade.<sup>293</sup> O *ciberfundamentalismo* objetiva através do espaço virtual, voltar ao que são considerados princípios fundamentais e vigentes na fundação da denominação e do protestantismo. Os sites fundamentalistas, imputam aos cristãos terem se desviado ou corrompido pela adoção de princípios alternativos hostis ou contraditórios à identidade evangélica original. O *ciberfundamentalismo* revela ao adolescente uma apresentação de Deus feita através de uma interpretação literal da Bíblia recalcada através da utilização de símbolos e ilustrações que reforçam valores e conceitos doutrinários da teologia cristã protestante conservadora.

<sup>289</sup> Define-se o processo de tradução por equivalência formal, como sendo o processo pelo qual se traduz palavra a palavra, o mais fiel possível o texto em questão. RAFEIRO, Humberto. *Porque só aceito as traduções feitas por equivalência formal*. Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org/Bibliologia-Traducoes/PqSoAceitoEquivalenciaFormal-Rafeiro.htm>>. Acesso em 01 nov. 2012.

<sup>290</sup> Edição Almeida Revista e Corrigida

<sup>291</sup> Versão da Imprensa Bíblica Brasileira baseada na tradução de João Ferreira de Almeida.

<sup>292</sup> ASHBROOK, John E. *Separação Eclesiástica*. Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org>>. Acesso em 10 jul. 2012.

<sup>293</sup> MARTINS, Edson. Donos da verdade: o fundamentalismo protestante e os perigos que ele representa. *Via Teológica*, Curitiba, n.10, p. 18, dez. 2004.

### 3. PENTECOSTALISMO FUNDAMENTALISTA – ADOLESCENTES EM UM CTG ESPIRITUAL

Na Igreja Batista Conservadora é possível afirmar que o fundamentalismo e o pentecostalismo clássico se encontram. A origem nas colônias de imigrantes suecos retiradas dos grandes centros urbanos, o distanciamento geográfico-cultural dos movimentos neopentecostais e o contexto cultural do Rio Grande do Sul influenciaram na opinião dos pastores batistas independentes que na década de 1980 optaram em criar uma denominação que preservasse a doutrina bíblica e os costumes adotados até então, mas que estavam condenados pelas transformações que aconteciam nas Igrejas Batistas Independentes no Brasil.

A vinda de missionários da Suécia com usos e costumes comprometedores à Palavra de Deus, somada a aceitação de igrejas com doutrinas antibíblicas, e mais o fato de pastores terem cedido ao liberalismo, surgiu um constrangimento tal entre os demais que guardavam os ensinamentos bíblicos, a ponto de mesmo os constantes apelos a fidelidade aos princípios bíblicos haver um sentimento de fundar uma união entre aqueles que estivessem dispostos a batalhar pela única fé uma vez dada aos santos conhecida através dos primeiros suecos.<sup>294</sup>

A flexibilização de determinados usos e costumes e uma nova interpretação sobre o Batismo com o Espírito Santo soaram como apostasia da fé pentecostal. Os fundamentos inabaláveis estavam ameaçados nos círculos batistas conservadores, na opinião desses pastores. Era necessário manter a sobrevivência da cultura pentecostal batista gaúcha. Assim como os Centros de Tradição Gaúcha foram criados com o objetivo de manter viva a tradição e os valores da cultura gaúcha, a Igreja Batista Conservadora foi criada com o objetivo de preservar a espiritualidade batista pentecostal. A doutrina pentecostal é conhecida pelo seu conservadorismo e pela separação do mundo.

Em janeiro de 1980, numa convenção em Porto Alegre ainda houveram (sic) diálogos na tentativa de que todos guardassem a Palavra. Houve resistência por parte dos missionários e alguns pastores de que já haviam comprometido seriamente a doutrina e logo em torno de 50 pastores (grande maioria sul-rio-grandense) reuniram-se na cidade de Cachoeirinha-RS. Uma comissão da CIBI procura agora os tachados de rebeldes e divisionistas mas não houve entendimentos que garantissem a pureza denominacional.<sup>295</sup>

<sup>294</sup> MUNIZ, Jônatas Bezerra. *História da Convenção*. Disponível em: <<http://portalcbc.org>>. Acesso em: 21 fev. 2013.

<sup>295</sup> \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://portalcbc.org>>. Acesso em: 21 fev. 2013.

O posicionamento contrário a um modelo batista mais liberal aos usos de costumes, ainda que conservador na sua teologia e a oposição ao protestantismo liberal denominado de humanismo cristão, impôs algumas características à novel denominação que a aproximou do fundamentalismo, quando a maioria das denominações brasileiras experimentava um momento de abertura na teologia, na liturgia e no evangelismo.

Em 15 de dezembro de 1981, na cidade de Bagé, com a presença de alguns pastores inconformados com o mundanismo no seio da então querida CIBI, resolveram criar a União Conservadora Batista Independente, mesmo sem a pretensão de deixar a denominação. Surpreendentemente é conhecida pelo jornal "Luz nas Trevas" a exclusão de todos os pastores que tomaram a decisão de permanecerem fiéis à Palavra de Deus.<sup>296</sup>

Assim como as Assembleias de Deus, a Igreja Batista Conservadora foi fundada por suecos. A data da fundação das duas denominações é na mesma década do século XX. Seus primeiros missionários foram batistas que receberam o chamado para vir evangelizar o Brasil, influenciados pelo Movimento da Rua Azuza. Em ambos os casos, os pioneiros suecos eram pessoas humildes, vindos de um país empobrecido, que se livrava da massa excedente, promovendo a imigração nas primeiras décadas do século passado para o Continente Americano, em especial os Estados Unidos. Os missionários deixaram um país onde a religião oficial, a Igreja Luterana, estava ligada ao Estado. No seu país de origem, eles eram classificados religiosamente na categoria de "os outros", por não serem nem luteranos, nem reformados, nem católicos. Os batistas eram uma minoria religiosa na Suécia. Tanto nas Assembleias de Deus quanto entre os batistas pentecostais, a mentalidade de marginalização cultural estava presente. O boicote às tentativas de implantar Seminários Teológicos pelos suecos é observado nas duas denominações com raízes na sua herança cultural e na oposição das igrejas brasileiras detentoras dos institutos bíblicos em aceitarem alunos pentecostais.

Os suecos eram contra qualquer seminário, porque eles acreditavam que não havia necessidade de erudição para o pastorado, visto que eles conheciam uma igreja protestante oficial – a Luterana – que era muito erudita, mas que na ótica deles havia traído o evangelho, havia se mesclado com a alta cultura e vendido o seu compromisso com o evangelho.<sup>297</sup>

---

<sup>296</sup> MUNIZ, Jônatas Bezerra. *História da Convenção*. Disponível em: <<http://portalcbc.org>>. Acesso em: 21 fev. 2013.

<sup>297</sup> FRESTON, Paul. *Pentecostalismo*. Belém: UNIPOP. 1996, p. 23.

Os pioneiros batistas independentes concentraram-se inicialmente na região sul promovendo a evangelização entre imigrantes suecos, alemães e eslavos. Foi um pentecostalismo de imigração na sua gênese. As igrejas locais estabelecidas em colônias de povoamento mantiveram-se à parte das transformações sofridas pelas igrejas evangélicas brasileiras com o advento do neopentecostalismo no Brasil. A soberania eclesiástica no modelo congregacional<sup>298</sup> esposado pelas igrejas batistas, torna a Convenção um mero agente aglutinador de igrejas filiadas com autoridade limitada sobre os pastores e igrejas a ela filiados.

Os batistas se organizam por afinidade aos seus princípios; nenhuma instituição é considerada superior à igreja local. Historicamente, quando consideram que a identidade batista está comprometida eles se separam da organização maior e se reorganizam numa nova convenção ou permanecem como igrejas locais independentes. O nome Batista Conservador só foi incorporado a algumas igrejas batistas independentes no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina porque estas reconheceram a Convenção Batista Conservadora uma legítima associação de igrejas batistas fiéis aos mesmos princípios.<sup>299</sup>

O adolescente membro da Igreja Batista Conservadora aprende a se identificar com a doutrina pentecostal numa concepção batista de igreja. A figura do pastor-presidente é exercida pelo pastor titular da igreja numa forma congregacional de governar a igreja. Devido à herança batista sueca na sua origem histórica, os batistas conservadores não veem o líder espiritual numa perspectiva carismática e centralizadora, o pastor é um ministro eleito pela comunidade local. A junção do *éthos* sueco – gaúcho promove um ambiente pentecostal clássico com indícios de pertencimento europeu. A cooperação é um traço marcante entre as igrejas batistas conservadoras. O adolescente não é apenas membro de uma comunidade local, ele faz parte de uma identidade coletiva. Sua conduta no Templo é pontuada por um ambiente antropológicamente criado com o objetivo de agradar a Deus.

---

<sup>298</sup> Existem três modelos de administração eclesiástica com algumas variações entre si. O primeiro, é o Episcopal que no Brasil é adotado pelas Igrejas: Católica Romana, Ortodoxa, Anglicana, Metodista, IURD, dentre outras. O segundo é o Presbiteriano ou Oligárquico, seguido pelas Igrejas Presbiterianas, Luteranos (IELB e IECLB) e Cristã Maranata. O terceiro é o congregacional, seguido pelas Igrejas Congregacionais e Batistas. No modelo episcopal o poder central é exercido por uma única autoridade. No presbiterianismo, a autoridade é compartilhada entre Concílios e Sínodos. No congregacionalismo a autoridade máxima reside na Assembléia de Membros.

<sup>299</sup> MUNIZ, Jônatas Bezerra. *História da Convenção*. Disponível em: <<http://portalcbc.org>>. Acesso em: 21 fev. 2013.

O fundamentalismo e o pentecostalismo se encontram no Manual Doutrinário, publicado em 1990 com uma tiragem inicial de 10.000 exemplares que visa levar aos membros, em especial aos candidatos ao batismo, o conhecimento da identidade denominacional e tirar dúvidas sobre pontos doutrinários, costumes e hábitos. O Manual é um pequeno livreto de quarenta páginas e está dividido em onze capítulos. As revistas de Escola Bíblica Dominical reforçam seus ensinamentos.<sup>300</sup>

As referências bibliográficas dividem-se entre autores batistas e pentecostais. A Convenção Batista Conservadora fundamenta-se em dois sistemas religiosos: os batistas e o pentecostalismo. Nos cultos públicos é utilizado o *Cantor Cristão*, hinário oficial da Igreja Batista Brasileira, uma denominação tradicional, oficialmente avessa aos pentecostais. A liturgia de culto e a pregação seguem o padrão das igrejas pentecostais. No templo, o vestuário oscila entre o esporte fino e o social, obedecendo a uma ótica de modéstia e decência, sobretudo na ala feminina do rebanho. Os papéis sociais são definidos pelos gêneros. Há uma visão patriarcal e andocêntrica do mundo.<sup>301</sup>

Outras denominações têm surgido com a proposta de resgatar os princípios fundamentais do pentecostalismo clássico, mas a Igreja Batista Conservadora destaca-se no Rio Grande do Sul por ser uma permanência contínua em questões comportamentais e doutrinárias. A tríade batismo do Espírito Santo, dons e a segunda vinda de Cristo, estão presentes numa instituição que sobrevive em meio a tendência neopentecostal triunfalista.<sup>302</sup>

Defender a justificação pela graça lhe confere o caráter protestante da Reforma Religiosa no século XVI, o modo de governo congregacional e o batismo por imersão somente de adultos, inclui a instituição no ramo batista, a doutrina Wesleyana de santificação e a ênfase do batismo com o Espírito com a evidência no falar em línguas legitimam sua origem pentecostal. O adolescente está incluído em um “Centro de Tradições Gaúchas Pentecostais”, onde é possível reconstruir parcialmente a atmosfera pentecostal do sul do Brasil no século passado.<sup>303</sup>

<sup>300</sup> CABREIRA, Misael Bassualdo. *Nossa Revista*. Bagé: Departamento de Imprensa da Convenção Batista Conservadora. Jan. Fev. Mar. 2013. N. 101. p. 01.

<sup>301</sup> MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Autores Associados; São Paulo: Autores ANPOCS, 1996. p. 121.

<sup>302</sup> BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. São Leopoldo: CEBI, Escola Superior de Teologia; Curitiba: Pastoral Popular Luterana, 2002. p. 88.

<sup>303</sup> Os Centros de Tradição Gaúcha são agremiações tradicionalistas que promovem a manutenção de um passado construído a partir de reconstituições feitas por folcloristas e nativistas, dentre eles Paixão Cortez. Nesses galpões é possível praticar atividades culturais típicas da cultura gaúcha.



### 3.1 O movimento pentecostal

O movimento pentecostal é o segmento do protestantismo que mais cresce no mundo.<sup>304</sup> Ele nasceu e desenvolveu-se durante o século passado. Assim como o conceito/condição adolescência e o fundamentalismo, sua manifestação contemporânea se deu no século XX, com prenúncios no século XIX e raízes históricas desde a Antiguidade. Apesar de alguns pesquisadores não incluírem o pentecostalismo na família do protestantismo, ele é protestante por definição.<sup>305</sup>

Neste aspecto, sociologicamente, o pentecostalismo dá continuidade ao protestantismo – é de fato filho do protestantismo – embora sua contestação não tenha a mesma base legitimadora que o protestantismo teve. Assim, tanto igrejas pentecostais como protestantes históricas estão em processo dinâmico de reconstrução, de subdivisão, e esse dinamismo cria a necessidade de fazer e refazer classificação.<sup>306</sup>

O movimento pentecostal surgiu anunciando uma proposta de renovação espiritual para as Igrejas e cristãos protestantes, através do batismo no Espírito Santo, como uma bênção subsequente à conversão. O batismo no Espírito Santo daria a capacitação aos crentes para viverem uma vida de santificação e realizarem a Grande Comissão de evangelização do mundo, diante da iminência da Segunda Vinda de Cristo. Na sua versão original o pentecostalismo não foi propriedade de uma igreja ou uma denominação. O lugar comum para o anúncio da nova doutrina irradiou-se para muitos centros ao redor do mundo. O movimento pretendia alastrar-se entre os cristãos, igrejas e denominações. A institucionalização do movimento com o surgimento de igrejas pentecostais foi uma consequência.<sup>307</sup>

Como um incêndio florestal o fogo do Espírito Santo se espalhou e grupos começaram a se formar. Os que foram a Los Angeles voltaram aos seus estados e países levando uma nova experiência e a doutrina pentecostal. Entre 1907 e 1925, vinte e cinco denominações pentecostais formaram-se. O historiador Hollenweger disse em 1972: “Descobri cerca de duzentas denominações pentecostais nos Estados Unidos”.<sup>308</sup>

<sup>304</sup> MENSAGEIRO DA PAZ. *Pentecostalismo manterá o protestantismo vivo em todo o mundo*. São Paulo: CPAD, Ano 83, n. 1532, Janeiro de 2013, p. 4-5.

<sup>305</sup> BRUNER, Frederick Dale. *Teologia do Espírito Santo*. São Paulo: Vida Nova, 1989. p. 15.

<sup>306</sup> MARIZ, Cecília Loreto. A dinâmica das classificações no pentecostalismo brasileiro. In: SOUZA, Beatriz Muniz, GOUVEIA, Eliane Hojaj, JARDILINO, José Rubens Lima, (org). *Sociologia da religião no Brasil*. São Paulo: PUC, 1998. p. 86.

<sup>307</sup> BRUNER, 1989, p. 16.

<sup>308</sup> MCALISTER, Robert. *A experiência Pentecostal*. Rio de Janeiro: Igreja de Nova Vida, 1977. p. 21.

A doutrina do Batismo com o Espírito Santo não é alheia à tradição cristã. Na Igreja Católica Apostólica Romana todo cristão é batizado com o Espírito Santo ao receber os sacramentos de iniciação no cristianismo romano: batismo, confirmação e eucaristia.<sup>309</sup> Na Igreja Ortodoxa as pessoas são batizadas, crismadas e participam da comunhão desde a primeira infância, pois através desses sacramentos ou mistérios<sup>310</sup> elas recebem a promessa do Pentecostes.<sup>311</sup> Igrejas protestantes históricas compartilham do ensinamento de que o batismo com o Espírito Santo acontece durante a conversão do crente, sendo a própria conversão.<sup>312</sup>

De fato, o corpo é um só, mas tem muitos membros; e, no entanto, apesar de serem muitos, todos os membros do corpo formam um só corpo. Assim acontece também com Cristo. Pois todos fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo, quer sejamos judeus ou gregos, quer escravos ou livres. E todos bebemos de um só Espírito.<sup>313</sup>

O diferencial do pentecostalismo é o ensino do batismo com o Espírito Santo como uma segunda bênção subsequente da conversão com a evidência do falar em outras línguas. Nas demais doutrinas, o movimento pentecostal é conservador. Na história da cristandade existem relatos de indivíduos e grupos que experimentaram a glossolalia ou prática de falar outras línguas. O movimento pentecostal inaugurou na tradição cristã o ensino do batismo com o Espírito Santo como uma experiência separada da conversão e sem ligação direta com o batismo com água sacramental. Os dons espirituais assumiram uma posição privilegiada, em especial aqueles que fossem mais explícitos durante as reuniões. O pentecostalismo também condiciona a prática da glossolalia ao Batismo com o Espírito Santo.<sup>314</sup>

A glossolalia em si não é novidade. A novidade fora uma nova interpretação teológica para um fenômeno conhecido. Afirmando que o falar em línguas é o sinal visível que alguém fora batizado com o Espírito Santo, Charles Parham trouxe uma interpretação diferente e nova para um fenômeno antigo.<sup>315</sup>

<sup>309</sup> NISSA, São Gregório de, *Adversus Macedonianos de Spiritu Sancto*, 16: *Gregorii Nysseni opera*, ed. W. Jaeger-H. Langerbeck, V. 3/1 (Leiden 1958) p. 102-103 (PG 45, 1321). Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p1s2cap3\\_683-106\\_po.html#ARTIGO\\_10\\_>](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s2cap3_683-106_po.html#ARTIGO_10_>). Acesso em 20 de jan. 2012.

<sup>310</sup> As Igrejas Ortodoxas do Oriente denominam seus sacramentos de mistérios.

<sup>311</sup> ECCLESIA, Os sacramentos. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/igreja\\_ortodoxa/a\\_igreja\\_ortodoxa\\_fe\\_e\\_liturgia7.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/igreja_ortodoxa/a_igreja_ortodoxa_fe_e_liturgia7.html)>. Acesso em 20 de jan. 2013.

<sup>312</sup> LANGSTON, Esboço de Teologia Sistemática. 10 ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1991. p. 274.

<sup>313</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM,

<sup>314</sup> BRUNER, 1989, p. 16.

<sup>315</sup> FRESTON, Paul. Pentecostalismo. Pará: Unipop, 1996. p. 3.

O pentecostalismo tem raízes bíblicas e históricas. O movimento busca no Novo Testamento, sobretudo no livro de Atos e nas Epístolas de Paulo base para suas práticas. Textos do Antigo Testamento e ditos de Jesus Cristo também são utilizados para corroborar a contemporaneidade dos dons espirituais. No livro de Atos encontram-se todos os relatos mencionados na Bíblia de pessoas que receberam o Espírito Santo. Atos é o livro chave para a doutrina pentecostal. Opondo-se à doutrina cessacionista, que ensina que a manifestação dos dons espirituais ocorreu apenas nos tempos bíblicos, o pentecostalismo atribui o seu crescimento numérico à contemporaneidade dos dons espirituais.<sup>316</sup>

O elemento principal da ruptura está no fato de que o movimento resgata a experiência dos dons espirituais (glossolalia, profecia, visões, exorcismo, milagres, etc...) vivida pela igreja primitiva a partir do dia de Pentecostes, e esquecida pelo catolicismo e pela Reforma. O êxtase passou a ser vivido como experiência regular e cotidiana, alterando a racionalidade e a prática religiosa.<sup>317</sup>

As raízes históricas do pentecostalismo são evocadas como se o movimento tivesse iniciado no Dia de Pentecostes no início da Era Cristã mencionada no livro de Atos e tivesse sido ignorado no final do primeiro século, aparecendo esporadicamente através dos séculos através de manifestações individuais ou em grupos. Grupos sectários e milenaristas<sup>318</sup> da Antiguidade cristã e durante a Idade Média como os montanistas, anabatistas e espiritualistas medievais são mencionados como antecedentes históricos do movimento pentecostal contemporâneo. Para muitos autores pentecostais, a origem das igrejas pentecostais está no dia de Pentecostes relatado em Atos 2. Sob esse ponto de vista todas as igrejas cristãs são pentecostais. Católicos, protestantes e ortodoxos surgiram após a descida do Espírito Santo relatada na Bíblia. Dessa feita o pentecostalismo seria anterior à Reforma Protestante.

No entanto a idéia subjacente ao conceito de marco fundante sugere pensar, não que o pentecostalismo tenha antecedido a Reforma, mas que o seu surgimento a posteriori, instituiu uma nova expressão do cristianismo tendo como dogma central o resgate dos dons carismáticos do Espírito Santo.<sup>319</sup>

---

<sup>316</sup>BRUNER, 1989, p. 19.

<sup>317</sup>SOUZA, 2004, p. 24-25.

<sup>318</sup> Grupos que enfatizam o milênio, período de governo escatológico de Cristo na Terra.

<sup>319</sup>SOUZA, 2004, p. 16.

### 3.1 Pneumáticos na história

Na primeira carta de Paulo aos Coríntios é encontrado o primeiro grupo de cristãos entusiastas com as manifestações dos dons espirituais. No livro de Atos são mencionadas experiências com os dons do Espírito Santo, mas sem que isso tenha causado dissensões na comunhão entre os seguidores de Cristo. Paulo escreve aos cristãos em Corinto, orientando acerca da utilização desses dons, mas que hoje servem como um veto para a propagação de tais práticas na igreja contemporânea.<sup>320</sup>

Existe quem entenda que quaisquer ocorrência ditas sobrenaturais são espúrias e destoantes da fé reformada. O termino de alguns ofícios, bem como a finalização do cânon, determinam o fim da era dos milagres. A afirmação reformada "Somente a Escritura" significa que, hoje, Deus não fala, absolutamente, por mais nenhum meio senão as palavras impressas na Bíblia Sagrada.<sup>321</sup>

Nos primeiros séculos do cristianismo, período denominado Era Patrística, os Pais Apostólicos mencionaram relatos de manifestações miraculosas. Justino o Mártir escreveu por volta de 153 d. C. na sua *Segunda Apologia* que a prática de curas e exorcismo pelos cristãos surtiam mais efeito que os praticados pelos sacerdotes de outras religiões. No ano de 150 aproximadamente, Justino o Mártir fundou em Roma uma escola de treinamento e discipulado para os cristãos que funcionava numa casa, onde ocorriam "sinais e maravilhas". Irineu, bispo de Lião, viveu entre 140 e 203 d. C. e ensinou que a experiência com os dons do Espírito Santo deveria representar um elemento fundamental na vida do cristão. Irineu também reconheceu que alguns gnósticos manipulavam supostos dons com o objetivo de enganar os verdadeiros cristãos, tendo-os advertido na coletânea *Contra as Heresias*. Eusébio, o historiador da Igreja primitiva, cita Irineu:<sup>322</sup>

Segundo o que se ouve, muitos dos irmãos da Igreja possuem dons proféticos e falam em todas as línguas através do Espírito. Outros também trazem à luz os segredos dos homens para o próprio benefício deles e expõem os mistérios de Deus.<sup>323</sup>

<sup>320</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. *O culto espiritual: Um Estudo em 1 Coríntios Sobre Questões Atuais e Diretrizes Bíblicas para o Culto Cristão*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, pág 174-177

<sup>321</sup> NASCIMENTO, Misael Batista do. *Cristão Frutífero*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.pág 54-59.

<sup>322</sup> MAHONEY, Ralph. *O Cajado do Pastor*. São Francisco: World MAP, 2006.p. 24-28.

<sup>323</sup> CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. 326 d.C. p. 186-187.In: O Cajado do Pastor. MAHONEY, Ralph. Sao Francisco: World MAP. 3 ed. 2006, p. 24-28.

O montanismo é o primeiro grupo entusiasta na História da Igreja. Eles surgiram entre 120 d.C. e 160 d.C. na região da Frígia, hoje parte central oeste da Turquia, liderados por Montano. O montanismo surgiu quando Montano se disse possuído pelo Espírito Santo e em transe fundou o movimento através de revelações proféticas. Os montanistas levavam uma vida ascética, praticavam a glossolalia, buscavam o martírio, defendiam o sacerdócio universal dos crentes, esperavam ansiosamente o Milênio.<sup>324</sup> O montanismo, segundo o professor e pastor Congregacional John Seldon Whale, “é o exemplo clássico de um tipo de seita destinada a reaparecer constantemente na história da Igreja desde aqueles dias até hoje”.<sup>325</sup>

Tertuliano (160 -220), Novaciano de Roma (210-280), Antônio o eremita (251-356), Hilário de Alexandria (291-371), Ambrósio bispo de Milão (339-397) e Gregório de Tours (538-594) narraram manifestações com os dons do Espírito Santo entre os cristãos da Igreja Primitiva. O mais famoso teólogo do período patrístico, Agostinho de Hipona, 354 a 430 d. C., escreveu opondo-se tanto ao extremismo dos montanistas quanto ao radicalismo dos cessacionistas.<sup>326</sup>

Contesta-se às vezes que os milagres, que os cristãos afirmavam ter ocorrido, não acontecem mais. A verdade é que até mesmo hoje em dia os milagres estão sendo operados no Nome de Cristo, às vezes por meio dos Seus sacramentos, e, às vezes, pela intercessão dos Seus santos.<sup>327</sup>

Na Idade Média, relatos de curas e experiências miraculosas foram registrados tanto entre os que foram considerados hereges pela Igreja quanto por aqueles que a cristandade beatificou e alçou à categoria de santos. Francisco de Assis é o caso mais notório desse período, mas não o único relatado pelas crônicas da Igreja Romana. Clarividência e dons de profecia eram comuns entre os espiritualistas medievais. Vicente Ferrer (1340-1419), foi um pregador dominicano, após uma visão, se sentiu comissionado a sair para pregar sobre arrependimento e o Juízo de Deus. Muitos acreditavam que ele falava outras línguas. Colette de Corbi viveu entre 1381 e 1447 e foi canonizada em 1807. A ela se atribuem milagres ainda em vida, reconhecidos pela Igreja Católica.

<sup>324</sup> WALTON, Robert C. *História da Igreja em Quadros*. São Paulo: Vida. 2000. p. 20.

<sup>325</sup> WHALE, John Seldon. *The Protestant Tradition: An essay in Interpretation*. Cambridge: University Press, 1955, p. 209.

<sup>326</sup> MAHONEY, 2006, p. 24-28.

<sup>327</sup> HIPONA, Agostinho. *A Cidade de Deus*. Livro 22, Cap. 28.

Os Quakers, movimento herdeiro do puritanismo inglês fundado por George Fox em 1640, receberam esse nome por serem pessoas que se reuniam esperando que o Espírito Santo falasse através delas; na medida em que percebiam o sobrenatural durante os cultos elas começavam a tremer. Quaker em inglês significa aquele que treme.<sup>328</sup>

No ano de 1648, eu estava sentado na casa de um amigo em Nottinghamshire. Eu vi que havia uma grande fenda que deveria percorrer toda a terra dos corações das pessoas, a qual deveria ser sacudida antes que a semente de Deus pudesse ser levantada para fora da terra. E foi assim que aconteceu, pois o poder do Senhor começou a sacudi-las e começamos a ter grandes reuniões, e houve dentre o povo um tremendo poder e obra de Deus, para espanto do povo, como também dos sacerdotes.<sup>329</sup>

Em 1722 um grupo de cristãos protestantes buscou refúgio em Herrnhut, Morávia, nas propriedades do jovem conde Nicolaus Ludwig Von Zinzendorf. Os cristãos morávios, continuadores dos ensinamentos de John Huss, destacaram-se pelo pietismo, zelo missionário e por terem influenciado diretamente John Wesley, o pai do metodismo. Em suas longas e avivadas reuniões são encontrados relatos de manifestações miraculosas.

Descobrimos nisto o dedo de Deus e nos encontramos, por assim dizer, batizados sob a nuvem dos nossos pais, como espírito deles. Pois este *espírito* veio sobre nós e grandes sinais e maravilhas foram operados no meio dos Irmãos naqueles dias, e uma grande graça prevaleceu em nosso meio e em todo o país.<sup>330</sup>

Experiências místicas sempre estiveram presentes na História da Cristandade, através de grupos minoritários. O diferencial do movimento da Rua Azuza foi a construção de um sistema teológico pautado na Doutrina do Batismo com o Espírito Santo com a evidência do falar em línguas. Até o início do século passado não existia nenhuma igreja com a doutrina pentecostal do Batismo com o Espírito Santo com a evidência no falar em línguas. Os pneumáticos são ancestrais ao movimento pentecostal apenas no aspecto do emocionalismo e do entusiasmo. É o século XX que inaugura o movimento pentecostal.

<sup>328</sup> MAHONEY, 2006, p. 35.

<sup>329</sup> FOX, Jorge. *Diário de Jorge Fox*. Disponível em: <<http://institutoalma.org/Literatura/DiarioJorgeFox.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2013.

<sup>330</sup> MAHONEY, 2006, p. 36.

### 3.1.2 Os inícios do reavivamento pentecostal moderno

O movimento pentecostal tem como marcos históricos os acontecimentos ocorridos em 1901 em Topeka, Kansas e em 1906 na Rua Azusa, em Los Angeles, Califórnia, ambos nos Estados Unidos. Na madrugada de 01 de janeiro de 1901 nas dependências do Seminário Betel, conhecido como castelo de pedras, a aluna Agnes N. Ozman teve a experiência de falar em línguas após uma reunião de oração onde ela havia buscado o batismo com o Espírito Santo. Agnes não é mencionada na história como a primeira pessoa a vivenciar a glossolalia em tempos modernos, mas ela foi o primeiro registro de associação da prática de falar em outras línguas após buscar o batismo com o Espírito Santo como uma segunda bênção subsequente à conversão. A partir daí os crentes pentecostais passaram a ensinar que o batismo no Espírito Santo deveria ser buscado e que seria recebido com a evidência de falar outras línguas.<sup>331</sup>

Foi enquanto suas mãos (Charles Perham) foram postas na minha cabeça que o Espírito Santo caiu sobre mim e comecei a falar em línguas, glorificando a Deus. Falei várias línguas, e ficava claramente manifesto quando um novo dialeto era falado. Fui a primeira a falar em línguas na escola bíblica... Disse-lhes que deviam buscar, não as línguas, mas, sim o Espírito Santo.<sup>332</sup>

No Seminário Betel estudava o pregador negro Willian J. Seymour. Devido ao seu relacionamento com várias denominações em Los Angeles, Seymour tornou-se figura chave do movimento na Rua Azusa. Foi uma época de grandes transformações sociais, os Estados Unidos estavam se transformando de país agrícola em país industrial. Los Angeles possuía 228.298 habitantes e recebia uma constante orda de imigrantes e pessoas do campo em busca de trabalho nas fábricas e nos comércios. Os ventos da incerteza sopravam na sociedade americana. Seymour, de origem metodista, influenciado pelo movimento de santificação e aluno de Charles Pernham um professor que enfatizava a busca pelo dom de línguas e milagres, foi o catalisador entre a experiência pentecostal seminal de Agnes Ozman e o Reavivamento Pentecostal Moderno.<sup>333</sup>

<sup>331</sup> BRUNER, 1989, p. 96.

<sup>332</sup> SYNAN, Vinson. O Movimento da Santidade Pentecostal nos Estados Unidos. 2. ed. Cambridge: Grand Rapids, 1997, p. 111.

<sup>333</sup> BRUNER, 1989, p. 35.

Um pregador de Santidade, homem de cor chamado W.J. Seymour... aceitou a mensagem pentecostal... e foi convidado a dirigir uma reunião (numa pequena assembléia nazarena em Los Angeles). Seymour chegou ali e começou a pregar sobre a doutrina pentecostal. O resultado foi severa crítica, e a reunião foi suspensa. Alguns batistas convidaram Seymour a pregar no seu lar na rua North BonnieBraen n° 214. Ali, em 9 de abril de 1906, começou um reavivamento pentecostal com as manifestações que caracterizavam as do oeste central. O grupo ali aumentou e, para acomodar as multidões, uma ex-igreja metodista, situada na ruaAzuzu n° 312, foi procurada para as reuniões.<sup>334</sup>

As reuniões sempre eram marcadas por manifestações espirituais, onde a busca do Batismo com Espírito Santo era a tônica dos cultos. O recebimento só poderia ser comprovado mediante a glossolalia. Estava marcada a linha divisória entre o movimento pentecostal e os outros avivamentos e ministérios de santidade surgidos no século XIX, que buscavam a plenitude do Espírito Santo sem a exigência de manifestações. Os movimentos de Santificação ou Holiness eram herdeiros direto do metodismo de John Wesley do século XVIII e tinham como caráter distintivo ensinar que numa segunda obra na vida do crente o Espírito Santo remove o pecado original e ele alcança um ponto em que deixa de pecar deliberadamente contra Deus, baseando-se em Mateus 5.48; 6.13 e João 3.8.<sup>335</sup>

Este movimento foi quase exclusivamente um fenômeno metodista, dirigido por metodistas, e apelando principalmente a metodistas. A doutrina da vida superior é historicamente apenas uma modificação da doutrina Wesleyana da "Perfeição Cristã", e os métodos evangelísticos empregados por ele e transmitidos para o Movimento da Comunhão foram historicamente derivados da prática metodista.<sup>336</sup>

A partir do movimento da Rua Azuzu começa a ser construída a teologia do Batismo com o Espírito Santo como uma segunda bênção distinta da conversão e com a evidência no falar outras línguas. Como esse ensino não nasceu nas cátedras universitárias nem nos círculos teológicos renomados da época, mas numa aglomeração de pessoas na maioria pobres, mulheres, negros e imigrantes, ele foi prontamente rechaçado. O pentecostalismo nasce pobre, não para os pobres, daí a rápida identificação com as camadas menos favorecidas.<sup>337</sup>

<sup>334</sup> FISCHER, Progresso f theVariousModern Pentecostal Movement. p. 16.In BRUNER, Frederick Dale.Teologia do Espírito Santo. São Paulo: Vida Nova, 1989. p. 15.

<sup>335</sup> HOUSE, Wayne H. Teologia Crista em Quadros. São Paulo: Vida, 1999.

<sup>336</sup> FISCHER, Progresso f theVariousModern Pentecostal Movement. p. 16.In BRUNER, Frederick Dale.Teologia do Espírito Santo. São Paulo: Vida Nova, 1989. p. 16.

<sup>337</sup> SOUZA, 2004, p. 25.



A fusão entre a Doutrina do batismo com o Espírito Santo com o falar em outras línguas inaugura o movimento pentecostal. Os cultos realizados na Rua Azusa tiveram repercussão em outras cidades norte-americanas e em outros países. A Igreja de Seymour era predominantemente negra e com grande participação feminina. Observadores ficaram atônicos diante de uma nova linguagem sem códigos compreensíveis, gestos e expressões grotescas e histéricas, mas também demonstraram surpresa ao perceberem num país como os Estados Unidos, segregacionista, uma reunião religiosa liderada por negros e brancos, homens e mulheres, sem distinção. O jornal *The Los Angeles Time*, publicou em 18 de abril de 1906 um artigo intitulado “Uma babel estranha de línguas”.<sup>338</sup>

Cultos são realizados num barracão em Azusa Street e os devotos da doutrina esquisita praticam os ritos dos mais fanáticos, e pregam as teorias mais extravagantes para atingir um estado de emocionalismo e zelo. Gente de cor e alguns brancos formam a congregação, e o silêncio da noite é rompido pelos gritos que enchem a vizinhança. Despendem horas em oração e súplicas. Dizem eles que possuem o “dom de línguas” e podem compreender essa babel.<sup>339</sup>

O barracão na Rua Azusa serviu apenas como centro transmissor do pentecostalismo, durante três anos as reuniões continuaram sem cessar. A denominação inaugurada por Seymour nesse barracão foi denominada Missão da Fé Apostólica. No ano de 1906 as reuniões eram realizadas diariamente com uma frequência entre 300 e 1500 pessoas, mas com o passar dos anos o núcleo base dessa comunidade afro-americana oscilava entre 50 a 60 pessoas. Nos anos de 1913 o barracão já havia perdido proeminência entre o movimento pentecostal.

A mídia perdeu gradativamente o interesse nos relatos sobrenaturais, pastores de igrejas históricas orientaram seus membros a se afastarem dos pentecostais. Seymour e sua esposa Jennie Moore continuaram como pastores da Missão. Seymour faleceu em 28 de setembro de 1922, Jennie liderou a igreja até 1931, quando a congregação perdeu o prédio. O prédio foi demolido, em seu lugar foi edificado um edifício que abriga atualmente o Centro Nipo-americano de Los Angeles.<sup>340</sup>

<sup>338</sup> SILVA, José Apolônio. *Grandes Perguntas Pentecostais*. 2. ed. CPAD: Rio de Janeiro. 2004. p. 9.

<sup>339</sup> BENTHO, Esdras Costa. Ponto de Contato. *Lições Bíblicas: As Doutrinas Bíblicas Pentecostais*, Rio de Janeiro: CPAD, p. 51, abril - jun. 2006.

<sup>340</sup> NEWMANN, Richard; TINNEY, James S.. *Black Apostles: Afro-American Clergy Confront the Twentieth Century*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Reavivamento\\_da\\_Rua\\_Azusa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Reavivamento_da_Rua_Azusa)>.

### 3.1.3 Pentecostalismos no Brasil

Dois imigrantes suecos e um ítalo-americano foram os pioneiros do pentecostalismo no Brasil. Daniel Berg, Gunnar Vingren e Louis Francescon converteram-se à doutrina pentecostal depois que frequentaram os cultos na Rua Azuza. O pentecostalismo chegou ao Brasil quando o protestantismo já estava estabelecido no país, mas ainda representava uma parcela ínfima da população brasileira. A Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil são as duas maiores expressões do movimento pentecostal clássico no país. Outras denominações menores foram criadas, mas não alcançaram grande visibilidade no cenário religioso brasileiro. A Congregação Cristã no Brasil foi fundada na cidade de São Paulo pelo presbiteriano Louis Francescon e se expandiu inicialmente no sul e sudeste, tendo sido a segunda maior denominação pentecostal do Brasil até os anos 90.<sup>341</sup>

A Assembleia de Deus foi fundada em 1911 em Belém do Pará pelos missionários suecos batistas Daniel Berg e Gunnar Vingren. Eles e mais 17 membros da Igreja Batista de Belém fundaram a Missão Apostólica da Fé, nome da Igreja onde começou o movimento da Rua Azuza, após terem sido expulsos daquela. Em 1914 a Assembleia de Deus foi fundada nos Estados Unidos e em 1918 o trabalho passou a chamar-se Assembleia de Deus. A partir da década de 1930 os missionários suecos começaram a ser substituídos por lideranças nacionais, majoritariamente das regiões Norte e Nordeste do país.<sup>342</sup>

A principal característica do movimento pentecostal clássico é a fusão da Doutrina do Batismo no Espírito Santo com o dom de línguas. Devido à herança direta dos movimentos de santificação do século XIX, os pentecostais adotaram rígidos padrões comportamentais, interpretados como evidência de conversão e condição necessária para a habitação do Espírito Santo na vida da pessoa. Paul Freston afirma que essas proibições também representavam proteção e segurança para os pentecostais das camadas mais humildes. A ascensão social da população brasileira e a Teologia da Prosperidade têm desqualificado certos tabus nas Assembleias de Deus, como necessários para alcançar a vida eterna.<sup>343</sup>

---

<sup>341</sup> CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 375.

<sup>342</sup> CAIRNS, 1995, p. 375.

<sup>343</sup> FRESTON, 1996, p. 27.

O Neopentecostalismo chega ao Brasil na década de 1940, no pós-guerra através da Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada por Aimee Semple McPherson em 1927. A Igreja do Evangelho Quadrangular é uma remanescente do movimento pentecostal clássico, mas no Brasil está classificada como igreja neopentecostal por apresentar uma forma suave de pregar a mensagem pentecostal.<sup>344</sup>

Em 1955 o pedreiro Manoel de Melo fundou a primeira grande denominação genuinamente brasileira, a Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil para Cristo. Manoel de Melo foi pioneiro entre os pentecostais em programas de rádio, eventos em estádios de futebol e a utilização de espaços públicos para a pregação. Manoel de Melo foi pioneiro entre os líderes evangélicos no combate à Ditadura Militar.<sup>345</sup>

O neopentecostalismo possui características distintas do pentecostalismo clássico. A evidência do batismo com o Espírito Santo como segunda bênção é mantida, mas a evidência do falar em línguas é relativizada. Se no pentecostalismo clássico os dons espirituais mais procurados eram: falar em línguas, profecia, revelação e a da palavra, os neopentecostais valorizam as curas e o exorcismo. Agora é possível ser pentecostal sem restrições comportamentais, exceto na Igreja Deus é Amor, que supera as demais igrejas pentecostais clássicas em proibições.<sup>346</sup>

O movimento pentecostal penetra nas igrejas tradicionais causando divisões por manter a proposta de levar renovação para dentro das igrejas cristãs. Todas as denominações históricas sofrem cisões causadas pelo movimento de renovação pentecostal. Nesse período são organizadas a Convenção Batista Nacional, a Igreja Batista Independente, a Igreja Presbiteriana Renovada, a Igreja Metodista Wesleyana, a Igreja Congregacional Independente, dentre outras.

No Brasil, merece destaque a Igreja de Nova Vida, criada em 1960 no Rio de Janeiro pelo pastor metodista canadense Roberto McAlister, que direciona seus esforços evangelísticos para uma camada da população brasileira que ainda tinha aversão aos evangélicos, a classe média. Da Igreja Pentecostal de Nova Vida saíram os três fundadores das denominações mais significativas do movimento neopentecostal da segunda onda: O bispo Edir Macedo, o missionário R.R. Soares e o apóstolo Miguel Ângelo.

---

<sup>344</sup> FRESTON, 1996, p. 31.

<sup>345</sup> FRESTON, 1996, p. 33.

<sup>346</sup> FRESTON, 1996, p. 34.

No início da década ganha as manchetes dos jornais e das revistas um novo tipo de pentecostalismo. Os pioneiros desse tipo de pentecostalismo mais milagreiro e agressivo são: Edir Macedo Bezerra, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus; Romildo Ribeiro Soares pai da Igreja Internacional da Graça e o angolano radicado no Brasil Miguel Ângelo da Silva Ferreira, criador da Igreja Cristo Vive. Compartilham alguns pontos em comum: são oriundos da Igreja de Nova Vida, os dois primeiros são cunhados e juntos fundaram a IURD em 1977, são televangelistas, empresários e detém o controle total de suas respectivas denominações.<sup>347</sup>

A Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça continuam mantendo grande visibilidade na mídia e no cenário religioso brasileiro; a Igreja Cristo Vive tem perdido espaço na mídia e no número de fiéis. Outras denominações surgiram a partir dessa proposta de neopentecostalismo pautada na satisfação pessoal dos fiéis e na materialização da fé: Sara nossa Terra, Renascer em Cristo, mas nenhuma tem alcançado tanta repercussão quanto a Igreja Mundial do Poder de Deus, liderada pelo apóstolo Valdomiro Santiago, que pode ser definido como uma versão atualizada do missionário David Miranda, fundador da Igreja Deus é Amor. Valdomiro, ex-pastor da IURD promove campanhas onde desenvolve o dom de cura de maneira explícita e enfática.<sup>348</sup>

Esse pentecostalismo adota um discurso mais agressivo contra católicos e espíritas, mas utiliza elementos católicos e das religiões afro-brasileiras como artifício para o proselitismo. A televisão é o veículo de comunicação por excelência, a organização eclesial é hierarquizada e centralizada na figura do líder, a formação teológica é pobre, a Teologia da Prosperidade é aplicada, não há membresia, nem vida congregacional, o relacionamento entre o fiel e Deus é pautado pelo clientelismo, a teologia pentecostal clássica é descartada ou até combatida no caso da IURD. Há uma leitura veterotestamentária e pragmática dos relatos bíblicos, o presentismo é a lógica nas pregações. O movimento neopentecostal da 2ª Onda inicia um processo de despentecostalização no Brasil a partir de 1977. A IURD é, pois, uma igreja episcopal, de necessidades, tipo mercado, supermercado.

---

<sup>347</sup>DREHER, Martin N. *A Igreja latino-americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 244.

<sup>348</sup>DREHER, 1999, p. 245.

### 3.2 Adolescentes e um contexto pentecostal – pesquisa social

Partindo do pressuposto de que a pesquisa é produzida discursivamente e que os conjuntos e as práticas a serem analisados e problematizados perpassam o pesquisador, o presente trabalho foi capturado pela antropologia investigativa que defende que o importante é aprofundar a busca pelas particularidades e que não se estudam as aldeias, mas nas aldeias<sup>349</sup>.

João Freire Filho entende a *adolescência* como um conceito complexo e instável, definido pelas formações discursivas que circulam, colidem e se articulam num determinado tempo e espaço, produzindo conhecimentos, verdades, sobre o que constitui os adolescentes e como devemos interpretá-los e interpelá-los. Portanto, é uma construção marcada por um conjunto de condições históricas, econômicas, sociais e culturais que imprimem determinadas características, marcas e direções na produção de subjetividades adolescentes.<sup>350</sup>

Trata-se de uma série de investimentos de práticas culturais e discursivas que visam constituir os sujeitos adolescentes, interpelando-os a se produzirem conforme parâmetros de normalidade estabelecidos pelos discursos religiosos, pautados nas interpretações das Escrituras Sagradas. No entanto, há uma tensão entre a vontade disciplinante e a multiplicidade de formas de ser adolescente na contemporaneidade, permitindo que outras interpretações sobre o texto-fonte, a Bíblia, propiciem a emergência de adolescentes que escapam às tutelas institucionais.

Diante de um conceito escorregadio em que se situa o conceito/condição da adolescência em tempos de *liquidez*,<sup>351</sup> a pesquisa propõe-se a problematizar essa fase da vida nos espaços religiosos fundamentalistas, sendo mais específico, na Igreja Batista Conservadora, que evoca um pertencimento ao pentecostalismo clássico do início do século passado. O que é ser adolescente dentro de uma instituição pentecostal? Como é viver a adolescência na Igreja Batista Conservadora?

---

<sup>349</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. p.13.

<sup>350</sup> FREIRE FILHO, João. Formas e normas da adolescência e da juventude na mídia. In: FREIRE FILHO, João; VAZ, Paulo (orgs.). *Construções do tempo e do outro: representações e discursos midiáticos sobre a alteridade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

<sup>351</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p.5.

### 3.2.1 Metodologia e procedimentos para coleta de dados

Esta é uma pesquisa social de ordem qualitativa. Após a aprovação do presente projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdades EST, obteve-se então consentimento para dar início à pesquisa. A pesquisa teve início com visitas à Igreja Batista Conservadora, onde foi utilizado o método observação-participante no ambiente da pesquisa e limitei o meu contato com os adolescentes fieis da igreja a conversas informais, coletando artefatos circulantes, imagens de eventos e lugares relacionados aos adolescentes.

Entre os meses de novembro a março realizei observação nos espaços a serem analisados. A observação-participante é o processo pelo qual se mantém a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. Como observador, estive em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, realizei a coleta de dados através do diário de campo e da aquisição da mídia denominacional. “Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto.”<sup>352</sup>

A partir da autorização do responsável pela igreja, continuei a observação dos espaços ocupados pelos adolescentes da Igreja Batista Conservadora e a análise de material no contexto em que eles estão inseridos através de um roteiro de diário de campo. Lancei-me a observar o comportamento natural dos adolescentes e os fenômenos sociais presentes nessa realidade. De acordo com Hughes, os principais motivos para manter um diário de pesquisa são os seguintes:

- Gerar a história do projeto, o pensamento do pesquisador e o processo de pesquisa.
- Fornecer material para reflexão.
- Proporcionar dados para a pesquisa.
- Registrar o desenvolvimento dos conhecimentos de pesquisa adquiridos pelo investigador.<sup>353</sup>

O diário contém informações sobre o pesquisador, o que ele faz e o processo da pesquisa. É importante escrever regularmente. Vale à pena dividir o diário com

---

<sup>352</sup> SCHWARTZ & SCHWARTZ, 1993 apud DIAS, Cláudia. *Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas*. Nov. 1999. 16p.

<sup>353</sup> HUGHES, Irwing. *How to keep a research diary*. ActionResearch E-Reports, 5. Disponível em: <<http://casino.cchs.usyd.edu.au/arow/ar/report/005.htm>>. Acesso em 12 de jul. 2012.

diversas chamadas: Reflexão, planejamento, ação, observação, etc. Não existem normas de estilo ou linguagem. De acordo com Hughes, o diário pode incluir um resumo dos acontecimentos do dia, conversações, discussões, questões a serem aprofundadas, observações, pensamentos, planos, etc. Assim, o conteúdo do diário inclui as idéias do pesquisador e o seu desenvolvimento.<sup>354</sup>

Sobre os espaços a serem analisados e suas formas de investigação, destaquei algumas possibilidades a serem pensadas: as “Escolas Bíblicas Dominicais”, os corais, os grupos de dança e louvor, os seminários, os encontros de jovens fora da igreja, as agregações nas ruas, na Internet, nos shows de bandas.

Uma segunda coleta de dados foi realizada através de um questionário preparado inicialmente a cinquenta adolescentes entre 12 e 17 anos da Igreja Batista Conservadora, tendo sido aplicado durante os meses de novembro e dezembro, com a autorização prévia do responsável pela Igreja dos adolescentes entrevistados, para apenas dezesseis adolescentes. A ausência de adolescentes na instituição é um dado a ser coletado, assim como a indefinição do sujeito adolescente neste contexto religioso.

A convocação para a aplicação do questionário com os adolescentes da Igreja Batista Conservadora foi feita duas semana antes, no púlpito do templo pelo pastor da igreja. O questionário foi aplicado individualmente aos adolescentes após o período da Escola Bíblica Dominical com a autorização dos pais e do pastor responsável. Os critérios de escolha e de exclusão dos adolescentes foi a faixa etária: entre 12 e 17 anos; e que sejam integrantes de algum departamento da igreja, frequentem a Escola Bíblica Dominical, podendo ser batizados ou não. Adolescentes visitantes sem nenhum vínculo com a denominação não puderam fazer parte da pesquisa.

A partir da aplicação do questionário nos meses de novembro e dezembro realizei a sistematização dos dados e iniciei o terceiro capítulo do projeto que pesquisa o Pentecostalismo e a sua relação com o fundamentalismo e as manifestações culturais que são produzidas no contexto dos adolescentes pentecostais gaúchos. Na pesquisa, a consistência pode ser checada por meio de exame detalhado da literatura da Igreja Batista Conservadora e comparando os achados ou observações com aqueles da literatura acadêmica.

---

<sup>354</sup> HUGHES, Irwing. *How to keep a research diary*. Action Research E-Reports, 5. (<http://casino.cchs.usyd.edu.au/arow/ar/report/005.htm>)

### 3.2.2 Sistematização e análise dos dados obtidos

Os tipos de sistematização dos dados relacionam-se diretamente com as formas ou instrumentos/meios usados para sua obtenção. Os registros e as sistematizações dão origem à elaboração propriamente dita do diagnóstico. O delineamento esteve focado na pesquisa social. Os dados que foram obtidos por meio de questionário, que segundo Richardson cumpre duas funções: descreve características e descreve variáveis no grupo<sup>355</sup>, implicam basicamente na sua tabulação e na análise do seu conteúdo, reservando especial atenção à forma de apresentação desses dados através de tabelas. Para a sistematização, foram elaboradas tabelas por eixo conceitual na qual são aglutinadas as respostas de todos os questionários. Houve uma questão aberta no questionário a qual terá suas respostas transcritas de forma literal. A tabulação e a análise dos resultados será feita com base em dois critérios: os nascidos num lar evangélico e que os que não nasceram, mas foram trazidos posteriormente.

A análise dos dados envolve o processo de ordenação dos dados, organizando-os em padrões (adolescentes entre 12 a 17 anos membros ou congregados numa igreja batista conservadora no Estado do Rio Grande do Sul) categorias (adolescente e vida religiosa), unidades básicas descritivas (família, igreja, mídia, mundo *gospel*). A interpretação envolve a atribuição de significado à análise, explicando os padrões encontrados e procurando por relacionamentos entre as dimensões descritivas.<sup>356</sup>

A observação ocorreu seguindo o cronograma. O estabelecimento de vínculos de amizade revelou, de parte do pesquisador, interesse e respeito com a Igreja Batista Conservadora e com os membros da igreja local. A inserção do pesquisador no ambiente a ser pesquisado, disponibilizou impressões significativas sobre esse contexto. Foram coletados materiais informativos da denominação, bem como foram observadas as práticas litúrgicas, princípios doutrinários e o *modus vivendi* da comunidade. A observação revelou-se um momento rico e único na pesquisa. Não se trata apenas de uma decifração de símbolos e códigos de conduta, mas é se tornar um co-autor através da subjetividade do pesquisador.<sup>357</sup>

---

<sup>355</sup> RICHARDSON, Robert Jarry . *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, p.224.

<sup>356</sup> PATTON, Michael Q. *Qualitative evaluation methods*. Beverly Hills, CA: Sage, 1980. 381p.

<sup>357</sup> BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 3.



### 3.2.3 Do questionário

Conceito 1: Você e sua família - respostas de quem nasceu num lar evangélico:

1. Você nasceu em um lar evangélico?	Sim 11	Não 0					
2. Se a resposta for afirmativa foi não, há quanto tempo você está na igreja?	1-3 anos 0	4-6 anos 0	7-9 anos 0	10-12 anos 0	13-15 anos 0		
3. Qual é a religião dos seus pais?	A mesma igreja 11	Outra Igreja Evangélica 0	Católica 0	Espírita 0	Religiões afro-brasileiras 0	Outra religião 0	Nenhuma específica 0
4. Você considera a família importante?	Sim 11	Não 0					

Pergunta cinco do item um, resposta discursiva - Explique:

Entrevistado 1: Porque com eles (os pais), a gente aprende tudo. Eles nos ensinam, nos educam.

Entrevistado 2: Porque é com eles que eu vivo.

Entrevistado 3: Porque eles me ensinaram a seguir o caminho correto.

Entrevistado 4: Porque sem ela eu não teria nascido.

Entrevistado 5: Porque eles nos ensinam e nos dão educação.

Entrevistado 6: Porque a gente precisa dela.

Entrevistado 7: Porque ela é boa.

Entrevistado 8: Porque é um porto seguro, é o meu alicerce.

Entrevistado 9: Na educação, no aprendizado, para aprender os caminhos de Deus, receber conselhos.

Entrevistado 10: Porque é tudo. Existe amor, carinho, tudo.

Entrevistado 11: Só considero importante. A família é tudo.

Conceito 1: Você e sua família - respostas de quem não nasceu num lar evangélico:

1. Você nasceu em um lar evangélico?	Sim 0	Não 5					
2. Se a resposta for afirmativa foi não, há quanto tempo você está na igreja?	1-3 anos 4	4-6 anos 1	7-9 anos 0	10-12 anos 0	13-15 anos 0		
3. Qual é a religião dos seus pais?	A mesma igreja 2	Outra Igreja Evangélica 0	Católica 0	Espírita 0	Religiões afro-brasileiras 0	Outra religião 0	Nenhuma específica 3
4. Você considera a família importante?	Sim 5	Não 0					

Pergunta cinco do item um, resposta discursiva - Explique:

Entrevistado 1: Ela nos dá amor, carinho, atenção.

Entrevistado 2: Porque ela é boa.

Entrevistado 3: Porque ela é boa pra gente.

Entrevistado 4: Porque sem ela eu não teria nascido.

Entrevistado 5: Porque sem ela eu não existiria.

Reflexão: A maioria dos adolescentes da Igreja Batista Conservadora são nascidos em um lar evangélico, sendo majoritariamente filhos de membros da igreja. Isso revela um crescimento vegetativo da denominação por conta predominante de filhos e netos de membros da igreja. O crescimento através de novos membros oriundos de outras religiões e o aumento numérico através da rotatividade entre os evangélicos não são acentuados na Igreja Batista Conservadora. Aqueles que não nasceram em um lar de origem evangélica têm os pais também na mesma igreja ou não sabem especificar a religiosidade da família. Instituições religiosas se têm fiado apenas nas taxas de natalidade entre sua membresia, estarão comprometidas, pois atualmente o número de nascimentos entre a população brasileira não é capaz de produzir um crescimento demográfico explosivo, ao contrário, caminha para a estabilização e até no futuro para um decréscimo populacional do país.

Conceito 2: Você e sua vida denominacional - respostas de quem nasceu num lar evangélico:

4. Você se considera uma pessoa convertida ?	Sim 10	Não 0	Não soube responder 1
5. Você é batizado nas águas?	Sim 6	Não 5	
6. Você é batizado com o Espírito Santo?	Sim 3	Não 8	

Conceito 2: Você e sua vida denominacional - respostas de quem não nasceu num lar evangélico:

4. Você se considera uma pessoa convertida ?	Sim 5	Não 0
5. Você é batizado nas águas?	Sim 2	Não 3
6. Você é batizado com o Espírito Santo?	Sim 2	Não 3

Reflexão: A maioria dos adolescentes da Igreja Batista Conservadora consideram-se convertidos. O batismo nas águas é praticado com mais frequência durante a adolescência entre aqueles que são nascidos num lar evangélico. O batismo assume o papel de ritual de passagem. Só a partir do batismo nas águas é que o adolescente passa a ser contado como membro da igreja. Sendo batizado ele pode votar e ser votado na comunidade para exercer alguma função na igreja. Menos da metade dos adolescentes teve a experiência do batismo com o Espírito Santo com a evidência de falar em outras línguas. Essa informação denota o processo de despentecostalização que as igrejas pentecostais clássicas vêm sofrendo desde a predominância das igrejas neopentecostais no Brasil. A maior incidência de experiências pentecostais entre jovens cuja família é oriunda de outras denominações aponta uma acomodação das famílias batistas conservadoras a respeito da doutrina pentecostal.

Conceito 3: Você e sua Vida Cristã - respostas de quem nasceu em um lar evangélico:

9. Você lê a Bíblia	Sim 11	Não 0		
10. Com que frequência?	Raramente 1	Às vezes 8	Muitas vezes 2	Sempre 0
11. Você assiste a Escola Bíblica Dominical?	Sim 9	Não 2		
12. Com que frequência?	Raramente 0	Às vezes 4	Muitas vezes 2	Sempre 3
13. Você assiste aos cultos durante a semana?	Sim 5	Não 6		
14. Com que frequência?	Raramente 0	Às vezes 3	Muitas vezes 1	Sempre 1
15. Você ora em casa?	Sim 10	Não 1		
16. Com que frequência?	Raramente 0	Às vezes 6	Muitas vezes 3	Sempre 1

Conceito 3: Você e sua Vida Cristã - respostas de quem não nasceu em um lar evangélico:

9. Você lê a Bíblia	Sim 5	Não 0		
10. Com que frequência?	Raramente 0	Às vezes 4	Muitas vezes 0	Sempre 1
11. Você assiste a Escola Bíblica Dominical?	Sim 5	Não 0		
12. Com que frequência?	Raramente 0	Às vezes 4	Muitas vezes 0	Sempre 1
13. Você assiste aos cultos durante a semana?	Sim 3	Não 2		
14. Com que frequência?	Raramente 1	Às vezes 1	Muitas vezes 0	Sempre 1
15. Você ora em casa?	Sim 5	Não 0		
16. Com que frequência?	Raramente 0	Às vezes 3	Muitas vezes 1	Sempre 1

Reflexão: Todos os adolescentes entrevistados afirmam que leem a Bíblia, mas com baixa frequência. A maioria dos entrevistados assiste à Escola Bíblica Dominical com pouca regularidade. A frequência nos cultos durante a semana é assistida apenas pela metade. Apenas um adolescente mencionou não orar em casa, a maioria conversa às vezes com Deus. A vida cristã dos adolescentes entrevistados reflete um grau de apatia com a rotina cristã propalada no púlpito da igreja. Elementos como oração, leitura da Bíblia, frequências nos cultos e reuniões são vivenciados com baixa intensidade pelos adolescentes na pesquisa.

O modelo de vida cristã idealizado pela Igreja Batista Conservadora ainda não conseguiu se tornar relevante para os adolescentes entrevistados. Os adolescentes não possuem um espaço regular no templo para que possam desenvolver uma cultura adolescente. A vida cristã é vivenciada nos moldes do mundo dos adultos. A rotina é entediante para os adolescentes.

Conceito 4: Você e a Mídia - respostas de quem nasceu em um lar evangélico:

17. Você possui celular?	Sim 9	Não 2		
18. Você assiste televisão?	Sim 7	Não 4		
19. Com que frequência?	Raramente 0	Às vezes 2	Muitas vezes 5	Sempre 0
20. Você usa a internet?	Sim 5	Não 6		
21. Com que frequência?	Raramente 0	Às vezes 2	Muitas vezes 3	Sempre 0
22. Você tem e usa sites de rede social?	Sim 6	Não 5		
23. Com que frequência?	Raramente 3	Às vezes 1	Muitas vezes 2	Sempre 0

Conceito 4: Você e a Mídia - respostas de quem não nasceu em um lar evangélico:

17. Você possui celular?	Sim 3	Não 2		
18. Você assiste televisão?	Sim 5	Não 0		
19. Com que frequência?	Raramente 0	Às vezes 2	Muitas vezes 0	Sempre 3
20. Você usa a internet?	Sim 3	Não 2		

21. Com que frequência?	Raramente 1	Às vezes 1	Muitas vezes 0	Sempre 1
22. Você tem e usa sites de rede social?	Sim 3	Não 2		
23. Com que frequência?	Raramente 1	Às vezes 1	Muitas vezes 0	Sempre 1

Reflexão: O uso da Televisão e da internet ainda são tabus em alguns lares de membros da Igreja Batista Conservadora. A denominação inicialmente foi contrária ao uso de televisores por parte dos seus membros. Atualmente apenas os pastores são orientados a se absterem do aparelho de TV. Os adolescentes que não nasceram em lar evangélico assistem televisão; os que nasceram em lar evangélico estão praticamente divididos. A internet ainda é vista com reservas. A falta de um computador em casa é um empecilho para que alguns adolescentes tenham acesso à internet. *Lan House* é um espaço alheio ao olhar dos adultos, por isso os adolescentes são desencorajados a frequentarem, exceto para trabalhos escolares ou questões profissionais e familiares. O celular é o aparelho de mídia majoritário entre os adolescentes na Igreja Batista Conservadora. Através dos jogos e dos aplicativos, os adolescentes conseguem experimentar o espaço virtual e compartilhar sua adolescência.

Conceito 5: Você e o mundo *gospel* - respostas de quem nasceu em um lar evangélico:

24. Você assiste a programas evangélicos pela Televisão?	Sim 4	Não 7		
25. Com que frequência?	Raramente 0	Às vezes 2	Muitas vezes 2	Sempre 0
26. Você visita sites evangélicos?	Sim 2	Não 9		
27. Com que frequência?	Raramente 0	Às vezes 2	Muitas vezes 0	Sempre 0
28. Você visita outras denominações?	Sim 6	Não 5		
29. Com que frequência?	Raramente 2	Às vezes 3	Muitas vezes 1	Sempre 0

Conceito 5: Você e o mundo *gospel* - respostas de quem não nasceu em um lar evangélico:

24. Você assiste a programas evangélicos pela Televisão?	Sim 3	Não 2		
25. Com que frequência ?	Raramente 0	Às vezes 2	Muitas vezes 1	Sempre 0
26. Você visita sites evangélicos?	Sim 3	Não 2		
27. Com que frequência?	Raramente 0	Às vezes 2	Muitas vezes 0	Sempre 1
28. Você visita outras denominações?	Sim 4	Não 1		
29. Com que frequência?	Raramente 0	Às vezes 1	Muitas vezes 3	Sempre 0

Reflexão: Os adolescentes mostraram desinteresse pelo mundo midiático *gospel* o que denota falta de identificação com os movimentos evangélicos atuais. A maior incidência de adolescentes que assistem a programas evangélicos televisivos não serem de pais nascidos em lar evangélico demonstra uma maior aceitação de pregadores de outras denominações, sabendo que a Igreja Batista Conservadora não possui programa evangelístico na Televisão.

A teologia da prosperidade e a postura mercadológica da maioria dos pregadores da atualidade na televisão aberta no país são motivos de repúdio entre os líderes da Igreja Batista Conservadora. O culto à personalidade é combatido na denominação que preza pelo governo congregacional, onde a assembleia de membros e não o líder religioso é quem delibera sobre a vida da igreja local. Os adolescentes da Igreja Batista Conservadora não encontram referenciais capazes de estabelecer identificação com os pregadores televisivos.

Os adolescentes não nascidos em lar evangélico também se mostraram mais interessados em visitar sites evangélicos. A inserção do adolescente batista conservador no mundo evangélico brasileiro se dá principalmente através de visitas a igrejas de outras denominações. É através do contato pessoal que esse adolescente experimenta o conteúdo *gospel teen*. A liderança da igreja não proíbe a visita a outras igrejas evangélicas, mas também não estimula. O controle sobre os adolescentes recai sobre os seus pais e responsáveis.

### 3.2.4 Da observação

A observação nos espaços analisados pela pesquisa teve início no primeiro domingo do mês de novembro na Igreja Batista Conservadora, onde foi aplicado o método observação-participante no ambiente a ser pesquisado. Estive pela manhã na Escola Bíblica Dominical e no Culto à noite onde foi ministrada a Santa Ceia. Limitei o meu contato com os adolescentes a conversas informais e à coleta de material devocional.

A Escola Bíblica Dominical é realizada nas Igrejas Batistas Conservadoras aos domingos pela manhã. Existe um material doutrinário que é distribuído gratuitamente aos membros e congregados da igreja. Essa revista é trimestral e é publicada pela editora da denominação com sede na cidade de Bagé no Estado do Rio Grande do Sul. Os assuntos semanais são interligados por um tema central. No primeiro trimestre do ano o tema foi “Conceitos e filosofias hostis à Igreja Cristã”.<sup>358</sup>

Semanalmente os membros da igreja compartilham comentários que abordam aquilo que a denominação considera desvios doutrinários e males da sociedade moderna: comodismo, secularismo, mundanismo. A padronização de material confessional possibilita que o membro de uma igreja local possa acompanhar sem problemas a agenda da denominação em outra igreja irmã.

Os adolescentes não dispõem de uma classe específica durante a Escola Bíblica Dominical, assistem à mesma junto com os adultos. Isso é um dos motivos de desinteresse e baixa frequência dos adolescentes. Em uma cidade vizinha, da mesma denominação, os adolescentes estão divididos em juniores e adolescentes, mas não possuem material específico para a sua idade. Os professores confeccionam material apropriado para as classes. A Igreja Batista Conservadora não dispõe de material de Escola Bíblica Dominical para adolescentes.

O indivíduo adolescente está presente aos domingos pela manhã nas Igrejas Batistas Conservadoras, mas o sujeito adolescente encontra-se ausente na literatura, nos espaços e nos departamentos da denominação. A visão naturalizada da adolescência impossibilita o reconhecimento do adolescente como um ser em transformação, capaz de produzir conhecimento e contribuir para a perpetuação do grupo. O adolescente é visto como um vir a ser.

---

<sup>358</sup> MUNIZ, Jônatas Bezerra. *Nossa Revista*. Jan/ Fev/ Marc de 2013, nº 101.



No primeiro domingo de cada mês é celebrada a Ceia do Senhor. Cada pastor local pode ministrá-la no culto matutino ou noturno. O momento da cerimônia é simples e breve. É ministrada uma palavra ou estudo bíblico que enfatiza os membros a permanecerem fiéis à Bíblia e a cuidarem da conservação dos valores bíblicos. Não há exigência que o preletor seja o pastor ou dirigente da igreja, um pastor auxiliar ou um oficial da igreja poderá trazer a pregação, reservando ao pastor presidente a ministração do cerimonial eucarístico. Na Igreja Batista Conservadora a cerimônia recebe o nome de Santa Ceia ou Ceia do Senhor, nunca Eucaristia.

Para a realização, usa-se pão caseiro comum e suco de uva sem álcool. Não há exigência de que o pão seja sem fermento. Para iniciar o cerimonial o pastor solicita que a igreja se ponha de pé, é lida a passagem de 2 Coríntios referente à Ceia e em seguida é entoado algum hino do *Cantor Cristão*, hinário oficial da denominação. Os diáconos que estarão auxiliando na Ceia lavam as mãos, logo após é feita uma oração onde os elementos são consagrados. Em seguida os membros tomam acento e os oficiais repartem o pão. O pastor profere as palavras de Jesus: “Esse é o meu corpo que é dado por vós, tomai e comei”, os diáconos estão liberados para servirem o pão através do templo em bandejas. Não há exigência que uns devam esperar pelos outros para comer o pão. O mesmo ritual se repete com o vinho que é distribuído em cálices. Ao término é feita uma oração de agradecimento por um dos oficiais da igreja. Os elementos são vistos como símbolos do corpo e do sangue de Cristo. A cerimônia é memorial, não tem caráter sacramental.

Os adolescentes batizados participam da ceia, os que não são batizados apenas observam. Devido à matriz pentecostal, são entoados hinos referentes à Ceia, em meio à participação dos membros através de Aleluias e Glória a Deus.

No primeiro domingo de dezembro participei do batismo na igreja. Ele foi realizado na parte da tarde para que os novos batizados pudessem participar da Ceia do Senhor. Na Igreja Batista Conservadora as pessoas podem ser batizadas a partir dos doze anos, mas o pastor local pode diminuir essa idade até para os nove anos, com o consentimento dos pais. Três adolescentes foram batizados e assim inseridos na membresia da Igreja através do batismo por imersão realizado no batistério da igreja com um só mergulho em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O batismo é visto como uma ordenança de Cristo para a igreja na Terra e por isso não tem, assim como a Santa Ceia, nenhum caráter sacramental em si.

O Natal é comemorado através de um culto especial. A figura do Papai Noel é combatida desde a tenra idade, pois é considerada uma mentira. No boletim de dezembro aparece o dizer: “No Natal eu comemoro o nascimento de Jesus e não do Papai Noel”.<sup>359</sup> É realizada uma campanha para que no Natal, o nascimento de Jesus Cristo seja comemorado sem a figura do Papai Noel. Os símbolos natalinos não são evocados, o Templo não recebe ornamentação especial nesse período. Peças e cantatas de Natal são realizadas. Assim como na maioria das denominações brasileiras, não existe um calendário litúrgico nas Igrejas Batistas Conservadoras. Natal, Ano Novo e Páscoa estão no calendário da denominação como feriados do calendário civil, dignos de uma programação especial, mas sem representar datas em um sistema de ordenamento do tempo com propósitos de observância das obrigações religiosas.

Congressos e cultos de jovens são realizados por jovens e adolescentes que encontram ali um espaço para expressarem suas identificações com o mundo adulto. É um culto adulto com um público juvenil. Os adolescentes adotam um traje esporte fino, alguns mantêm o terno e a gravata. As moças obedecem ao mesmo padrão comportamental exigido nos demais eventos da igreja. Esse é um espaço mais flexível, pois a direção fica nas mãos do líder do departamento da mocidade da igreja. Após o culto é possível encontrar adolescentes conversando de forma menos preocupada pela menor frequência dos adultos na reunião. Não há a pretensão de ser território de extravasamento para os adolescentes, antes é um ambiente que visa reproduzir nos adolescentes a identificação com os valores bíblicos adotados pela denominação.

Em todos os cultos e reuniões os adolescentes precisam manter um padrão comportamental sóbrio. Shorts e bermudas são proibidos, blusas de alça e camisetas também. Os meninos sempre devem estar de calça comprida, indumentária proibida para as meninas. As jovens não podem cortar nem aparar os cabelos, usar roupas muito justas ou sofisticadas, pinturas e brincos também não são tolerados. Essas restrições são burladas por alguns adolescentes em outros espaços além da igreja. A aceitação não é homogênea e natural em todos os adolescentes. O ator social denominado adolescente precisa nascer no consciente coletivo da Igreja Batista Conservadora.

---

<sup>359</sup> SILVEIRA, Marcio. Feliz Natal. *Boletim interno mensal* de 01/12 à 31/12 – nº 35, ano 2012.

### 3.3 Categorias Iniciais

A pesquisa sobre o adolescente na Igreja Batista Conservadora foi realizada através do diálogo entre disciplinas das Ciências Humanas como a Antropologia e a Psicologia com posicionamentos da Biologia, interpretados à luz da Teologia e da Pedagogia sob uma perspectiva pós-moderna. Os resultados foram considerações sobre o conceito adolescência que contemplam o tema sob uma ótica multidisciplinar. A proposta desde o início não foi buscar respostas definitivas sobre o assunto adolescência, mas assinalar que nenhuma definição traz em si a plenitude, ao contrário, é na interação entre os distintos saberes que se constrói um olhar mais amplo sobre a adolescência.

O objeto deste trabalho é o adolescente, mas ele está inserido em um contexto que também é alvo de estudo. Optar por um ambiente é reconhecer que existem outros territórios. Na atualidade não basta tolerar as diferenças, é necessário reconhecer as diferenças e problematizar como elas são constituídas. A cultura da paz exige que não fechemos os olhos para o outro, mas que busquemos a construção do diálogo entre os diferentes, a fim de aplacar as desigualdades. Da preocupação em contribuir com a divulgação de uma cultura da paz no país nasceu essa pesquisa sobre adolescentes em um contexto fundamentalista pentecostal gaúcho.

Ao analisar a construção da adolescência em um conjunto de circunstâncias que acompanham um acontecimento, não se propõe a representação da realidade por meio do olhar do pesquisador, mas a constituição de uma realidade em um contexto específico. É reconhecer que um mundo está sendo produzido naquele cenário, em meio a outros mundos construídos antropologicamente. A Igreja Batista Conservadora não se enquadra nas duas maiores denominações batistas no país, mas ela surge como negação às práticas adotadas pelos batistas brasileiros, sejam tradicionais ou renovados. Ela carece de mais estudos como representante de um segmento de resistência. Essa realidade vivenciada por esses adolescentes é própria deles, não é compartilhada por nenhuma outra denominação, ainda que existam elementos de identificação com a cultura *teen gospel*, e a Igreja Batista Conservadora compartilhe de doutrinas comuns com outras denominações evangélicas.

### 3.3.1 Considerando a adolescência

A adolescência é interpretada socialmente na Igreja Batista Conservadora como uma fase intermediária entre a infância e a juventude. Não existe um programa específico para o adolescente, que é visto como um ser em formação, um vir a ser. O sujeito adolescente ainda não nasceu na Igreja Batista Conservadora. O indivíduo adolescente está ali, mas sem sua condição social. Ele é reconhecido como um ser humano incapaz de tomar suas próprias decisões, carecendo da tutela dos responsáveis e necessitado das narrativas bíblicas para a formação do seu caráter.

Espera-se que o adolescente assuma a identidade de cristão batista conservador, pois a identidade em contextos fundamentalistas é interpretada como algo homogêneo, acabado e transcendente ao indivíduo. Tentativas de identificação com elementos alheios à doutrina da denominação são interpretados como desvios doutrinários e falta de fé. A rigidez doutrinária e a carência de espaços próprios para a juventude têm afastado os adolescentes da Igreja Batista Conservadora. No cenário religioso gaúcho ela é uma denominação majoritariamente de adultos.

A dualidade corpórea, neural e psíquica precisa ser recuperada dentro da Antropologia, a fim de que o termo adolescente não seja simplificado a uma questão cultural. Neste trabalho também são citadas concepções mentalistas e interiorizações psicológicas, sem apresentar a adolescência como uma essência universal permanente e acabada. Ao término desse trabalho são comprovadas as hipóteses que instigaram a pesquisa sobre adolescentes em um contexto fundamentalista gaúcho. Os adolescentes na Igreja Batista Conservadora vivem um processo de adulez precoce. Trata-se de uma série de investimentos de práticas culturais e discursivas promovidas pela Igreja Batista Conservadora que visam constituir os sujeitos adolescentes, interpelando-os a se produzirem conforme parâmetros de normalidade estabelecidos pelos discursos religiosos, pautados nas interpretações das Escrituras Sagradas. Há uma tensão entre a vontade disciplinante e a multiplicidade de formas de ser adolescente na contemporaneidade, permitindo que outras interpretações sobre o texto-fonte, a Bíblia, propiciem a emergência de adolescências que escapam às tutelas institucionais.

### 3.3.2 Considerando o fundamentalismo

O fundamentalismo nasceu nas igrejas históricas dos Estados Unidos, mas está englobando as demais denominações, inclusive pentecostais históricos que veem, juntamente com as igrejas tradicionais, o movimento neopentecostal triunfalista como um inimigo comum, uma ameaça aos marcos fundamentais da fé cristã evangélica. A realimentação do fundamentalismo acontece através da apresentação de respostas fundamentais a questões surgidas com a subtração da certeza secular. A fragmentação do cenário religioso brasileiro a partir da década de 1980 fez surgir a Igreja Batista Conservadora no Rio Grande do Sul como uma resistência à apropriação de novos conceitos teológicos e comportamentais por parte dos batistas pentecostais.

O fundamentalismo surge como uma reação, um efeito colateral à pós-modernidade. É interessante que o fundamentalismo só existe porque a modernidade surgiu primeiro. Ele se constroi naquilo a que se opõe. Da dificuldade em traduzir novos valores, o fundamentalismo cria ou legitima uma tradição. Ele proporciona na atualidade o contato com o ciberespaço para uma adolescência que é incentivada a se abster de assistir televisão.

Partilhando as possibilidades culturais proporcionadas pelos avanços tecnológicos de nossa época, os adolescentes na Igreja Batista Conservadora são convidados a fazerem escolhas num cenário religioso pós-moderno marcado pelo pluralismo. O fundamentalismo cristão, apesar de minoritário, tem grande influência cultural no Ocidente. Muitos sites e blogs brasileiros têm como objetivo passar a mensagem e os valores dos grupos fundamentalistas norte-americanos na tentativa de os legitimarem diante de uma sociedade majoritariamente religiosa.

Os adolescentes da Igreja Batista Conservadora frequentam o ciberespaço como uma ferramenta; eles ainda não se apropriaram como grupo do espaço virtual. A ausência de um projeto denominacional para a internet e a postura tímida das igrejas locais diante das mídias eletrônicas caracteriza a relação dos adolescentes da Igreja Batista Conservadora com o espaço virtual. A internet é vista com reservas. Em alguns lares de membros da igreja, sobre o computador recai o mesmo olhar dispensado sobre o aparelho de Televisão: ambos servem para desviar o cristão fiel, trazendo para a casa do fiel os prazeres do mundo.

### 3.3.2 Considerando o pentecostalismo

O Rio Grande do Sul é o único Estado da União que experimentou o pentecostalismo clássico através de uma terceira via além das Assembleias de Deus e a Congregação Cristã do Brasil. O pentecostalismo gaúcho tem como características sociais distintas o apego às tradições denominacionais, um espírito regionalista que praticamente impede o estabelecimento e a perpetuação de lideranças oriundas de outros Estados brasileiros e a ausência da influência do elemento negro na sua origem. O trabalho missionário da Missão de Orebone precisa ser incluído nos anais da História do Protestantismo no Brasil.

Os adolescentes que frequentam igrejas pentecostais estão inseridos em um segmento da família protestante que busca alguma condição a ser observada para que o ser humano receba o batismo com o Espírito Santo. O recebimento do Espírito Santo mediante a fé simples em Jesus, *sola fide*, esbarra no legalismo produzido pela necessidade que o ser humano tem em buscar se auto-justificar diante do que considera divino. O pentecostalismo latino-americano tem introduzido leis ou condições especiais de restrições comportamentais a fim de levar a efeito uma maior remoção de pecados do indivíduo e a uma experiência sobrenatural com o Espírito Santo.<sup>360</sup>

O adolescente pentecostal respira uma atmosfera que busca o banimento do pecado da vida do ser humano através de preceitos morais e códigos doutrinários que evidenciam sua fé diante dos seus semelhantes. O perdão dos pecados e a soberania da graça de Deus parecem desempenhar um papel preponderante na conversão, mas que raramente são mencionados no decorrer da vida cristã do indivíduo. O adolescente é estimulado a focar-se em um projeto denominacional que o mantém afastado das distrações perniciosas do mundo contemporâneo. Um visual diferente da moda atual serve como uma blindagem contra as tentações mundanas e representa um salvo-conduto para o céu. Não há nada de errado no repúdio de práticas que corrompem e agridem o corpo e a alma do ser humano, mas é importante reconhecer que a condição prévia e indispensável para imputação do Espírito Santo na humanidade é a obra vicária de Cristo. *Sola gratia*.

---

<sup>360</sup> BRUNER, 1989, p. 180.

## CONCLUSÃO

Os adolescentes são sujeitos juvenis que estão inseridos em um projeto ideológico fundamentalista pentecostal. São indivíduos que desenvolvem a sua identidade no conjunto de fé de que se apropriam diante das dificuldades na compreensão da sociedade pós-moderna que os identifica como adolescentes periféricos, independente da condição social ou *status* financeiro. Esses adolescentes mantêm um diálogo com o seu ambiente, pleno de perguntas e respostas. É interessante observar que ambas as partes se modificam um pouco: o indivíduo adapta-se às condições externas e estas se adaptam em parte às exigências próprias desse grupo.

Ao produzir manifestações culturais, esse adolescente acelera a sua própria evolução cultural em um contexto que pretende transmitir uma imagem estática e imutável, pois os jovens e adolescentes aplicam à sua mesma faixa etária os seus inventos e as suas experimentações. Na busca dos adultos domesticarem os adolescentes eles próprios são domesticados. O adolescente é convidado a vivenciar a realidade artificial que mais lhe convém, seja tradicional, liberal ou híbrida. Pois nesses tempos de modernidade tardia, tudo é fundado para o bem-estar moderno, até quando se percebe a ausência dele. O indivíduo vende e troca a sua consciência pelo meio em que está. As relações não apenas se interferem, mas se constituem.

Reconhecendo que a identidade também é um ato performático, as identidades adolescentes vão se constituindo no cenário pentecostal fundamentalista gaúcho como efeito do processo de produção desses atores majestosamente inacabados, fragmentados, instáveis, que estão inseridos numa cultura contraditória. Não é apenas a instituição que deixa a sua marca no ser humano, mas o indivíduo, além de ser a gênese da instituição, é ele quem a molda e lhe dá forma. A relação não é fixa, unificada, nem definitiva. Muda de acordo como o sujeito, é representada pela instituição e como essa é reconfigurada pelo indivíduo.

A proposta de manter o diálogo entre diversos saberes e conhecimentos não é buscar uma unidade última do conhecimento e nem cair no relativismo, mas construir uma articulação em relação à temática “adolescência” de maneira

coerente, encarando as suas contradições e problematizando-as, fugindo do risco de querer uniformizar.

É bom considerar que o adolescente é um ser biológico e também social e, ao contrário dos demais seres da natureza, o ser humano é capaz de se produzir a si mesmo como sujeito. É necessário reconhecer os hábitos que serão produzidos através dessas mudanças psicossomáticas na adolescência a partir da inclusão do indivíduo na puberdade para estudar os conceitos de representação que evocam uma multiplicidade de significados na história da humanidade.

A adolescência é uma fase de ajustamento que exige do adolescente um espaço/tempo para que ele possa fazer uma mediação entre a ação provocada pelas mudanças fisiológicas e as influências da estrutura social em que está inserido, como o ajuste corporal promovido pelo crescimento puberal e a identificação de pares. A puberdade é um fenômeno biológico, mas se reveste de aspectos sociais que lhe impõem valores antropologicamente construídos.

A identidade religiosa desses adolescentes gravita em torno da tradição. É uma tradição pentecostal. A adolescência na Igreja Batista Conservadora é vivenciada sob rígidos padrões comportamentais que são evocados através de uma interpretação literal e descontextualizada de determinados textos específicos da Bíblia que são escolhidos intencionalmente para legitimar uma tradição pentecostal clássica adotada no início do século passado. Os adolescentes têm sido os principais protagonistas do processo de negociação dessa cultura.

O processo de opção por elementos variados leva num primeiro momento à fragmentação e causa uma impressão nos líderes e nos pais de que os adolescentes estejam rejeitando por completo os princípios doutrinários mas o que eles estão fazendo através da desconstrução dessas heranças psicossociais é a atualização desses conceitos a fim de digeri-los, absorvê-los.

É necessário “trocar de pele” a cada geração para que as marcas mais profundas permaneçam sob o viço da juventude. Eles não estão descartando a sua fé, estão reciclando e criando novos usos para a sua religiosidade. O que vemos é uma usina de reciclagem da fé e da religiosidade. Os novos movimentos religiosos não estão surgindo nas cátedras universitárias ou nos seminários teológicos, mas nos espaços e territórios ocupados pelos adolescentes. Se desejarmos saber como serão as nossas igrejas daqui a vinte anos, prestemos atenção nos nossos adolescentes.



## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000.

AGUIAR, W.M.J., BOCK, A.M. & OZELLA, S. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B., GONÇALVES, M. G. M. & FURTADO, O. (orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2006.

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Por que as igrejas tradicionais se distanciaram das periferias?* Disponível em: <<http://pentecostalismo.wordpress.com>>. Acesso em 01 out 2012

ANTONIAZZI, Alberto (org.). *Nem anjos nem demônios*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ABRAMOVAY, Miriam et al. *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Edições MEC/UNESCO, 2009.

ALMEIDA, José Pedro M. *Biblioteca Batista Independente Online*. Disponível em <<http://www.baptistlink.com>>. Acesso em 12 jul. 2012.

ALMEIDA, José Pedro. *Seminários Fundamentalistas no Brasil que apostaram para o texto crítico*. Disponível em <<http://www.baptistlink.com>>. Acesso em 12 jul. 2012.

ALI, Tariq. *Confronto de fundamentalismos*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ARAUJO, Isael de. *100 Acontecimentos Que Marcaram a História das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

AYSTARÁN, José C. Fundamentalismo. *ITER: Revista de Teología*, Vol./No. 6/2, p. 43-67, 1995.

ARIES, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ASHBROOK, John E. *Separação Eclesiástica*. Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org>>. Acesso em 10 jul. 2012.

ASSMANN, Hugo. *A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina: convite a um estudo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

ASSUERO, Moderador. *Qual é a versão correta da Bíblia?* Disponível em: <<http://gospel-semeadores-da.forumeiros.com>> Acesso em 10 jul. 2012.

AVILA, Sueli de Fátima Ourique de. *A adolescência como ideal social*. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.>>. Acesso em 16 jan. 2013.

BARR, James. *Fundamentalism*. 2 ed. Londres: SCM Press, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

\_\_\_\_\_. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

\_\_\_\_\_. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BEALE, David O. *Quem São os Cristãos Fundamentalistas e Por Que Estão Sendo Insultados por Outros Grupos 'Cristãos'?* Disponível em: <<http://www.espada.eti.br/n1861.asp>>. Acesso em 20 fev. 2013.

BEJAR, Abdelmajid. O avanço do fundamentalismo. *Cadernos do Terceiro Mundo*, Vol./No. 148, p. 38-39, 1992.

BENEDETTI, Luiz Roberto. Fundamentalismo: Novidade? *Cadernos de Teologia*. Campinas: ITCR. Ano III. Maio de 1997. Nº 3. p. 52.

BENTHO, Esdras Costa. Ponto de Contato. *Lições Bíblicas: As Doutrinas Bíblicas Pentecostais*, Rio de Janeiro: CPAD, p. 51, abril - jun. 2006.

BERNARD, Arthur. *Templo de Salomão – Ultraje ao Evangelho*. Disponível em: <<http://umremanescente.blogspot.com.br>>. Acesso em 12 de jul. 2012.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1983.

BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. São Leopoldo: CEBI, Escola Superior de Teologia; Curitiba: Pastoral Popular Luterana, 2002.

BOCK, Ana Mercês Bahia. *A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: A adolescência em questão*. Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 26-43, abril 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 05 nov. 2012.

\_\_\_\_\_. Adolescência como uma construção social. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRPEE)*: vol 11, nº1, Janeiro/Junho, 2007, p. 11.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo, Terrorismo, Religião e Paz*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha*. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BORN, Lilian Ivana. Telefone celular e infância: alguns tensionamentos. *UNIrevista*, v. 1, n. 2, p. 4, abr. 2006. Disponível em: <[http://www.unirevista.unisinos.br/\\_pdf/UNIrev\\_Born.pdf](http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Born.pdf)> . Acesso em: 19 de jan. 2013.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRÊTAS, José Roberto da Silva. *Os rituais de passagem segundo adolescentes*. São Paulo: UNIFESP, 2008.

BRITO Soares Nilza. *Processos psicológicos superiores*. Disponível em: <<http://blogdanilletras.blogspot.com.br/2009/04/processos-psicologicos-superiores.html>>. Acesso em 08 dez 2012.

BRUNER, Frederick Dale. *Teologia do Espírito Santo*. São Paulo: Vida Nova, 1989.

BURITI, Davi. *O Movimento Fundamentalista Bíblico*. Disponível em <<http://selecoesbiblicasfundamentalistas.blogspot.com.br>>. Acesso em 12 jul. 2012.

BURKETT, Bill. *Pentecostais ou carismáticos: Um chamado ao verdadeiro pentecostes*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

BYFORD, Jovan. *Teorias da Conspiração*. Disponível em: <<http://discordianismo.wordpress.com/2011/09/08/teorias-da-conspiracao/>>. Acesso em 21 jan. 2013.

CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos Séculos*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CALLIGARIS, Contardo. *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2009.

CAMARGO, César da Silva. *A força político-sacralizadora do fundamentalismo: E.U.A (1880-1930)*. 1989.150 f. Dissertação ( Mestrado ) - Programa Ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião, Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo 1989.

CAMPOS, Breno Martins Campos. *Fundamentalismo Protestante: A invenção de uma tradição exclusivista na modernidade*. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st3/Campos,%20Breno%20Martins.pdf>>. Acesso em 27 jan. 2013.

CAVALCANTE, Luciana M. *Um encontro com a categoria juventude*. Disponível em: <<http://dialogosereflecoes.blogspot.com.br/2008/08/um-encontro-com-categoria-juventude.html>>. Acesso em 07 jan. 2013.

*Censo Demográfico, 2010, IBGE.*

CESAR, Waldo & SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e Futuro das Igrejas Cristãs*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CODEPPS. *Manual de Atenção à Saúde do Adolescente*. São Paulo: 2006.

COLEMAN J. S. *The adolescent society*. Glecoe: Free Press, 1961.

CONCÍLIO INTERNACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS. *Declaração Doutrinária*. Disponível em <<http://selecoesbiblicasfundamentalistas.blogspot.com.br>>. Acesso em 12 jul. 2012.

CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.

DEBORD, Guy. *Sociedade do Espetáculo*. São Paulo: Contraponto, 2000.

DICIONÁRIO Aurélio Escolar da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

DINAH, Martins de Souza Campos. 22 ed. *Psicologia da Adolescência*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

DORNELLES, Leni Vieira. *Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis: Vozes, 2005.

DREHER, Martin N. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: Aste, 2008.

ECO, Umberto. Definições léxicas. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (dir.). *A intolerância*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

ÉFEBO. Disponível em: <<http://es.wikipedia.org/wiki/Efebo>>. Acesso em 05 jan. 2013.

ERIKSON, Erik H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1976.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Para entender a pós-modernidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

FÁBIO, Caio. *Os 30 a 40 milhões de "desviados" da "igreja"*. Disponível em: <<http://www.caiofabio.net/conteudo.asp?codigo=00135>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

FABRIS, Elí H. *Representações de espaço e tempo no olhar de Hollywood sobre a escola*. 1999. 255 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

\_\_\_\_\_. Uma cultura 'adolescêntrica'. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Estudos Culturais em Educação*. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

FABRIS, André Marques. *Católicos, sem religião e evangélicos pentecostais têm maioria de pessoas de 15 anos ou mais sem instrução*. Disponível em: <<http://www.canalrioclaro.com.br>>. Acesso em : 10 jul. 2012.

FERNANDES, Carlos Roberto. *Projeto de Pesquisa. Como fazer?*. Disponível em: <<http://www.carlosfernandes.prosaeverso.net/visualizar.php?id=661439>>. Acesso em 28 jan. 2013.

FERREIRA, Manuela. *Adolescências...Adolescentes...Viseu*: Revista Educação, ciência e tecnologia, 2003.

FIGUEIREDO, Milene dos Santos; TOMAZETTI, Elisete Medianeira. *infância, escola e mídia(s): a(s) cultura(s) infantil(is)em Discussão*. Teias: Rio de Janeiro, ano 8, nº 15-16, p. 5. jan/dez 2007.

FISCHER, Progresso f theVariousModern Pentecostal Movement. p. 16. In BRUNER, Frederick Dale. *Teologia do Espírito Santo*. São Paulo: Vida Nova, 1989.

FORMIGA, Julianna. *Google é o novo Deus: Onipotência, Onipresença E Onisciência*. Disponível em: <<http://www.intelectocomunicacao.com.br/index.php/artigos/4033-google-e-o-novo-deus-onipotencia-onipresenca-e-onisciencia>>. Acesso em 16 jan. 2013.

FOWLER, James. *Estágios da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FOX, Jorge. *Diário de Jorge Fox*. Disponível em: <[http://institutoalma.org /Literatura/DiarioJorgeFox.pdf](http://institutoalma.org/Literatura/DiarioJorgeFox.pdf)>. Acesso em 20 jan. 2013.

FREIRE FILHO, João. Formas e normas da adolescência e da juventude na mídia. In: FREIRE FILHO, João; VAZ, Paulo (orgs.). *Construções do tempo e do outro: representações e discursos midiáticos sobre a alteridade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

FREITAS, Maria Virginia de. *Juventude e Adolescência no Brasil*. São Paulo: Ação educativa, 2005.

FRESTON, Paul. *Pentecostalismo*. Belém: UNIPOP, 1996.

FRY, Peter Henry e HOWE, Gary Nigel. Duas respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo. *Revista Debate e Crítica*. 6, jul., 1975.

GALINDO, Florêncio. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GALLATIN, Judith. *Adolescência e individualidade*. São Paulo: Harbra, 1978.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIDDENS, Anthony; PIERSON, Christopher. *Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

GONÇALVES, José. Voto de Nazireado, prática judaizante que despreza a doutrina da graça. *Resposta Fiel*, Rio de Janeiro, Ano 4, n. 12, p. 26, Jun-Jul-Ago/2004.

GRECCO, Yuri. *Deixar os religiosos quietos? #EuSouUmAteuRevoltado*. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=fMP\\_rVTw-44](http://www.youtube.com/watch?v=fMP_rVTw-44)>. Acesso em: 14 jul. 2012.

GRÉGOIRE DE TOURS. *História da França*. Paris: Les Belles-Lettres, 1999, p. 295-296). In: Ricardo da Costa. *A Educação Infantil na Idade Média*. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur17/ricardo.htm>>. Acesso em 07 jan. 2013.

GUARESCHI, Pedrinho A. Fundamentalismo: enfoque psicossocial. *Vida Pastoral*, Vol./No.176, 1994, p.4-20.

HANKO, Ronaldo. *Os Erros do Dispensacionalismo*. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/dispensacionalismo/dispensa-erros\\_hanko.pdf](http://www.monergismo.com/textos/dispensacionalismo/dispensa-erros_hanko.pdf)>. Acesso em 01 nov. 2012.

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, Faculdade de Educação da UFRGS, v. 22, n. 2, p. 17, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2000.

\_\_\_\_\_. *Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HANAVER, Fernando J. *Impacto da informática nas relações humanas*. 2005. Disponível em: <[http://www-usr.inf.ufsm.br/~fhanauer/elc1020/files/Artigo\\_Revisado\\_Felipe\\_Hanauer.pdf](http://www-usr.inf.ufsm.br/~fhanauer/elc1020/files/Artigo_Revisado_Felipe_Hanauer.pdf)>. Acesso em 19 jan. 2013.

HANAWALT, Barbara. *Growing Up in Medieval London*. Londres: Oxford University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. *The Ties that Bound: Peasant Families in Medieval England*. Londres: Oxford University Press, 1986, p. 183.

HARRIS, Sam. *Carta a uma nação cristã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HIPONA, Agostinho. *A Cidade de Deus*. Livro 22, Cap. 28.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOFF, Pablo B. *Teologia Evangélica*. Flórida: Vida, 1999.

HOFFMANN, Maria Gorete. *Moda Gospel: Diversidade Religiosa é oportunidade para Vestuário*. Santa Catarina: SEBRAE, 2012.



HOUSE, Wayne H. *Teologia Crista em Quadros*. São Paulo: Vida, 1999.

HORTON, M. Stanley. *O Avivamento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

HOUZEL.S.H. *O cérebro em transformação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

HUGHES, Irwing. *How to keep a research diary*. Action Research E-Reports, 5. Disponível em: <<http://casino.cchs.usyd.edu.au/arow/ar/report/005.htm>>. Acesso em 12 de jul. 2012.

JERUSALINSKY, Alfredo. *Até quando dura a juventude?* [Cultura]. *Zero Hora*. p. 2, 2002, 10 de agosto.

JOSSELYN, J.M. *Adolescence*. New York: Harper & Row, 1971.

JOSEPH, John. Os desafios do fundamentalismo religioso e a violência contra a harmonia social. *SEDOC*, Vol./No. 31/273, p. 620-629, 1999.

JR, Luís de Castro Campos. *Pentecostalismo*. São Paulo: Ática, 1995.

JUNIOR, Milton. *Pensando Alto sobre o UFC e afins...* Disponível em:<<http://bibliacomisso.blogspot.com.br>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

KEPPEL, Gilles. *A revanche de Deus: cristãos, judeus e muçulmanos na reconquistado mundo*. São Paulo: Siciliano, 1991.

KÜNG, Hans. Contra o fundamentalismo romano-católico hodierno. *Concilium*, Vol./No. 241, p. 149-160, 1992.

\_\_\_\_\_. *Fundamentalismo:um desafio ecumênico*. Petrópolis: Vozes, 1992.

L´ASTORINA, Luis Henrique. *Doutrina do arrebatamento pré-tribulacional*. Disponível em:<<http://www.solascriptura-tt.org/EschatologiaEDispensacoes/ArrebatamentoPretribulacional-LHenrique.htm>>. Acesso em 01 nov. 2012.

LANDERS, John. *Teologia dos Princípios Batistas*. Rio de Janeiro: Juerp, 1987.

LANGSTON, Esboço de Teologia Sistemática. 10 ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1991.

LASCH, Cristopher. *O mínimo Eu*. Sobrevivência psíquica em tempos difíceis. São Paulo: Brasiliense, 1984. NETO, FuadKyrillos, DUNKER, Christian Ingo Lenz. O Ineditismo na adolescência: originalidade, igualdade e repetição. Ver. *Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Ano VII, n. 3, set;2004.

LEITÃO, Cleide Figueiredo. *O que é modernidade?* Disponível em <http://base.d-ph.info/es/fiches/premierdph/fiche-premierdph-3602.html>. Acesso em: 09 set. 2012.

LEONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: Aste, 1988.

LEONTIEV, Alexei. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizontes, 1978.

LÈVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2000.

LEWIS, Bernard. *A linguagem política do Islã*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

LIBANIO, J. B. *Jovens em Tempo de Pós-Modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004.

LONGO, Charles H. *Religião Primitiva*. Disponível em: < <http://mb-soft.com/believe/tto/primitiv.htm>>. Acesso em 13 jan. 2013.

LOPES, Augustus Nicodemus .*O culto espiritual: Um Estudo em 1 Coríntios Sobre Questões Atuais e Diretrizes Bíblicas para o Culto Cristão*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, pág 174-177

LUTHER PRODUCTIONS. *Reavivamento da Rua Azuza(1906 – 1909)*. Disponível em:<<http://demo.lutherproductions.com/historytutor/basic/modern/stories/azuza.htm>> . Acesso em 27 jan. 2013.

MACHADO, Maria das Dores Campos.*Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília Loreto. A dinâmica das classificações no pentecostalismo brasileiro. In: SOUZA, Beatriz Muniz, GOUVEIA, Eliane Hojaij, JARDILINO, José Rubens Lima, org. *Sociologia da religião no Brasil*. São Paulo: PUC, 1998.

MARTINS, Ana Rita. *A importância do grupo para os jovens*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/qual-papel-importancia-grupo-jovens-adolescencia-jovem-puberdade-identidade-546793.shtml>>. Acesso em 12 jan. 2013.

MARTINS, Edson. Donos da verdade: o fundamentalismo protestante e os perigos que ele representa. *Via Teológica*, Curitiba, n.10 , p. 7-20, dez. 2004.

MATHEUS, Tiago Corbisier. *Quando a adolescência não depende da puberdade*. São Paulo:Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental, 2008.

MCALISTER, Robert. A experiência Pentecostal. Rio de Janeiro: Igreja de Nova Vida, 1977.

MENSAGEIRO DA PAZ. *Pentecostalismo manterá o protestantismo vivo em todo o mundo*. São Paulo: CPAD, Ano 83, n. 1532, Janeiro de 2013, p. 4-5.

MIKLOS, Jorge. *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura*. Aparecida: Idéias e Letras, 2012.

MINCATO, Ramiro; KILPP, Nelson. *Bíblia:ciência, fundamentalismo e exorcismo*. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

MIRALLES, Antoni Mendoza. *Uma BÍBLIA, [versus] Muitas versões*. Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org/Bibliologia-Traducoes/UmaBibliaMuitasVersoes-AMIMiralles.htm>>. Acesso em 01 nov. 2012.

MIRANDA, Daniela Rodrigues de. *Você sabia?* Disponível em:<[http://gamrede.org.br/html/pagina\\_oque\\_decomer.htm](http://gamrede.org.br/html/pagina_oque_decomer.htm)>. Acesso em 12 jan. 2013.

MUNIZ, Gideão. *Palavra do Presidente*. Disponível em: <<http://www.portalcbc.org/>>. Acesso em 27 jan. 2013.

MUNIZ, Jônatas Bezerra. *Agenda da Convenção*. Disponível em:

<<http://www.portalcbc.org>>. Acesso em: 02 set 2012.

\_\_\_\_\_. *Documento PHP*. Disponível em: <[http://www.portalcbc.org/historia\\_conteudo.php](http://www.portalcbc.org/historia_conteudo.php)>. Acesso em: 01 set. 2012.

\_\_\_\_\_. *História da Convenção*. Disponível em: <<http://portalcbc.org>>. Acesso em: 01 set. 2012.

NASCIMENTO, Misael Batista do. *Cristão Frutífero*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

NETO, Fuad Kyrillos, DUNKER, Christian Ingo Lenz. *O Ineditismo na adolescência: originalidade, igualdade e repetição*. *Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Ano VII, n. 3, set; 2004.

NOVAES, Regina. Juventude em formação. *Diálogo – Revista de Ensino Religioso*, nº59, p.13, 2010. OLIVEIRA, Marcell. *Arminianismo*. Disponível em <<http://protestantismo.ieadcg.com.br/estudos/arminianismo.htm>>. Acesso em 01 nov. 2012.

OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã*. São Paulo: Vida, 2001.

ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.

ORZELLA, Sérgio. *Adolescências Construídas*. São Paulo: Cortez, 2003.

OUTEIRAL, José. *Adolescer: Estudos sobre Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

\_\_\_\_\_. *Conhece-te a ti mesmo*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

PATTON, Michael Q. *Qualitative evaluation methods*. Beverly Hills, CA: Sage, 1980.

PAZ, Delmir José Ramão. Igreja em Ijuí fazendo história. *Palavra Fiel*. Editorial CBC. Ano 28, n 122. Outubro 2012.

PEREIRA, Mateus. *Resenha do livro de Philippe Ariès “História social da criança e da família”*. Disponível em: <<http://disciplinasdehistoria.blogspot.com.br/2010/10/resenha-do-livro-de-philippe-aries.html>>. Acesso em 07 jan. 2013.

PERROT, Michelle. A juventude operária. “Da oficina à fábrica”, G. Levi e J. Schmitt (orgs.), *História dos Jovens 2 - A Época Contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.84.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999.

POSSENTI, Sírio. *Mal comportadas línguas*. São Paulo: Criar, 2000.

PREVITALE, Ana Paula. *A Importância do Brincar*. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?view=20490>> Acesso em: 13 jun. 2007

RAFEIRO, Humberto. *Porque só aceito as traduções feitas por equivalência formal*. Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org/Bibliologia-Traducoes/PqSoAceitoEquivalenciaFormal-Rafeiro.htm>>. Acesso em 01 nov. 2012

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: um campo de estúdio; breve agenda para lادiscusión. In: FÁVERO, Osmar (Org.). *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: MEC/UNESCO/ANPEd, 2007.

REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. 2. imp. São Paulo: ASTE, 1993.

REPROLATINA. *Adolescência*. Disponível em: <[http://www.adolescencia.org.br/portal\\_2005/secoes/saiba/saiba\\_mais\\_nos.asp?secao=saiba&tema=nos](http://www.adolescencia.org.br/portal_2005/secoes/saiba/saiba_mais_nos.asp?secao=saiba&tema=nos)>. Acesso em 14 jan. 2013.

RIZZINI, Irene. *Existem meninos de rua?* Disponível em: <[http://www.redeamigadacrianca.org.br/artigo\\_meninosrua.htm](http://www.redeamigadacrianca.org.br/artigo_meninosrua.htm)>. Acesso em: 20 de jan. 2013.

RICHARDSON, Robert Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas.

ROXO, Roberto Mascarenhas. Fundamentalismo. *Revista Cultura Teológica*. Ipiranga. Ano II, nº 6, Jan/Mar. 1994. Pág. 7-18. p.9.

RUSS, Jacqueline. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Scipione, 1994.

RYDLEWSKI, C. A Vida Sem Fio. *Veja*, v. 37, n. 40, p. 122, out. 2004.

SAFATLE, Vladimir. *O Século 21 começa*. Folha de São Paulo, editorial, 15/02/11. Disponível em: <[http://www.jinnyat.com.br/artigos/O\\_seculo\\_21\\_comeca.pdf](http://www.jinnyat.com.br/artigos/O_seculo_21_comeca.pdf)>. Acesso em 10 jul. 2012.

SANTANA, Ana Lúcia. *Criacionismo*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/filosofia/criacionismo/>>. Acesso em 01 nov. 2012.

SANTOS, Agnaldo. *A construção histórica da juventude e a ascensão da "juvenilidade"*. Disponível em: <<http://www.mouro.com.br/Juvenilidade.html>>. Acesso em 09 set 2012.

SANTOS, Theobaldo Miranda. *Noções de psicologia do adolescente*. São Paulo: Nacional, 1996.

SCHWEITZER, Louis. *O fundamentalismo protestante. Fundamentalismos, integristas: uma ameaça aos direitos humanos*. São Paulo: Paulinas, 2001.

SERRA, Carlos. *O que é tradição?* Disponível em: <[http://oficinadesociologia.blogspot.com.br/2006/06/o-que-tradio\\_05.html](http://oficinadesociologia.blogspot.com.br/2006/06/o-que-tradio_05.html)>. Acesso em 26 jan. 2013.

SESSLER, Robert. *O Conselho Mundial de Igrejas e a Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Disponível em: <[http://www.adventistas.com/biz/robert\\_sessler/apendice6.htm](http://www.adventistas.com/biz/robert_sessler/apendice6.htm)>. Acesso em 01 nov. 2012.

SILVA, Gustavo Anderson. *A influência da tecnologia na vida de crianças e adolescentes dos pequenos centros urbanos*. Disponível em: <[http://artigos.netsaber.com.br/resumo\\_artigo\\_1486/artigo\\_sobre\\_a\\_influencia\\_da\\_tecnologia\\_na\\_vida\\_de\\_crianças\\_e\\_adolescentes\\_dos\\_pequenos centros\\_urbanos](http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_1486/artigo_sobre_a_influencia_da_tecnologia_na_vida_de_crianças_e_adolescentes_dos_pequenos centros_urbanos)>. Acesso em 19 jan. 2013.

SILVA, Hélio de Menezes. *Sites Batistas Fundamentalistas*. Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org>>. Acesso em 12 jul. 2012.

SILVA, Severino Vicente. *O jovem na idade moderna*. Disponível em: <<http://profbiuvincente.blogspot.com.br/2008/09/>>. Acesso em 07 de jan. 2013.

SILVA, José Apolônio. *Grandes Perguntas Pentecostais*. 2 ed. CPAD: Rio de Janeiro. 2004.

SILVA, José de Souza. Quo Vadis, Tecnociência? A emergência de uma ciência da sociedade no contexto da mudança de época. In: Santo, Lucy Woellneret al. (Orgs.) *Ciência Tecnologia e Sociedade: o desafio da interação*. 2 ed. Londrina: IAPAR. 2004. p. 9.

SILVEIRA, Marcio. Feliz Natal. *Boletim interno mensal* de 01/12 à 31/12 – nº 35, ano 2012.

SKIBA, Rob. *Archon Invasion: The Return of the Nephilim*. Disponível em: <<http://www.cuttingedge.org/index.html>>. Acesso em 21 jan. 2013.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai*. Viçosa: Ultimato, 2004.

SOUZA, Beatriz Muniz de. *A Experiência da Salvação*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.

SPOSITO, Marília Pontes. Percepções sobre jovens nas políticas públicas de redução da violência em meio escolar. *Pro-Posições* (Unicamp), Campinas, v. 13, n. 3, p.9 , 2002.

STEFANI, Piero. *Fundamentalismo Religioso Contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2002.

STEARNS, Peter N. *Antigo Egito*. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/antigo-egito/index.php>>. Acesso em 23 ago. 2012.

SYNAN, Vinson. *O Movimento da Santidade Pentecostal nos Estados Unidos*. 2. ed. Cambridge: Grand Rapids, 1997.

TIBA, Içami. *O Adolescente do Século XXI*. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=61>>. Acesso em 16 jan. 2013.

VALLE, E. Psicologia da Religião. In: USARSKI, F. (org). *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

VIEIRA, Humberto Schmitt. *Nossa História*. Disponível em: <<http://www.adrestauracao.com>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

\_\_\_\_\_. *Modus Vivendi*. Disponível em: <[http://www.adrestauracao.com/?secao=textos&link=modus\\_vivendi](http://www.adrestauracao.com/?secao=textos&link=modus_vivendi)>. Acesso em: 01 jun. 2012.

\_\_\_\_\_. *Pergunte ao pastor*. Disponível em: <[http://www.adrestauracao.com/?secao=perg\\_pastor](http://www.adrestauracao.com/?secao=perg_pastor)>. Acesso em: 01 jun. 2012.

VYGOTSKY, L. S. *A transformação socialista do homem* (N. Dória, Trad.). URSS: Varnitso 1930. p. 5. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/vygotsky/1930/mes/transformacao.htm>>. Acesso em 16 jan. 2013.

VYGOTSKY, L.S. e LURIA, A.R. *Estudos sobre a história do comportamento: O macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VOLF, Miroslav. O desafio do fundamentalismo protestante. *Concilium*, Vol./No. 241, p. 125-140, 1992.

WALTON, Robert C. *História da Igreja em Quadros*. São Paulo: Vida. 2000.

WHALE, John Seldon. *The Protestant Tradition: An essay in Interpretation*. Cambridge: University Press, 1955.

YUNES, Maria Ângela Mattar. *Psicologia Positiva e Resiliência*. Londrina: Psicologia em Estudo, 2003.

ZILLES, Urbano. Ética e fundamentalismo religioso. *Teocomunicação*, Vol/No. 33/142, p. 861-879, 2003.

ZUCCO, L. *Sexualidade na adolescência no novo milênio*. Rio de Janeiro: EDUFRJ. 2000.



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: “Adolescer em um Contexto Fundamentalista Pentecostal Gaúcho”

Nome do (a) Pesquisador (a): Luciano de Carvalho Lirio

Nome do (a) Orientador (a): Prof<sup>a</sup> Dra. Gisela I. W. Streck

1. **Natureza da pesquisa:** o sra (sr.) está sendo convidada (o) a autorizar a participação do seu filho(a) nesta pesquisa que tem como finalidade compreender a fase da adolescência na Igreja Batista Conservadora em todos os seus estágios e analisar como o adolescente desenvolve a sua fé e a sua religiosidade.
2. **Participantes da pesquisa:** Serão selecionados cinquenta adolescentes, entre 12 a 17 anos de ambos os sexos que estejam frequentando a Igreja Batista Conservadora.
3. **Envolvimento na pesquisa:** ao participar deste estudo a sra (sr) permitirá que o pesquisador Luciano de Carvalho Lirio aplique o questionário elaborado como recurso de análise para esta pesquisa para seu filho(a). A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a autorizar e ainda se recusar que o(a) seu(sua) filho(a) continue participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo pessoal para a sra (sr.) e para o(a) seu(sua) filho(a). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário, através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.
4. **Sobre as entrevistas:** Não serão realizadas entrevistas com o(a) seu(sua) filho(a), apenas a aplicação do questionário.
5. **Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não traz complicações legais mas ao autorizá-la você concorda que o material e informações obtidas através do questionário possam ser utilizados como estudo, análise, apresentação e divulgação dos resultados obtidos na Dissertação de Mestrado do pesquisador Luciano de Carvalho Lirio e em eventos científicos, congressos, simpósios, palestras ou periódicos científicos que possam corroborar com o desenvolvimento da Educação e da Teologia. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.
6. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo servirão de base para estudo e melhor compreensão da adolescência evangélica na Igreja Batista Conservadora.

A identificação das pessoas envolvidas será preservada no anonimato. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados.

7. **Benefícios:** ao autorizar esta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o adolescente evangélico, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa auxiliar aqueles que trabalham com adolescentes e os próprios adolescentes da Igreja Batista Conservadora, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.
8. **Pagamento:** o adolescente não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto, preencha, por favor, os itens que se seguem:

#### **Consentimento Livre e Esclarecido**

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em autorizar o(a) meu(minha) filho(filha) a participar da pesquisa.

---

Nome do Responsável

---

Assinatura do Responsável

---

Nome da(o) Participante da Pesquisa

---

Assinatura da(o) Participante da Pesquisa

---

Assinatura do Pesquisador

---

Local e data

#### **TELEFONES**

**Pesquisador:** (51) 82171685

**Orientador:** (51)3037-1364

**Nome e telefone de um membro da Coordenação do Comitê de Ética em Pesquisa:**

Walmor Ari Kanitz – (51) 2111-1419

QUESTIONÁRIOVocê e sua família

1) Você nasceu em um lar evangélico?

Sim       Não

2) Se a resposta acima foi não, há quanto tempo você está na Igreja?

1-3 anos       4-6 anos       7-9 anos       10-12 anos       13-15 anos

3) Qual é a religião dos seus pais?

A mesma igreja       Outra Igreja Evangélica       Católica       Espírita  
 Religiões afro-brasileiras  Outra religião       Nenhuma Específica

4) Você considera a família importante?

Sim       Não

5) Explique :

---

Você e a sua Vida Denominacional

6) Você se considera uma pessoa convertida?

Sim       Não

7) Você é batizado nas águas?

Sim       Não

8) Você é batizado com o Espírito Santo?

Sim       Não

Você e sua Vida Cristã

9) Você lê a Bíblia?

Sim       Não

10) Com que frequência?

Raramente     Às vezes     Muitas vezes     Sempre

11) Você assiste à Escola Bíblica Dominical?

Sim     Não

12) Com que frequência?

Raramente     Às vezes     Muitas vezes     Sempre

13) Você assiste aos cultos durante a semana?

Sim     Não

14) Com que frequência?

Raramente     Às vezes     Muitas vezes     Sempre

15) Você ora em casa?

Sim     Não

16) Com que frequência?

Raramente     Às vezes     Muitas vezes     Sempre

### Você e a Mídia

17) Você possui celular?

Sim     Não

18) Você assiste televisão?

Sim     Não

19) Com que frequência?

Raramente     Às vezes     Muitas vezes     Sempre

20) Você usa a internet?

Sim     Não

21) Com que frequência?

Raramente     Às vezes     Muitas vezes     Sempre

22) Você tem e usa sites de rede social?

Sim     Não

23) Com que frequência?

Raramente     Às vezes     Muitas vezes     Sempre

Você e o mundo gospel

24) Você assiste a programas evangélicos pela Televisão?

Sim     Não

25) Com que frequência?

Raramente     Às vezes     Muitas vezes     Sempre

26) Você visita sites evangélicos?

Sim     Não

27) Com que frequência?

Raramente     Às vezes     Muitas vezes     Sempre

28) Você visita outras denominações?

Sim     Não

29) Com que frequência?

Raramente     Às vezes     Muitas vezes     Sempre